Diário de Lisboa

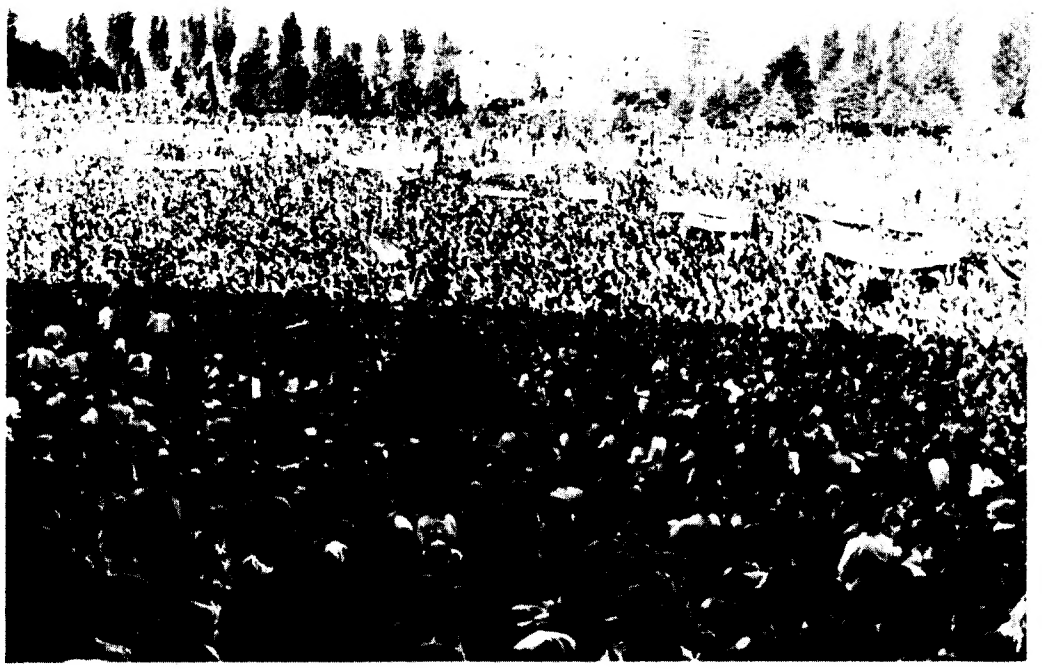
ANO 55.º/18745 4$00

SEGUNDA-FEIRA 21 ABRIL 1975

Fundador **Joaquim Manso** Director **A Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

ÚLTIMO FIM-DE-SEMANA DA CAMPANHA ELEITORAL

PODEROSA AFIRMAÇÃO POPULAR



Flagrantes do comício com que o P. S. fez culminar ontem à tarde no Estádio 1.º de Maio, a sua «Festa de Unidade Socialista». Entretanto, antes e depois, um número incontável de militantes e simpatizantes percorreu Lisboa dando largas à sua fé partidária. O Rossio pejado de gente foi uma das imagens dessa concentração, animada à hora do almoço com piqueniques um pouco por toda a parte.

. O último fim-de-semana da campanha eleitoral foi marcado por grandiosas manifestações populares de apoio aos principais partidos políticos. E houve ainda milhares de reuniões de menor importância em todo o País.

Em Lisboa, a Festa da Unidade Socialista, promovida pelo Partido Socialista, reuniu no Estádio 1.º de Maio uma multidão calculada em cerca de duzentas mil pessoas. Foi a reunião mais concorrida desde o início da campanha eleitoral.

O Partido Comunista fez uma grande demonstração de força no sábado, enchendo o Estádio das Antas, no Porto, local que o P. P. D. escolheu, ontem, para a sua principal reunião da campanha.

Entretanto, pelo Alentejo, Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista Português visitou as sedes dos três distritos, falando em comícios gigantes onde a reforma agrária já decretada foi um motivo de festa popular.

Em Aveiro, no fim-de-semana realizaram grandes comícios o P. P. D. e o C. D. S., enquanto outros partidos, como o M. E. S., a F. E. C., a F. S. P. e a U. D. P. organizavam em Lisboa, Porto e outras capitais de distrito as suas intervenções mais significativas.

No que respeita a outro partido da coligação governamental — o M. D. P./C. D. E. — organizou também em Lisboa, durante o dia de ontem, a sua festa-comício mais significativa, até ao momento, enchendo a Praça do Campo Pequeno e deixando de fora, em confraternização no jardim, milhares de pessoas que não couberam no interior do recinto.

Além destas reuniões, os partidos envolvidos na batalha eleitoral levaram a cabo milhares de comícios e sessões de esclarecimento de menor monta, em aldeias, vilas e cidades por todo o território nacional.

Algumas organizações realizarão quarta-feira — último dia da campanha — grandes manifestações populares de massas. É o caso do Partido Comunista Português, que nesse dia, à noite «regressa» ao Estádio 1.º de Maio, em Lisboa, para o seu grande comício final.

Entretanto, encontram-se praticamente constituídas, em todo o País, as mesas de voto, faltando indicar os respectivos presidentes.

(Noticiário da campanha nas págs. 4, 5, 6 e 7).

O PROJECTO DE SINES EM CONTESTAÇÃO

Milhões de contos em causa uma revisão urgente

(pág. 4)

ZAIRENSES NA F.N.L.A.

(pág. 9)

24 PÁGINAS

PROGRAMA NACIONAL DE EMPREGO

ARRANQUE EM BREVE

. Atingir o máximo aproveitamento dos recursos humanos disponíveis é o objectivo essencial do Programa Nacional de Emprego, que o Conselho de Ministros apreciará muito brevemente, talvez ainda esta semana. Aquele objectivo será atingido através da redução ao mínimo da tendência à redução de postos de trabalho de eficácia ecc nómica e social, no quadro geral de uma economia em transição para o socialismo; criação de postos de trabalho produtivos e remuneradores, através de projectos e acções com eficácia económica e social; acções visando a reconversão e formação profissionais dos recursos humanos nacionais; acções destinadas a amortecer a pressão da procura do emprego.

O Programa Nacional de Emprego será evolutivo, estando decidido que o seu desenvolvimento seja demarcado por fases, à medida que seja possível identificar e desencadear acções e projectos de manutenção e criação de novos postos de trabalho. Sabe-se, por outro lado, que cada fase será amplamente divulgada ao País, comprometendo-se o Governo perante o povo português a esclarecer sobre os resultados obtidos, dificuldades e obstáculos encontrados e a explicar os motivos dos atrasos registados.

Segundo conseguimos saber, a primeira fase (imediata) do Plano envolve o compromisso de várias acções, nomeadamentr o lançamento no prazo máximo de 20 dias de programas ou projectos de novos postos de trabalho no sector da construção civil, com indicação das entidades responsáveis pela respectiva execução.

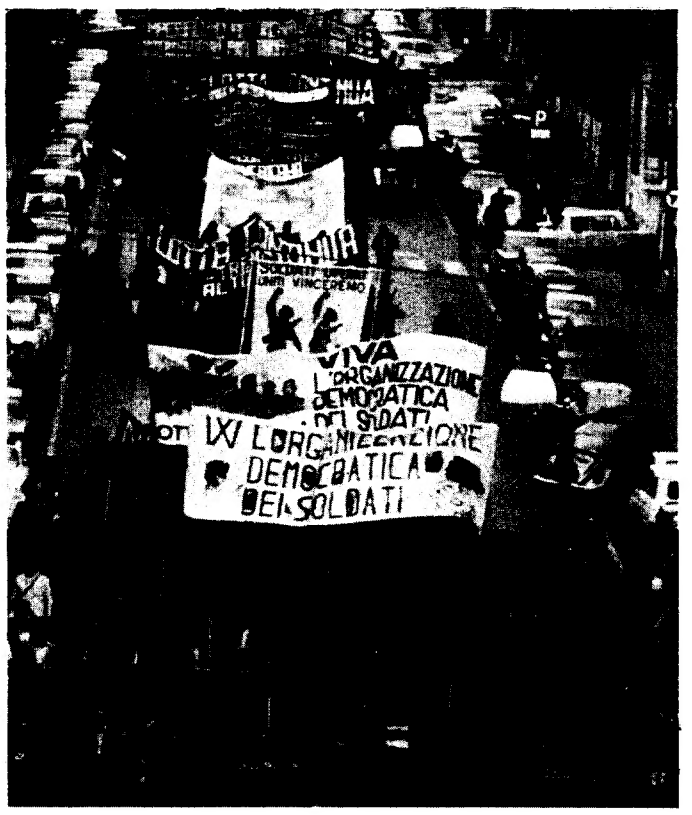
Ainda na primeira fase, es-

Continua na pág. 5

No estádio das Antas, no Porto, o Partido Comunista Português organizou o seu maior comício no Norte do País dentro da actual campanha eleitoral. O secretário-geral do Partido Álvaro Cunhal, atacou fortemente a conduta política do P. P. D. (Pág. 6).

EM ROMA

60 mil pessoas com a revolução portuguesa



ROMA, 21 — (Do jornal «Lotta Continua») — (Especial para o D. L.) — A população romana e milhares de turistas que afluem à cidade por ocasião do Ano Santo assistiram anteontem à tarde a um espectáculo insólito: um grande cortejo cheio de bandeiras vermelhas e dos movimentos de libertação das ex-colónias portuguesas atravessou o centro da capital à hora de «ponta». Era uma manifestação a favor de Portugal.

Correspondendo ao apelo lançado por «Lotta Continua» e secundado por organismos estudantis e operários comités anti-imperialistas e várias individualidades, mais de 60 mil pessoas participaram no grande acto de solidariedade com o processo revolucionário português, com o M. P. L. A. e contra o imperialismo e a reacção.

«Lotta Continua» tinha lançado o apelo à mobilização há duas semanas, após uma reunião do seu Comité Central

Continua na pág. 20

Apenas nove produtos têm preço congelado

. Por resolução do Conselho de Ministros de 15 de Abril, os preços de alguns bens alimentares de primeira necessidade ficaram congelados até ao fim do ano em curso.

A relação desses bens alimentares é a seguinte: pão, azeite, açúcar, leite, carne, bacalhau, farinhas, margarinas e frango.

Alguns órgãos de informação ampliaram indevidamente esta lista de bens, confundindo-a com a lista de produtos sujeitos ao regime de preços máximos e controlados, que regularmente tem sido difundida pelo país.

Para completo esclarecimento da população, informa-se que da lista dos produtos com preços agora congelados só o pão, azeite, açúcar, leite e bacalhau, farinhas, margarinas e carne de bovino adulto, se encontram sukeitos ao regime de preços máximos.

Os restantes bens alimentares constantes daquela lista, sujeitos ao regime de preços livres, passam a ficar com os preços congelados, ao nível dos preços praticados em 15 de Abril. Estão nestas condições: lombo e vazio da carne de bovino adulto, carnes de vitela, porco, cavalo, borrego, cabrito, carneiro e frango.

Ficam ainda com os preços congelados os açúcares especiais e embalagens de 10 e 12 gr. de açúcar granulado, bem como o pão de centeio, milho, alvo regional, enriquecido, dietético, tosta, afins de pão, pão de forma e pão de farinha espoada de trigo fabricado em unidades de 30 gr.

Contudo, não se podem definir preços máximos para estes bens (como erradamente foi divulgado para o preço do quilograma da carne de frango), mas sim considerar que os preços foram congelados ao nível dos que estavam a ser correntemente praticados em 15 de Abril.

A principal garantia de que os preços destes produtos, não serão aumentados especulativamente, reside na vigilância exercida pela população junto dos fornecedores habituais, assegurando-se de que os preços não sofrem alteração depois daquela data.

Para tal, a população conta com o apoio da Fiscalização Económica e das autoridades em geral, para reprimir as acções especulativas que forem detectadas.

De sábado a segunda

Fim-de-semana violento

Foi um fim-de-semana violento, este. Além de um linchamento, facto pouco vulgar entre nós, há a assinalar uma desordem com tiros, danificações num restaurante (onde um cliente se recusou a pagar a conta), um assalto numa estrada e os habituais acidentes de viação. Estes, entretanto, assumiram um volume quase aterrador: assinalámos nada menos que oito mortos na estrada e um trucidado pelo comboio, além de numerosos feridos.

O linchamento ocorreu em Quarteira, no Algarve. Um cabo-verdiamo, de nome Bartolomeu, de 47 anos, agrediu à navalhada, sem qualquer motivo, o marítimo Joaquim José Cláudio Alegre, de 37 anos. Imediatamente, alguns populares em fúria lincharam Bartolomeu. Os cadáveres de ambos foram depositados na casa mortuária do hospital de Loulé. Um outro marítimo, Idalino Josué Cangalninha, de 33 anos, foi atingido com cinco navalhadas, pelo que recolheu ao hospital de Faro, em estado grave.

A desordem com tiros, de que resultaram dois feridos, ocorreu na Avenida Almirante Reis, aos Anjos, em Lisboa, envolvendo igualmente cavo-verdianos. Um jovem cavo-verdiano, de 19 anos, agredia selvaticamente uma mulher de 32 anos, natural de Braga. Aos gritos desta, acorreram populares e vários conterrâneos do agressor. A desordem assumiu tais proporcões que obrigou à intervenção da P.S.P. Dois cabo-verdianos atacaram à navalhada um dos guardas que, para se defender, sacou da pistola e fez dois disparos, daí resultando ficar um dos agressores ferido numa coxa. Outro cabo-verdiano, perseguido por populares, veio a ficar também ferido numa perna, devido a um tiro, que, no entanto, não foi disparado pela Polícia.

■ NO RESTAURANTE

As danificações atrás referidas verificaram-se no restaurante «Tinita», na Buraca, onde um cliente se recusou a pagar a conta, argumentando que «quem agora mandava era o povo» e que tinha saído da cadeia há 15 dias e não se importava de voltar para lá. Travou-se discussão, tendo a certa altura o caloteiro ameaçado o gerente de que ia buscar a sua pandilha ao Bairro da Boavista. O que fez: às 3 e 30 da madrugada, mais de 20 indivíduos, munidos de paus e pedras, levaram a cabo um completo «trabalho de destruição» do estabelecimento, depois de neutralizarem o guarda nocturno. Compareceram forças do COPCON e da G.N.R. Esta procura os desordeiros.

■ O ASSALTO

Três jovens de barbas que viajavam num automóvel, ofereceram ao lavrador Cristo, de 63 anos, residente em Lagares, quando este caminhava na estrada em direcção a Penafiel, uma boleia até Paço de Sousa. Este aceitou. Percorrido um quilómetro, os meliantes forçaram-no a entregar todo o dinheiro que levava consigo: dois contos. Apontaram-lhe uma pistola e feriram-no com duas navalhadas. Depois, deixaram-no na estrada a sangrar, até que foi socorrido e levado, dada a gravidade do seu estado, para um hospital do Porto.

■ OS MORTOS NA ESTRADA

Acidentes mortais de viação ocorreram nos seguintes locais: na recta Alcácer do Sal-Grândola (em que perderam a vida, devido a choque de automóveis, o trabalhador Joaquim Matos de Jesus, de 24 anos, solteiro, e um indivíduo de identidade desconhecida, aparentando 45 anos); em Matosinhos (em que pereceu, por despiste de automóvel, o montador electricista José Manuel Lopes Fernandes, de 22 anos); em Moreira da Maia (onde, num embate de carros, morreram o vendedor Arnaldo Duarte Maia, de 48 anos, e sua esposa, D. Maria Arminda Botelho Maia, de 28); e na Ponderosa, Estrada Nacional 1 (em que pereceram três pessoas, cujas identidades se desconhecem à hora em que escrevemos).

■ TRUCIDADO

Na Baixa da Banheira, e a poucos metros da sua residência, foi mortalmente colhido por um comboio o corticeiro Alfredo Nascimenro Silvério, de 42 anos, casado, natural de Alcantarilha (Algarve). O cadáver foi depositado na casa mortuária do hospital de Alhos Vedros.

NAMORA REEDITADO EM FRANÇA

. Na colecção «Poetes e Prosateurs du Portugal», publicada em Paris pela Fundação Gulbenkian em colaboração com a editora Presses Universitaires de France, acaba de sair a segunda série de «Retalhos da Vida de um Médico» de Fernando Namora, sob o título «Les Journées d'un Médicin».

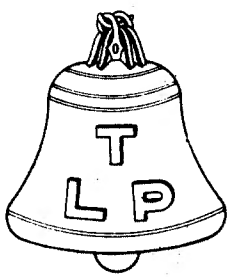
A tradução é de Françoise Laye e a extensa análise crítica que acompanha esta edição é de Eduardo Lourenço.

A tradução francesa da primeira série de «Retalhos da Vida de um Médico» já fora publicada, há anos, sob o título «Carnet d'un Médecin de Campagne».

Manifestação contra a lei de ocupação

. Num plenário realizado no último sábado, na Escola Preparatória Manuel da Maia, em Lisboa, com a presença de cerca de uma centena de pessoas de alguns bairros da capital, moradores e ocupadores de casas, foi discutido, tão profundamente quanto possível, o Decreto-Lei 198/A/75, sobre habitação e ocupações, tendo os participantes chegado à conclusão de que esse documento legal «não defende os interesses do povo».

Por isso convocaram uma manifestação de protesto contra a publicação de tal decreto, que se iniciará amanhã, às 18 e 30, em frente ao Instituto Superior Técnico e se deslocará, pela Almirante Reis, Praça da Figueira, Rua do Ouro, S. Paulo e Avenida D. Carlos, até S. Bento, finalizando com comício.



TELEFONES DE LISBOA E PORTO

ASSINANTES COM NUMERAÇÃO INICIADA POR «21»

Na noite de 18 para 19 do corrente, efectuou-se a mudança de numeração de 1600 postos telefónicos com o prefixo numérico «21» por ficarem ligados à nova Central Automática de Miraflores.

CONSULTE A LISTA N.º 93

MUITA ATENÇÃO, ANTES DE MARCAR «21» CONSULTE A LISTA

INCÊNDIO NA GEL-MAR

"Um acto da reacção"

— afirma a comissão de trabalhadores

«O incêndio da Gel-Mar encontra-se já nas mãos da Polícia Judiciária — afirmou-nos, esta manhã, um elemento da Comissão de Trabalhadores daquela empresa. E isso porque se suspeita de sabotagem.»

. O sinistro registou-se ontem à tarde, tendo ficado destruído o armazém de matérias-primas, o supermercado, as instalações do Grupo Desportivo, uma tulha e diversas arrecadações. Os prejuízos montam (números redondos) a dez mil contos.

Pode dizer-se que as chamas consumiram praticamente todo o «stock» de material para embalagem do peixe que a Gel-Mar distribui pelo País.

Pina Cabral, membro da Comissão de Trabalhadores, reafirmou o que já tinha dito aos matutinos:

. «O incêndio deve ter sido um acto da reacção. Não foi acidental. Atente-se que um cabo por onde passa o gás se encontrava cortado.»

. Nessa operação, teria sido utilizado um instrumento «como navalha ou faca».

«Não temos provas em nosso poder — acentuou Pina Cabral —, mas certamente que elas chegarão às nossas mãos. Caso o incêndio tenha sido provocado pela reacção, é de lamentar que ainda haja pessoas que não aceitaram o 25 de Abril.»

. Sem embalagens, como distribuir o peixe ao público? A Comissão de Trabalhadores já decidiu: distribuirá o peixe em embalagens sem a marca da Gel-Mar. Necessário é que o peixe chegue ao consumidor, mesmo que, nos primeiros tempos, «dê prejuízo à empresa».

Recorde-se que tendo recentemente passado a ser gerida por uma Comissão Administrativa, «a Gel-Mar vê agora aumentadas as dificuldades já existentes».

Efectivamente, de acordo com outro membro da Comissão de Trabalhadores, José Eduardo Sabrosa, «o prejuízo diário, para já, ronda os mil contos».

Quanto a uma operação de sabotagem, levada a cabo pela reacção, José Eduardo lembra que «o local foi bem escolhido, pois se fosse em qualquer outra zona era impossível suceder isto. O sector das pescas é um dos mais vitais para a nossa economia. Sabemo-lo nós, e sabe-o a reacção». Daí, pois, o ataque dos que até à data menosprezaram o 25 de Abril.

"Il Giorno" não entrevistou o bispo do Porto

O Ministério da Comunicação Social emitiu o seguinte desmentido:

. «Em relação à notícia aparecida na Imprensa, esclarece-se, a pedido e segundo informação do sr. Franco Pierini, enviado em Portugal do jornal «Il Giorno», de Milão, que não só o referido jornal não publica qualquer entrevista com o bispo do Porto, mas que também não houve qualquer contacto para esse efeito.»

A C.I.P. PARTICIPA NUM ENCONTRO DA O.I.T.

Uma organização patronal portuguesa, a C. I. P. (Confederação da Indústria Portuguesa) estará presente no encontro da O. I. T. para o estudo da igualdade de oportunidades e de tratamento dos trabalhadores da região europeia, a realizar este mês em Genebra.

Os participantes — 18 especialistas, representando por grupos de seis os Governos, as organizações dos empregados e das dos trabalhadores — ocupar-se-ão especialmente da situação dos trabalhadores, das mulheres e dos trabalhadores na Terceira Idade, no que respeita à igualdade de oportunidades e de tratamento em relação aos outros trabalhadores.

Rádio Clube Português

Comemora hoje o seu 45.º aniversário de actividade o Rádio Clube Português, emissora que tem prestado ao País relevantes serviços e que desde o 25 de Abril passou a ser conhecida por «Emissora da Liberdade».

A todos quantos ali trabalham endereçamos as nossas saudações.

post scriptum

Desventuras em Lisboa

Sou camponesa. Sempre vivi e lutei pela subsistência, em meio político, social e economicamente adverso. Todavia, essa circunstância não obstou a que fizesse da vida árdua uma escola de revolução, trabalhando esforçadamente (lado a lado com meu marido) para a construção de um lar capaz, honesto, e são, no qual coube a dedicação de um filho, culturalmente de bom nível e socialmente progressista. Fomos capazes. Sinto-me feliz por isso. Assim o tivessem feito todo os pais deste país...

Mas...os portugueses viviam no fascismo — que era coisa que nós nem compreendíamos. A ignorância era tomada como destino natural das gentes. O embrutecimento generalizava-se. Tal como a miséria moral, social e económica (embora a capa das aparências quisesse mostrar o contrário...).

Daí a razão da minha carta: brado de unidade pela voz do povo e grito de protesto contra os detractores e inimigos de todos nós. Exemplificando:

. —No dia 17 de Março último, tive de deslocar-me a Lisboa, capital deste «império da pasmaceira». Chegada aí, chovia como Deus a mandava. Sofremos (eu e meu marido) para obter lugar num autocarro, rumo a Campo de Ourique, onde íamos procurar a firma Júlio Nazaré e C.ª Lda. no intuito de resolver um problema de arranjo de máquinas de costura. Mas a chuva estava contra nós. E os embrulhos que transportávamos eram pesados, incómodos (o problema de quem não nasceu dos privilégios, dos bons carros com «chauffeur», etc.). Estávamos (nós aldeões e algarvios) condenados à molhadela, ao insucesso, já que não conhecíamos a zona e o dia estava chuvoso.

Porém, ao nosso lado, depois de algumas palavras alguém compreendeu a nossa situação: um militar aquartelado numa unidade próxima. Imediatamente ficou selada a união povo (que nós somos) — Forças Armadas (que ele é). E o militar anónimo dispôs-se a ajudar-nos. Motivado pela nossa questão, percorreu ruas, de embrulhos na mão, à chuva incessante, impiedosa, e só parou quando nos levou ao destino certo. Uma maçada enorme, que o homem das F. A. cumpriu sempre com um sorriso nos lábios, embora estivesse completamente molhado. Para ele, anónimo e do povo fardado, a saudade e a gratidão, de um casal camponês do Algarve!

. Contudo, uma vez chegados à firma referida, na Rua Correia Teles, onde pretendíamos o arranjo da nossa máquina, de cuja marca aquela casa é representante em Portugal, o contraste entre os que amam e defendem o povo e os que tudo fazem por desprezar os mais humildes, atirando-lhe à cara toda a sua arrogância reaccionária e fascizante, ficou claramente estabelecido.

O patrão-ditador daquele firma, que, aquando da venda da mencionada máquina de costura se mostrara solícito e adulador, tinha agora ares pouco amigáveis, palavras de desprezo e (o que é pior) moralmente ofensivas.

Para ele, eu não passava de «burra». Uma «parva», vinda da província, e outras coisas que tais. Que não lhe aparecesse mais à porta! Nem eu, nem o meu marido — que, «coisa velha», já não prestava para nada...E, a propósito da máquina cuja «cabeça» transportávamos para arranjo, pouco importava. Depois de vendida e paga! A quem procurar arranjo, se a fábrica fica na Irlanda?

. Outra solução, não havia senão retirarmo-nos. Constrangidos, ainda mais, pela miserável lição de despotismo, grosseria e visível antipatia pela gente do campo. É urgente acentuar-se uma política nova de relações entre portugueses. É importante desmistificar os exploradores de mentalidade fascista! É justo apontá-los a dedo. Como também deverá ser salientado o estilo novo das gentes das F. A..

Florinda Rosa — S. Brás de Alportel

Mulher desesperada

As poucas forças que me restavam para procurar emprego, findaram com a carta que vos escrevo, ciente de que só o apoio que o vosso quotidiano me vai dar, como jornal livre ao serviço do povo, me irá dar novas esperanças.

Sou uma mulher com 24 anos e sérios problemas familiares, tendo a meu cargo um filho com 4 anos, para o qual os meus olhos se voltam todos os dias, ao ver que mais um dia passou, sem arranjar colocação para assim nos sustentarmos, vivendo o nosso dia-a-dia.

Há quatro meses que luto com o desemprego, a grande herança que infelizmente o regime capitalista nos deixou sem olhar à enorme miséria que devassa por esse País, de gente tão boa mas ainda vivendo com a recordação dos tão enormes problemas que o regime fascista lhe criou.

Antes, trabalhei, em Setúbal, mas como poderia eu sustentar uma vida assim, se me levantava às 5 e 30, para apanhar uma série de transportes, a fim de me encontrar no local de trabalho à hora marcada?

. À noite, a hora de regresso a casa, verificava-se sempre às 20 e 30, sem poder prestar a assistência de que um filho pequeno necessita separado de mim e não tendo os carinhos que todas as crianças gostam de sentir.

Portanto, apelo à generosidade de todos vós, pois não sei que mais voltas hei-de dar.

Tenho o 5.º ano liceal, sei dactilografia e possuo alguns conhecimentos de contabilidade, mas quero acima de tudo trabalhar para não ser mais um ser humano frustrado na vida. O meu telefone é o n.º 934112.

Alice Custódio — Lisboa

DIAS DIFÍCEIS PARA UM FUTURO CERTO

Em linhas gerais as recentes medidas do Governo Provisório são o ponto de partida para a transformação das estruturas monopolistas e latifundiárias da nossa economia num processo de socialização. Estão, pois, em causa o controlo dos sectores básicos, a reforma agrária e os transportes, numa definição de coerência com uma linha revolucionária até aqui esboçada à custa de sobressaltos e de contradições.

A essa coerência — ou a essa lógica política — não foram estranhas certas pressões de aceleração que se revelam habitualmente como componentes sensíveis de um contexto de crise. O desemprego e a alta de preços, acima de todos. E mais: a instabilidade da pequena e média indústria, dos pequenos e médios agricultores e proprietários, perante a inércia da intervenção económica. Grande parte do seu cepticismo e da sua inquietação residia em se saberem em liberdade de concorrência com o velho grande capital que até há pouco os manietava e, contraditoriamente, em continuarem a necessitar dele, do seu aval. Um descontentamento de raízes concretas ensombrava, e ensombra ainda, estas áreas do trabalho nacional mas às raízes objectivas de opressão não tardaram a juntar-se todos os alarmismos fomentados pelos dententores dos monopólios.

Por outro lado, as dificuldades de adaptação às novas relações de trabalho afectaram, e muito, estes sectores. A fluidez da acção estatal nas questões do trabalho perturbou-os nas suas tentativas de integração no novo estilo de produção. O seu autoritarismo ou a sua rigidez chocaram-se, não só com a contestação correcta mas por vezes com a despolitização das massas trabalhadoras; o enfraquecimento da disciplina dos partidos, face ao ingresso massivo de aderentes, veio dificultar o ritmo útil da escalada laboral, permitindo o espontaneismo e o oportunismo.

Com tudo isso, a reivindicação operária foi-se politizando rapidamente num ajustamento ao processo revolucionário. A tal ponto que a pressão das classes trabalhadoras se revelou decisiva na escalada das nacionalizações. Consciente da inoperância de um «status» económico contraditório e desesperado com a paralisia legalista das acções de saneamento, ela foi direito e a fundo.

Uma profunda viragem na nossa Economia começa, pois, a definir-se: o fim do sistema de acumulação capitalista dos monopólios e dos grandes agrários.

Cerca de 50 por cento do poder económico encontra-se agora nas mãos do Estado e isso, doa a quem doer, corresponde à eliminação das redes especulativas do capital e dos circuitos parasitários. Doa a quem doer porque, nesse conjunto de operações, também tinha sido arrastada a pequena poupança. Esta, asfixiada pelos grandes financeiros, sem liberdade de iniciativa e de investimento, tinha-se limitado, como se sabe, ao papel marginal de subscritora consentida da Banca e da Indústria.

Naturalmente, a situação desses pequenos accionistas tem estado a ser considerada no passivo das empresas que se nacionalizaram. Se a informação bancária e os serviços de vigilância dos trabalhadores dispõem de elementos apreciáveis sobre o volume das comparticipações da alta finança nas unidades recém-nacionalizadas, o mesmo não se poderá dizer em relação ao accionista anónimo. A modalidade das indemnizações a atribuir-lhe terá de superar os ardis e os jogos do mercado e deverá evitar quaisquer reflexos que sensibilizem a inflação.

Diário de Lisboa

Publicação Fundada em 1921
Prop. da Renascença Gráfica, S.A.R.L.

Com estes e outros pontos em suspenso, o curso das nacionalizações é uma afirmação prática irreversível. Nada leva a crer que marchemos para uma superburocracia ou para um capitalismo de Estado mas que, em vez disso as relações de produção se estabeleçam na coexistência de dois sectores fundamentais:

— um, de natureza estatal, que deriva das nacionalizações e tem de ser gerido em íntima participação dos trabalhadores;

— outro, de natureza privada, alicerçado nas pequenas e médias empresas cuja capacidade económica e financeira importa incentivar.

Numa planificação assim, em paralelo, sobressai a tendência de apoio às cooperativas ou às associações de pequenos/médios produtores e comerciantes, que de resto, há muito se vem pressentido em diversas disposições governamentais.

A participação dos trabalhadores no todo do novo processo económico é a sua grande alavanca criativa e a força que o tornará consequente. Exige-lhes por consequência um esforço de politização que os identifique com os problemas, um conhecimento real dos meios de solução — responsabilidade activa, quer isso dizer.

Num país com 2,9 milhões de analfabetos e quase meio século de esclavagismo, as interpretações apressadas e a ausência de consciencialização têm de ser encaradas no processo evolutivo das massas trabalhadoras. Poêm-se, a curto prazo, como entraves inevitáveis ao rendimento das nacionalizações, mas não deixarão de superar-se pela própria prática e pela consciencialização que dela advém.

Entretanto, a ideia de que nacionalizar corresponde a resolver para já, e de uma vez, toda e qualquer injustiça social é um dos preconceitos mais correntes nos trabalhadores menos informados. Noutros, uma concepção de paternalismo estatal poderá fazer-lhes pressupor o acordo tutelar, incondicional às suas tomadas de posição nos conflitos de hierarquia e de organização. Noutros ainda o Estado eleva-se-lhes como braço de um providencialismo económico, agora e sempre disponível para dar cobertura à reivindicação, qualquer que seja o limite e a oportunidade. Em todos nós, porém, e noutros casos mais, do que se trata é de uma incompreensão da enorme responsabilidade que as nacionalizações conferem aos quadros trabalhadores, integrando-os na gestão da empresa, na vigilância contra a reacção — na produtividade afinal.

É aqui que à acção sindical se atribui uma dinamização de esclarecimento. A motivação dos trabalhadores nesta marcha para o socialismo só pode assentar na comparticipação activa que eles prestarem, inspirados pela competência e pela responsabilidade. Sem isso graves riscos estão à vista. O mais imediato: uma burocratização que iria retardar futuros avanços e comprometer a consolidação das conquistas alcançadas.

Uma reconversão dos salários acompanha necessariamente à expansão das nacionalizações e nesse sentido os primeiros sinais começam já a despontar da actividade governamental. Também aqui as interpretações mais impulsivas e menos responsáveis apregoaram nivelamentos salariais incomportáveis na nossa actual economia. A uniformização de vencimentos aos escalões mais elevados não se afigura aplicável a uma situação de austeridade e de perspectivas tão duras como a nossa. Nem por isso é de antever que não venham a ser desencadeadas campanhas reivindicativas nessa orientação, activadas convenientemente pelos monopolistas desapossados numa tentativa de dividirem os trabalhadores e procurar o caos.

Seja como for, a revisão do leque salarial surge em primeiro relevo, como se previa, entre as urgências provocadas pelo movimento nacionalizador. Trata-se no plano da justiça social de proporcionar o acesso ao bem-estar de profissões desfavorecidas relativamente a outras a quem se atribuíam privilégios de «casta». Isto sem que, evidentemente, se deixem de considerar os indispensáveis coeficientes de valorização ou de especialidade em cada escalão profissional.

A importância de uma revisão desta ordem (em que se joga, até, com factores de distribuição geográfica) é tal que dela depende a expressão que vamos assumir. Trata-se não somente de estebelecer novas correspondências do poder de compra, que mais tarde se hão-de reflectir na generalidade dos portugueses, como de modificar padrões de vida e todo um tipo de relações e de convívio social.

No plano político é evidente, em primeiro lugar, que estas medidas revolucionárias traduzem uma identificação muito directa do Governo com o Conselho Superior da Revolução, que em esquemas de orientação económica, quer em dinamismo de acção. Directamente, e com enquadramento mais vasto, é o binómio POVO-M.F.A. que sai reforçado da Operação Nacionalização, uma vez que as pressões populares tiveram nela um papel preponderante, afirmando, desde o início, como escalonamento para o socialismo. A partir daqui não só é possível apercebermo-nos dos contornos da futura organização económica de Portugal como adiantarmos alguns dos seus reflexos políticos imediatos.

A participação, sempre mais ampla, das massas trabalhadoras nas tarefas da reconstrução do País será o ponto capital a assinalar, e esse facto terá de influenciar fortemente as eleições à vista. De resto, o apoio às nacionalizações que os Partidos em candidatura divulgaram prontamente (execepção feita ao C.D.S.) comprova significativamente o interesse de todos eles em não se isolarem do enorme espaço eleitoral constituído pelas massas trabalhadoras.

Outro reflexo político a considerar será o reforço das autarquias locais, num caminho que até agora se tem vindo a aclarar mas que passará a definir-se com intensidade e em expressões de independência. Na base dessa tendência está a preocupação de descentralizar o desenvolvimento do sector público com objectivos, principalmente, de desenvolvimento regional e de fixação de novas populações.

Mas a muito mais curto prazo, uma certeza se impõe: a de que nem as eleições, nem a futura Constituição poderão escapar ao impacto da grande viragem económica que se está a processar. Sejam quais forem as vozes da Assembleia, sejam quais forem as intenções que venham a formular a nossa cidadania a situação criada tem forças de sobejo para ser nela contemplada como vector essencial da nossa orientação socioeconómica. Só com incalculáveis riscos a linha socialista que foi agora traçada com tão inequívoca determinação poderá ser desviada por decreto ou por sofisma.

Nacional

SINES: QUE PROJECTO ?

NOVE MILHÕES EM JOGO

Por PUPPE DOS SANTOS

Em artigo anterior («Diário de Lisboa», 25 de Março) pretendeu dar-se uma ideia geral do projecto portuário a implantar na Área de Sines, evidenciando-se a hipótese de substituir o quebra-mar actualmente em construção por uma monoboia a localizar mais próximo da refinaria.

Tal hipótese, a ser concretizada, pouparia cerca de 9 milhões de contos de investimentos em infra-estruturas, poupanças que agora, com a nacionalização da PETROSUL e enveredando o Governo definitivamente por uma via socializante, haverão que ser encaradas exaustivamente. Não se trata mais de fazer o jeito ao grande capital monopolista, maximizando os custos Estatais para maiores benfícios do capital privado, mas haverá que determinar, tanto quanto possível exactamente, o custo/eficácia das infra-estruturas que agora vão ser realizadas, para tornar menos onerosos os custos dos produtos da industria-base a criar.

Vejamos então mais detalhadamente como se poupariam 9 milhões de contos; sem diminuição de eficácia.

PARA QUE SERVE O QUEBRA-MAR OESTE?

No projecto actual, designado 1.° fase, o quebra-mar terá um cumprimento de cerca de 2 km, abrangendo na sua fase interior, três postos de acostagem para grandes petroleiros. Junto ao seu enraizamento iria ser construído um terminal para escoamento dos produtos da refinaria.

Sendo assim, a obra construida nessa primeira fase, serviria exclusivamente para:

a) Alimentar a refinaria com as ramas necessárias à sua laboração.

b) Escoar os produtos da refinaria e da petroquímica através do terminal de refinados.

c) Alimentar os armazéns de ramas a construir no Cabo de Sines, para posterior trasfega para navios mais pequenos, em negócio de revenda.

Uma outra pretensa utilidade do molhe Oeste seria dar abrigo às outras obras que viessem a ser construídas na zona da praia de Sines e a poente da vila, junto ao actual porto de construção.

Ora aqui é que é preciso ter muito atenção, pois que as meias verdades se podem transformar rapidamente em mentiras.

A obra do molhe Oeste, que custaria os tais 10 milhões de contos, não dará de facto abrigo efectivo às outras obras. Por isso é que se lhe chamou 1.ª fase, querendo certamente com isso dizer-se que essa primeira fase só serviria às finalidades atrás mencionadas.

Para o molhe dar abrigo às obras que serviriam a zona industrial de Sines, teria que ser prolongado mais cerca de 600 metros, numa 2.ª fase, a profundidades de 50 metros. Muito interessante. E quais os custos que tal prolongamento envolve? Nada se sabe.

O que se sabe com os levantamentos hidrográficos efectuados é que muito próximo da extremidade do prolongamento, há maciços rochosos submarinos que teriam que ser partidos para facilitar a entrada dos grandes navios.

O que não é certamente muito económico.

Assim, em linhas gerais, verifica-se que a obra em execução só servirá a zona industrial de Sines (carga geral, contentores, etc.) com vultosos investimentos suplementares. Quanto? Haverá que saber.

O CALCANHAR DE AQUILES

Demonstrado que a obra em execução só serve a refinaria e o «negócio de entreposto», resta agora determinar se de facto o negócio do entreposto é viável e se justifica 9 milhões de contos de investimento, mais o custo dos armazéns.

Isto porque se admite a possibilidade de vir a alimentar a refinaria por uma monobóia, sendo os produtos refinados escoados via marítima, por um terminal idêntico ao actualmente projectado mas abrigado por obra a construir a nascente da vila e que deveria ter a flexebilidade suficiente para permitir as entradas e saídas de produtos necessários à zona industrial de Sines.

Vê-se assim que o «negócio do entreposto» terá que justificar, por si só, um investimento de 9 milhões de contos, tornando-se o «calcanhar de Aquiles» do projecto. Será realmente difícil justificar tal investimento num negócio que foge inteiramente ao nosso controlo, sabido que nem somos produtores, nem temos os círcuitos de comercialização na nossa mão.

Resumindo, se não for inteiramente justificado o «negócio de entreposto» haverá que tomar a decisão urgente de interromper as obras do molhe Oeste, concentrando o esforço do empreiteiro em obras a definir com urgência, a poente da vila. O que parece possível.

POUPAR-SE-ÃO SÓ 9 MILHÕES DE CONTOS?

Mas se fizermos uma análise mais detalhada dos custos estimados, verificaremos que as poupanças podem ainda ser maiores. Assim:

HIPÓTESE PORTUÁRIA ACTUAL:

Obra civil actual (sob contrato)	3 milhões
Adicionais prováveis à obra civil actual	2 milhões
Apetrechamento terminal petroleiro	3 milhões
Apetrechamento geral portuário	1.5 milhões
Tancagem armazém	0.5 milhões
SUBTOTAL	10 milhoëes
Adicionais necessários para o porto de Sines:	
Prolongamento Molhe Oeste (2.ª fase)	2 milhões
Construção porto polivalente p/servir a zona industrial	3.0 milhões
Apetrechamento geral do porto (2.ª fase)	1.0 milhões
TOTAL	16 milhões

HIPÓTESE PRECONIZADA:

Mónoboia	0.3 milhões
Pipelines submarinos	0.4 milhões
Apetrechamento terminal de refinados	0,5 milhões
Porto polivalente	3.0 milhões
Apetrechamento geral	1.2 milhões
Tancagem suplementar (trasfega para Leixões)	0.2 milhões
TOTAL	5.1 milhões

Isto sem contar com as poupanças na manutenção de toda a obra civil e apetrechamento portuário, resultante da obra passar a ser muito menos batida pelo mar, com as reduções de custo a obter com a diminuição do comprimento dos «pipe-lines» entre a refinaria e o enraizamento da monobóia manutenção de rebocadores e restante apetrechamento, energia, etc.

GENERALIZAÇÕES ADMISSÍVEIS?

Desconhece-se o resto do projecto. Enfermará ele de idênticas soluções alternativas? Conviria averiguar.

RELATÓRIO TAYLOR-ECKAUS

Houve uns consultores americanos, Taylor e Eckaus que fizeram recentemente um relatório de análise ao projecto de Sines. Até quando é que esse relatório continua «reservado»? Porque não discuti-lo publicamente?

Mesmo que seja pessimista, não será melhor denunciar os pontos controversos?

Intersindical aconselha o voto em branco

«A Intersindical Nacional alerta todos os trabalhadores para a grave responsabilidade que assumem na escolha dos seus representantes na Assembleia Constituinte. Entende ainda que os trabalhadores não suficientemente esclarecidos têm também o dever de votar. Mas nesta situação devem fazê-lo, votando em branco» — esta foi uma das propostas aprovadas no Plenário Extraordinário da Intersindical, que se realizou este fim-de-semana na cantina dos Ferroviários da Estação do Rossio, com a participação de representante de mais de cem sindicatos.

Depois de aprovar por unanimidade e aclamação as recentes medidas de nacionalizações, a Intersindical Nacional propõe-se «esclarecer os trabalhadores sobre o alcance económico, social e político das nacionalizações; combater as tendências «auto-gestionárias» ou «co-gestionárias», cujas consequências são a divisão dos trabalhadores e o desvio das organizações sindicais dos seus objectivos e combater as objecções reaccionárias que, apelidando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado», mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução».

«Política salarial», «Con-

Continua na pág. 5

SESSÕES E COMÍCIOS PARA HOJE

F.E.C.-M-L)

Na Marinha Grande; na Sociedade Filarmónica Recordação Apoio, Ajuda (Lisboa); na Colectividade do Calhariz de Benfica (Lisboa); e no Grupo Instrução e Desportos «Os Peixinhos», ao Alto de S. João (Lisboa), todas às 21 e 30.

Haverá ainda sessões em Grândola, Setúbal, Monte Gordo, Vilar de Mouros (Viana do Castelo), Condeixa-a-Velha, Alcarraques (Coimbra), Miragala, Nevogilde, Paranhos, Ramalde, Santo Ildefonso, Sandim, Vila Nova de Gaia, S. Mamede, Soutelo, Maia, Matosinhos, Feira Nova, Lavra, Campanhã e Rio Tinto, no distrito do Porto e também em Camacha (Funchal).

F.S.P.

Na Academia de Instrução e Recreio Luís Almeida Grandela, com Almiro Moreira, Arnaldo Madureira e Neto Rebelo, às 21 e 30; na Academia Recreativa de Santo Amaro, com Jorge Ramos, às 21 e 30; na Robialac, em Sacavém, às 18 horas; no Grupo Recreativo de Tercena, com Fernanda C. Gomes e Marinho de Abreu, às 21 e 30; na Academia Recreativa de Linda-a-Velha, com Carlos Oliveira, às 21 e 30; na Casa do Povo de Vialonga, às 21 horas na Sociedade de A da Beja (Belas), com Fernando Pereira e Almiro Moreira, às 21 e 30; na Casa do Pessoal da Sacor (sede), com José Luis Ferreira, às 18 e 30, e no Grupo Recreativo de Cabeço de Montachique, às 21 e 30.

Haverá ainda sessões em Leiria, Coruche Pego (Santarém), Artiga (Santarém) e Santa Eulália (Portalegre), às 21 e 30 e também na Praia da Rocha e Vila Nova de Cacela, ambas às 22 horas.

Distrito de Viseu: Nelas, Beijós, S. Miguel do Outeiro e Chã de Tavares, todas às 21 e 30.

M.D.P./C.D.E.

No Teatro Adoque, em Lisboa, para bancários, com Daniel Cabrita e Pereira de Moura, às 18 e 30; nos Bombeiros de Odivelas, com Felicidade Alves, às 21 horas; na Ericeira, com António Galhordas, às 21 e 30; na Covilhã, com José Tengarrinha e Graciete Baptista, às 21 e 30; em Alcobaça com Alberto Branco e Ezequiel Vicente, às 21 e 30; em Montemor-o-Velho, com Orlando de Carvalho, Braga Temido e Deolinda Pessoa, às 21 e 30; em S. Brás de Alportel, com Campos Lima, Laginhas Serafim e Francisco Guerreiro, às 21 e 30, e ainda em Moura, Odemira e Almodovar, no distrito de Beja, às 21 horas; I.A.N.T. (Avenida 24 de Julho), às 17 e 30; nas oficinas da C.P.E., em Sacavém, com Lindim Ramos e Cavalheiro, às 17 e 30; na Carris (Amoreiras), com Fernando de Carvalho e Artur Jorge, às 18 horas; e ainda na Sociedade Dramática de Carnide, com Modesto Navarro; Alhandra, com Mário Casquilho e Ana Maria Alves; no Cine-Teatro de Alverca, com Joaquim José Dias; em Outeiro de Cabeça; em Monte Redondo (Torres Vedras); em Santana de Carnolo (Alenquer); na Cureira (Paço de Arcos), com Jorge de Carvalho; na Casa do Povo de Livramento (Mafra), com Goucha Soares; no Tarujense (Campolide), com Pedro Ramos de Almeida e João Paiva; em Fontanelas (Sintra), com Helena Cidade Moura e António Cavalheiro; na Tabaqueira (Rio de Mouro), com Rui Dantas; nos Combatentes (Campo de Ourique), com Marques Pinto; na Sociedade Recreativa de Murches (Cascais); no Zambujal (Parede), com Henrique Graça e Vítor Soares; na Sociedade Recreativa de Bicesse, com José Maria Sebastião; na Garagem Boa Viagem, Abóboda (Carcavelos), com Alice Vieira; em Reguengo Maior (Lourinhã), em Venda Seca (Belas); em Tala-Meleças (Belas), com Laura Pereira; na Sociedade Filarmónica Fraternidade, em Alcântara, e no Grupo Desportivo da Azambuja, com Levy Baptista e Blasco Hugo Fernandes, todas às 21 horas.

P.C.P.

Na Voz do Operário, em Lisboa, para trabalhadores de seguros, escritórios, hotelaria e caixeiros com Bernardino às 21 horas; nos Bombeiros de Barcarena, com Alda Nogueira, às 21 horas; em Sacavém, com Octávio Pato, José Mata, Jerónimo de Sousa e Marques Ribeiro, às 21 horas; na Lourinhã, com Georgete Ferreira e Lopes de Almeida, às 21 e 30; em Gondomar (Porto), às 21 e 30; em Santo Tirso, com Pina Moura, Fernando Lopes e Virgílio Moura, às 21 horas; nas Minas de Jales (Vila Real), para apresentação dos candidatos Virgílio Carodoso, Alves Manuel da Costa, Maximino Cunha, Margarida Tengarrinha e Lourenço Ventura; em Olhão, às 21 e 30; em Chaves, comício-festa, promovido pela U.E.C. na Sociedade Verdi, às 21 horas; na cantina da C.P. (Rossio), às 18 horas; na Carris (Santo Amaro), às 17 e 30; no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, às 21 horas; na Companhia Nacional de Navegação, às 18 e 15; em Casais Novos (Alenquer), às 21 e 30; em Casais Galegos (Alenquer), às 21 e 30; em Arranhó (Arruda), às 21 horas; na Friantarticos, em Cascais, às 21 e 30; em Chão de Sapo, às 21 e 30; nos bombeiros de Cacém, às 21 e 30; no Grupo Desportivo e Operário, a Entrecampos, às 21 e 30; na Colectividade de Telheiras, às 21 horas; no Sanatório D. Carlos I, em Lisboa, às 21 horas; na Petroquímica, em Lisboa, às 18 horas; na Maternidade Alfredo da Costa, em Lisboa, às 16 e 30; na Direcção-Geral de Recursos Florestais, em Lisboa, às 17 e 45; na Intar, em Lisboa, às 17 e 30; em Carvalhal (Mafra) às 21 e 30; na Sorefame, às 18 horas; na Cometna (Oeiras), às 18 horas; no Sport Algés e Dafunfo, às 21 e 30; na Sociedade Filarmónica de Carnaxide, às 21 e 30; na Sociedade Recreativa de Maceira (Sintra), às 21 e 30; na Fábrica Portugal (Sabugo), às 18 horas; na Fábrica de Cervejas (Vialonga), às 18 horas; na Sonadel (Vialonga), às 18 horas; na Junta Nacional dos Vinhos, em Lisboa, às 18 horas; na Covina, em Santa Iria de Azóia, às 17 e 15; na S.F.U.P. (Pinheiro de Loures), às 21 horas; na Ormiz (Loures), às 18 horas; no Clube Rangel, na Amadora, às 18 e 30, na Prasmetal, na Venda Nova (Amadora), às 18 e 30; nos «Fixes», em Queluz de Baixo, às 18 e 30; na Damalta (Amadora), às 18 e 30; na Truz (Amadora), às 18 e 30; no cinema de Oeiras, às 21 e 30; no Cine-Teatro de Paço de Arcos, às 21 e 30; no Cruz Quebradense, às 21 e 30; em S. Domingos de Carmões (Torres Vedras), às 21 e 30; em Turcifal (Torres Vedras), às 21 e 30; em Ados-Cunhados (Torres Vedras), às 21 e 30; em Abrunheira (Torres Vedras), às 21 horas; na Casa do Povo de Vila Franca de Xira, às 21 horas; no Vale do Carregado (Vila Franca de Xira), às 21 horas, e nas Moagens de Alverca, às 18 horas.

P.P.D.

Em Sela, com Marcelo Rebelo de Sousa, às 21 horas; em Guimarães, às 21 e 30; na Sociedade Recreativa de Torrão do Alentejo; na Sociedade Filarmónica Incrível Almadense, em Almada; na Casa do Povo de Azinheira de Barros (Grândola); na Sociedade Filarmónica Humanitária, em Palmela; em Santana (Sesimbra), em Campo Maior (Portalegre); em Loulé, e em Lagos, todas com início às 21 e 30, e ainda em Riachos (Torres Novas), Fátima, Vidais (Caldas da Rainha), Maiorga (Alcobaça), Casais de Santa Teresa (Alcobaça), Mundão, Repeses e Oliveira de Frades, no distrito de Viseu; Benquerença, Sarnadas do Ródão, Perais (Vila Velha de Rodão), Fratel (Vila Velha de Ródão) e Angra do Heroísmo, às 21 horas.

P.P.M.

Com início às 21 horas, em Castelo Branco, Videmonte, Trinta e Massainhas, no distrito da Guarda; Esperança (Portalegre), Amarante, Vila Caincho, Porto, Penalva do Castelo, Molelos (Tondela) e Sezures (Castelo de Paiva), e ainda em Guimarães, Barcelos e Abrantes, às 21 e 30 e em Sardoal (Santarém), às 18 e 30.

P.S.

Com início às 21 e 30, no Teatro Laura Alves, em Lisboa, com Magalhães Godinho, Mário Mesquita, Manuel Moura, Maria do Pilar e Anselmo Aníbal; no Teatro Vasco Santana, em Lisboa, com Miller Guerra, António Reis, Rui Grácio e Carmelinda Pereira; no Grupo Desportivo de Moscavide; na Academia Recreativa da Ajuda; em Bicesse, no Ginásio Clube de Caselas; no cinema de Belas; na U.C.A.L. (Loures); na empresa Baptista Russo; no Banco da Agricultura, em Lisboa; nos Inválidos do Comércio, em Lisboa; em Sobralinho (Alhandra); nos Bombeiros de Loures; em S. João da Talha; na Imprimarte; na Lusolite; na Romar; e ainda no jornal «O Século», com Marcelo Curto, às 18 e 30; no mercado de Torres Vedras, às 10 horas «meeting», no Cacém, a partir das 19 horas.

Distrito de Coimbra: sessões de esclarecimento, com início todas às 21 e 30, em Olivais (Coimbra), com Salgado Zenha, Maria Barroso, e Manuel Alegre; em Marmeleiro, com Fernando Correia e Sousa Fernandes; em Meães (Montemor), com João Rui e António Arnaut; em Alvares (Góis), com Fernando Martins e Henrique Fernandes; em Ereira (Montemor), com Teresa Freitas e Torgal; em Vila Nova de Ceira, com Carvalho Homem e José Maria e em Tábua, com António Portugal e Manuel da Costa.

Distrito de Setúbal: sessões de esclarecimento, às 21 e 30, no Clube Recreativo do Laranjeiro; na Sociedade União Frogalense (Almada); na Sociedade Educacional e Recreativa de Vila Nova de Caparica; no Clube Recreativo da Ramalha (Almada); na garagem Transmul (Almada); no cinema da Costa de Caparica; nos Bombeiros de Cacilhas; no clube «Os Leças», no Barreiro; na Cooperativa Operária Consumo, em Alhos Vedros; em Canha (Montijo).

P.U.P.

Na Sociedade União Seixalense, no Seixal; na Junta de Freguesia de Odeceixe; na Sociedade Recreativa de Bordeira, e nos Bombeiros Voluntários de Fanhões.

U.D.P.

Em Portimão, no Império do Cruzeiro, Ajuda; na Colectividade de Casais da Marmeleira; na Casa do Povo de Alcochete; Alhos Vedros, Colectividade Bairro Gouveia, todas às 21 horas; e na Colectividade do Cartaxo, às 21 e 30.

VIOLÊNCIA NA CAMPANHA

— 20 feridos em Guimarães

. Vinte e duas pessoas feridas deram entrada no hospital de Guimarães entre as 22 e 30 de ontem e as 2 horas de hoje devido a incidentes verificados com o comício do C.D.S. no teatro Jordão, de Guimarães. Dos feridos alguns ficaram internados devido a tiros de pistola disparados do interior do teatro por elementos do C.D.S. No comício onde estavam presentes Galvão de Melo, Freitas do Amaral e Amaro da Costa, encontravam-se mais de mil pessoas e, no exterior, dois cordões de militares do Regimento de Infantaria 8, de Braga, guardavam o edifício. Milhares de pessoas encontravam-se nas imediações gritando «o fascismo não passará» e «dissolução do C.D.S.». Grande número de manifestantes tentou atravessar os cordões de militares, o que não foi conseguido, tendo estes disparados rajadas para o ar a fim de os intimidar. Mesmo assim, houve momentos em que os populares pareciam ter conseguido atravessar o cordão defensivo constituído também por viaturas. Foi numa dessas alturas que elementos ligados ao C.D.S., a que a população vimaranense chamava de «cinturões vermelhos» (antigos lutadores e indivíduos sem profissão) e que se encontravam junto do teatro, por detrás dos cordões militares, provocaram os manifestantes, dando em seguida vários tiros que causaram feridos, inclusive entre as forças militares. A confusão gerada nessa altura foi enorme e muitos vidros do teatro Jordão ficaram estilhaçados. Os manifestantes afastaram-se depois para as ruas vizinhas.

O comício foi interrompido (falava na altura Galvão de Melo) por um oficial que comunicou o que se passava no exterior. Entretanto eram pedidos reforços, tendo chegado alguns pelotões do Regimento de Artilharia Pesada da Serra do Pilar (Gaia) que foram entusiasticamente aplaudidos pela multidão de manifestantes antifascistas que permaneciam no local. Era 1 e 30 da madrugada.

Estes manifestantes denunciaram imediatamente aos militares chegados a presença de pistoleiros armados no interior do teatro exigindo a sua captura. Os militares detiveram depois dois dos indivíduos armados, que possuíam pistolas. Segundo nos informaram ainda no local um dos detidos é um indivíduo conhecido por «Zé Lingrinhas», ex-operário da construção civil que trabalha para o C.D.S. e vigia os militantes da esquerda em Guimarães. As pessoas citaram também outros nomes ligados ao C.D.S. nestas actividades: o decorador Canário (que acrescentam ser um famoso boémio) e Alfredo Ribeiro («menino bem e profissional da provocação», acrescentaram). Foi também detido ao que nos informaram, o autor do tiro que atingiu o soldado.

Antes das 4 horas da madrugada as pessoas do C.D.S. que se encontravam no comício começaram a sair disfarçadamente e em pequenos grupos. Corria no local a versão de que Galvão de Melo conseguira desaparecer depois do início dos incidentes por uma das portas traseiras do teatro, fortemente protegido. Não obtivemos confirmação deste facto.

Entretanto, um «stand» de automóveis existente no local e pertencente a um elemento do C.D.S. proprietário de um bar na cidade, ficou com os vidros partidos.

O hospital de Guimarães informou-nos que só três dos feridos ficaram internados: António Silva Cunha (em Cirurgia), Diamantino Faria (em Ortopedia, com um tiro numa perna) e o soldado Augusto Castro Silva (natural de Pevidém, em observações). O hospital não nos confirmou, todavia, o internamento de Elísio Dias Ribeiro, operário fabril, que nos disseram ter sido atingido também com um tiro.

INCIDENTES NO PORTO

Houve feridos ligeiros durante as escaramuças verificadas na «baixa» portuense durante a noite e as primeiras horas da madrugada devido à presença de elementos do P.P.D. (alguns dos quais circulavam de carro e com bandeiras) e do C.D.S., por um lado, e de militantes de partidos de esquerda, por outro. A Polícia Militar, armada de espingardas e fazendo uso dos bastões, encontrava-se também na zona da Avenida dos Aliados e Praça da Liberdade para evitar que as confrontações não ficassem pelas palavras. Entretanto, tinham sido arrancados cartazes em pano e papel colocados no local anunciando comícios realizados no fim-de-semana. Concretamente, foi rasgado um pano da F.S.P. e tirados cartazes do M.E.S. Cartazes do P.P.D. colocados em armação metálica foram igualmente retirados e as bandeiras queimadas. Cerca das 2 horas desta madrugada ainda se verificavam corridas nas artérias da «baixa» e ouviam-se gritos. A Polícia Militar procurava dispersar os manifestantes e cerca das 3 horas já havia calma.

INCIDENTES EM AVEIRO APÓS O COMÍCIO DO C.D.S.

Um forte dispositivo militar e policial obstou que se registassem incidentes durante a realização do comício do C.D.S. em Aveiro, apesar de um numeroso grupo de pessoas, na sua maioria jovens e simpatizantes ou militantes do M.R.P.P., tentar por várias vezes entrar naquele recinto.

Todavia, no final da sessão e já perto de uma hora da manhã, o ajuntamento de pessoas no Largo de José Estevão daria ocasião a cenas de violência à passagem dos carros em que viajavam adeptos do C.D.S. que reagiram, mal aos apupos de que foram ou eram alvo. Isso deu ocasião a que muitos carros fossem danificados com pedradas ou pauladas e houve cenas de pancadaria havendo a registar dois feridos ligeiros que tiveram, no entanto, de passar pelo banco do hospital.

Mais tarde aquele grupo a que se juntou muita gente, quer simples curiosos ou aderentes á manifestação anti-C.D.S., dirigiu-se para um «snack-bar» próximo do Teatro Avenida tentando forçar a saída de muitos adeptos daquele partido que ali se encontravam. Compareceram de novo os soldados do Regimento de Infantaria 10 que tiveram dificuldade em proteger as pessoas alvo da antipatia do grupo e registaram-se correrias e apupos e, de novo, foi apedrejado um automóvel tendo sido detido um dos manifestantes, mais tarde solto, ao mesmo tempo que há que louvar a atitude firme, mas sensata, do alferes Amorim que, só por si, obstou num dos momentos mais exaltados que não houvesse a lamentar cenas de maior dano físico, não autorizando que qualquer dos seus subordinados disparasse as suas armas de fogo como pareceu, a breve trecho, ser isso o que iria acontecer.

C.D.S. ASSALTOU SEDE DO P.C.P. EM FAMALICÃO

«Ao fim da tarde de ontem, o centro de trabalho do P.C.P., em Famalicão foi assaltado por aderentes do C.D.S.», informa um comunicado da D.O.R.N. do P.C.P. datado de 19 do corrente e distribuído aos órgãos de Informação. E prossegue: «Estes, em número de cerca de 200, começaram por concentrar-se em frente do centro de trabalho do P.C.P. Faziam-se transportar em automóveis e cortaram o trânsito na rua. Gritando «slogans» provocatórios pretenderam colar cartazes do C.D.S. nas paredes do centro de trabalho do P.C.P.

Dentro deste centro encontravam-se apenas três camaradas, duas jovens e um jovem, que os procuraram dissuadir. Nesta altura, os aderentes do C.D.S. passaram da provocação fascista ao bandistismo e assaltaram o centro de trabalho».

O comunicado, que identifica alguns dos assaltantes, um dos quais candidato do C.D.S. por Braga, informa ainda que os elementos daquele partido agrediram os militantes do P.C.P., revistaram as instalações e instalaram altifalantes através dos quais difundiram propaganda do C.D.S.

Com a chegada de outros militantes do P.C.P. «os fascistas do C.D.S. foram refugiar-se na sua sede», prossegue o comunicado que esclarece também não terem os militantes do P.C.P. obtido a intervenção da P.S.P. a quem se dirigiram.

Entretanto, num comunicado conjunto do M.E.S., M.D.P./C.D.E., L.U.A.R. e F.E.C. (m-l), elementos do C.D.S. de Guimarães são também acusados de provocarem e agredirem membros daqueles partidos e de ameaçaram assaltar e destruir todas as sedes das organizações políticas progressistas em Guimarães.

P.P.D. CONTRA P.C. EM RIBA D'AVE

«Consertada com a campanha anticomunista que se desenvolve em todo o País, com ataques e agressões físicas, o P.P.D. veio ontem para a rua em Riba D'Ave, numa acção de clara manifestação provocatória, recrutando para o efeito cerca de duas centenas de mercenários da Póvoa de Varzim, Fafe, Vizela, Famalicão, a que se juntaram os «pêpêdês» de Delães, Vila das Aves e outras localidades. Deslocaram-se em três autocarros e diversos automóveis, vieram armados com matracas, correntes de bicicletas, cinturões, punhos de aço, punhais, facas, catanas e até pistolas», afirma-se num comunicado da organização de Riba D'Ave do P.C.P. Aí se esclarece ainda: «Censurada por algumas poucas pessoas que se encontracam próximas do teatro, os pistoleiros do P.P.D. investiram sobre elas e agrediram a torto e a direito. Entre os feridos contam-se alguns militantes do P.C.P.». O comunicado aponta o nome de alguns desses indivíduos e afirma ainda: «O P.C.P. tem consciência dos objectivos destas acções de provocação e não se deixa arrastar para o terreno da confrontação pretendida pelos reaccionários.»

NAS ANTAS (PORTO)

"O P.P.D. PRECISA DAS ELEIÇÕES" AFIRMOU RUI MACHETE

. PORTO, 21 — «Um papel em branco não é bem um voto» declarou o dr. Magalhães Mota durante o comício do P.P.D., que reuniu milhares de pessoas no Estádio das Antas, no Porto. Ao afirmá-lo aquele ministro que representa o P.P.D. no Governo Provisório, pretendia afastar a prática do voto em branco, pelo que sublinhou: «Um papel em branco não é bem um voto. É uma demissão, um convite aberto para que, por nós, algum ou alguns, digam o que nos faltou de coragem para dizer ou façam aquilo que sabemos que não devia ser feito. É tão fácil que alguém lá ponha uma cruz logo a seguir a termos entregue o tal papel branco!»

. Foi o dr. Magalhães Mota quem abriu o comício ende os paritcipantes expressavam o seu apoio ao partido e recusavam a Intersindical. « A Intersindical não serve Portugal» ouvia-se no meio do estádio, quando o ministro e candidato pelo P.P.D. referiu que votar em branco constituía uma demissão. Neste sentido salientou ainda:

. «Quer-se um País melhor equipado com cassa e escolas, caminhos e comunicações, equipamento do País e das pessoas, pela educação, pela saúde, pela formação permanente que é garantia de emprego e de progresso, mas tudo com liberdade, já que uma terra só é livre quando os homens são livres, pois só livremente e em liberdade se pode considerar verdadeiramente homem.»

. No final da sua intervenção um grupo de meninas entregou-lhe um ramo de flores. Destinatário: dr. Sá Carneiro, secretário geral do P.P.D. que Magalhães Mota havia enaltecido referindo que a sua ausência se devia a questões de saúde.

NÃO FIQUEM EM CASA

A tónica de todo o comício assentou na recusa do voto branco.assim, o dr. Agusto Seabra afirmou:

. «Não fiquem em casa, não vos refugieis na abstenção, incitai os vossos familiares, os vossos amigos, os vossosoconhecidos a votarem no P.P.D. Não voteis em branco, não inutilizeis o vosso voto, pois isso seria abdicardes dos vossos direitos, pois isso seria tornardes-vos árvores estéreis, e nós desejamos que elas sejam fecundas, criadoras.»

. Mais incisivo ainda foi o dr. Rui Machete, secretário-geral do P.P.D., que denunciou as manobres de descrédito e de desvalorização das eleições, para logo a considerar:

. «O povo, na sua generalidade, talvez não saiba distinguir o que separa o Partido Comunista, de Álvaro Cunhal, da F.E.C., do P.U.P., da L.C.I. ou da U.D.P., confundindo as várias organizações, que todas elas se reclamam comunistas. Mas o povo, na sua sabedoria, reconhece as ideias, os homens e as organizações que lhe merecem confiança. Que fique bem claro: sem a vontade popular ou contra ela não há democracia. Pode haver boas intenções, mas, como também diz o ditado, de boas intençoes está o Inferno cheio. É por isso que o P.P.D., partidi democrático, precisa das eleições e confia no voto do p9vo. Mas, meus amigos, alerta. Há quem aconselho que se vote em branco, esquecendo que assim se sugere ao eleitor que passe a si próprio um atestado de incapacidade para escolher. Outros referem-se, ainda, que o pacto recentemente assinado entre o M.F.A e os partidos, ao predeterminar o conteúdo da futura Constituição, esvaziou as eleições de qualquer significado util, mas também isso não é verdade. O pacto com o M.F.wa. imposto pelas circunstâncias históricas concretas do momento em que vivemos.»

PROGRAMA DE EMPREGO

Continuação da pág. 1

tão previstas, além de outras, as seguintes acções: divulgação, no prazo de 30 dias, de um esquema geral de incentivos e apoios (fiscais, técnicos e crédito), por escalas de prioridade, a novos projectos de investimento que apresentem maior e mais rápido impacto no mercado de emprego; adopção de legislação revolucionária destinada a eliminar os obstáculos existentes no sector público à rápida tomada de decisão quanto a iniciativas ou projectos públicos e das autarquias locais; promulgação das medidas necessárias ao reforço da capacidade executiva financeira e técnica das autarquias; publicação de um diploma legal sobre as bases gerais da estruturação de empresas públicas; adopção de legislação visando manter em funcionamento unidades produtivas e respectivos postos de trabalho de interesse económico para o País, mas cujas empresas não se encontrem em condições de os continuar a gerir; aproveitamento da capacidade produtiva disponível, logo que as condições económicas o permitam, quer mobilizando instalações produtivas insuficientemente ou não utilizadas, quer aumentando o tempo de utilização da capacidade instalada; promulgação imediata de medidas tendentes a aumentar a liquidez das empresas.

RECURSOS HUMANOS

A elaboração de um Programa Nacional de Reconversão e de Formação Profissionais está incluída igualmente nas medidas a tomar na primeira fase do Programa Nacional de Emprego, constituindo o primeiro passo de um Programa Nacional de Desenvolvimento dos Recursos Humanos que articule o sistema económico em transição com o sistema educacional e a evolução do mercado de emprego. O Programa Nacional de Reconversão e de Formação Profissionais será igualmente evolutivo e acompanhará o desenvolvimento do P.N.E. Ao que se sabe, este Programa deverá estar ligado a necessidades, projectos e problemas concretos a resolver no âmbito do mercado de emprego e deverá ter, sempre que possível, natureza produtiva. Sabe-se ainda que será mobilizada a capacidade total de formação profissional existente no País, devendo o Programa articular-se com o serviço cívico e a prestação do serviço militar.

Avançando elementos mais concretos, apurámos que, de acordo com as bases gerais do Programa Nacional de Emprego, o Governo compromete-se a revelar ao País, no quadro geral da estratégia de crescimento económico que vier a ser adoptada e no prazo de 30 dias, as entidades que forem designadas para proceder ao estudo das opções alternativas e em consequência fixar a programação de decisões, relativamente aos seguintes projectos nacionais ou regionais: projectos de investimento decorrentes das medidas de reforma agrária e de outras acções de política agrícola e agro-industrial; rede nacional de frio; plano siderúrgico; projectos relativos a novas indústrias; programa dos parques industriais; projecto do Pólo de Sines; projecto da Barragem de Alqueva; prolongamento da rede do Metropolitano; renovação das frotas de autocarros de Lisboa e dos barcos utilizados no transporte de passageiros no Tejo; melhoria dos terminais das bichas fluviais do Tejo; programa de modernização da exploração ferroviária; programa de infra-estruturas aeronáuticas; programa de infra-estruturas rodoviárias; plano director dos hospitais centrais e especializados; complexo do Cachão.

Salienta-se, entretanto, que, como afirmou anteontem o ministro do Planeamento Económico à RTP, «o pleno emprego é prioritário, mas não é possível a curto prazo». Com efeito, o dr. Mário Murteira disse muito claramente: «O problema do pleno emprego é prioritário mas não devemos ter ilusões: não é possível atingi-lo a curto prazo. O pleno emprego, tomado a sério, não é só ter toda a gente empregada, mas assegurar remunerações satisfatórias relativamente às suas capacidades. É, portanto, um objectivo que, em rigor, nenhum país do Mundo atingiu».

INTERSINDICAL ACONSELHA

Continuação da pág. 4

gresso dos Sindicatos Portugueses» «Reforma Agrária» e «Organização» foram outros dos temas abordados no decorrer do Plenário.

Foi, por isso, aprovado por unanimidade a realização do Congresso Nacional dos Sindicatos para os dias 28 e 29 de Junho, atendendo à necessidade de «definir a estrutura sindical a adoptar: a necessidade de elaboração de estatutos próprios de acordo com essa estrutura».

Foi também decidido reclamar ao Governo Provisório e ao Conselho de Revolução a «actualização imediata do salário mínimo nacional, como medida de elementar justiça social, tendente a não sacrificar ainda mais os trabalhadores mais desfavorecidos e considerar os sectores económicos em dificuldades, como «sectores em crise» e, neste caso, não ser permitida a distribuição de lucros ou dividendos aos respectivos industriais».

Nacional

ÁLVARO CUNHAL NO PORTO

QUEM NÃO CUMPRE O PACTO COM O M.F.A.?

. «Nós comunistas, assinamos este pacto. Entre os pontos de que consta este pacto está consignado o de continuar para além das eleições o Governo de coligação. Nós fizemos e continuamos fazendo sérias reservas a que continuem num Governo que se propõe construir uma sociedade democrática a caminho do socialismo, partidos que mostram pelos seus actos ligarem-se à reacção e não quererem acompanhar o processo revolucionário. Mas cumpriremos os nossos compromissos apesar dessa discordância. E o mesmo exigimos a todos aqueles que assinaram tal compromisso», afirmou Álvaro Cunhal no estádio das Antas, do Porto, durante o comício-festa promovido no sábado á tarde pelo P.C.P.Um estádio completamente cheio, agitando milhares de bandeiras vermelhas, aplaudiu sucessivamente Carlos Costa, Angelo Veloso e Álvaro Cunhal, após o que houve um tempo de canto livre, teatro e poesia.

Depois daquela referência ao pacto com o M.F.A., Álvaro Cunhal afirmou: «Quer isto dizer que para que se ponha em acção esse compromisso, é necessário que os outros partidos da coligação tomem medidas sérias e definitivas para porem termo à politica que têm seguido, contrária à própria política que dizem oficialmente defender, tanto no pacto com o M.F.A. como no Governo a que pertencem. Nós não podíamos deixar de referir que o P.P.D., em numerosos casos, tem nas suas estruturas os velhos fascistas, as velhas estruturas fascistas, que em vez de se aliarem às forças progressistas na luta contra os monopólios e latifundiários para a aplicação da política aprovada pelo M.F.A. e aprovada pelo Governo, pois procura libertar as forças reaccionárias contra essa mesma política. Nós dizemos que é tempo de parar e se o P.P.D. quer justificar a sua presença no Governo tem de demonstrar pelos seus actos que se liga às forças democráticas contra a reacção e que cessa a sua acção objectivamente reaccionária.

«De certa forma, podemos dizer o mesmo em relação ao Partido Socialista. O Partido Comunista gostaria bem que existisse em Portugal um forte Partido Socialista, com a sua ideologia própria, com a sua orgânica própria, com a sua independência, mas colaborando estreitamente connosco, com os comunistas, na construção dessa sociedade democrática por que o nosso povo anseia. Nós veríamos com satisfação a existência de um tal forte Partido Socialista lutando lado a lado com o Partido Comunista».

Alvaro Cunhal prosseguiu: «Mas, assim como não pode deixar de causar estranheza que no dia em que se assinou o pacto com o M.F.A. os dirigentes do P.P.D. vão para comícios e a palavra que aí se ouve é «morte aos comunistas» também não queremos deixar de manifestar não só a nossa surpresa como o nosso protesto e indignação que na própria altura em que se assinava o pacto com o M.F.A., também os socialistas, em vez de colaborarem, unirem-se ao povo, unirem-se aos comunistas, para aplicação desse programa, orientam a sua campanha eleitoral contra o Partido Comunista, levando à televisão, aos meios de informação, toda a espécie de calúnias contra os comunistas portugueses».

Álvaro Cunhal referiu-se ainda á importância das recentes medidas económicas tomadas pelo Conselho da Revolução («esta situação impõe aos trabalhadores não apenas novos direitos mas também novos deveres, o que temos por diante não é um caminho de facilidades mas um caminho de luta») e à importância das eleições. Sobre estas, depois de afirmar que são um ponto programático por que o P.C.P. sempre lutou disse ainda: «O que nós criticamos, as reservas que fizemos, não foram às eleições mas às situações existentes em certas regiões, onde ainda não chegou o 25 de A:BRIL; não chegou o 25 de Abril; onde ainda não são exercidas as liberdades democráticas por que as forças reaccionárias comandadas e dirigidas muitas vezes por um partido da coligação; concretamente o P.P.D. impedem o nososo povo de exercer as liberdades democráticas. É essa a nossa objecção, mas ao mesmo tempo nós defendemos a realização de eleições e mesmo podemos afirmar que quem hoje procura dificultar a realização de eleições não são os comunistas mas as forças reaccionárias e aventureiros esquerdistas que não querem o apoio popular e que procuram preparar acções e iniciativas que criem dificuldades à realização das eleições com o ambiente de tranquilidade e de civismo que nós, comunistas, desejamos e exigimos. (...) É preciso que no dia das eleições o nosso povo esteja vigilante contra actos de provocação que grupos podem tentar contra as secções de voto. Temos que estar preparados para responder contra quaisquer tentativas contra-revolucionárias ou contra o acto eleitoral».

Findo o seu discurso Alvaro Cunhal, a pedido dos milhares de pessoas presentes no estádio, desceu da tribuna até ao relvado, acompanhado de outros dirigentes do P.C.P. onde foi calorosamente aplaudido.

PARA O ENG.º ADELINO AMARO COSTA

"AVEIRO É A CAPITAL DO C.D.S."

AVEIRO, 21 — Muitos milhares de pessoas encheram por completo, na noite de sábado, o pavilhão gimnodesportivo de Aveiro, onde se realizou um comício do C. D. S. que teve as presenças do general Galvão de Melo, prof. Freitas do Amaral e eng.º Amaro da Costa, entre outras figuras daquele partido.

O primeiro orador da noite foi o dr. Mário Gaioso, de Aveiro, que salientou logo de início as convicções democráticas da cidade e sua região, recordando, como reforço da sua afirmação, os congressos da oposição democrática ali realizados no tempo do regime anterior. E concretizou:

. «— Aqui sempre nos respeitámos. O ambiente de tolerância e respeito mútuos toldou-se, não pelos aveirenses, mas sim por activistas que se dizem representantes do povo, qualidade que ninguém lhes outorgou. A esses, que vieram toldar o ambiente verdadeiramente democrático de Aveiro, o C. D. S. diz que não é com ameaças que fazem calar os militantes deste partido e que, como na divisa do Clube dos Galitos, também ninguém fará calar a consciência do povo português, que está cansado de ódio e de violências, que quer um Portugal livre mas responsável».

Aludindo aos ataques de que tem sido alvo o C. D. S., o dr. Mário Gaioso, falando de improviso, disse que «esses ataques não são para o seu partido, mas sim dirigidos ao M. F. A., que sancionou a existência legal do C. D. S.», frisando ainda —:

. «Atacam-nos os que querem uma nova ditadura, mas agora em sentido contrário àquela donde saímos em 25 de Abril. Mas o C. D. S. não pactua com ditaduras, sejam elas da burguesia ou do proletariado. O C. D. S. não pode ainda suportar a existência de brigadas civis armadas, as ocupações ilegais de casas e de fábricas, ao mesmo tempo que condena o monolitismo da Informação, o qual contraria as liberdades conquistadas em 25 de Abril».

Depois de enumerar alguns dos princípios do programa ,salientou:

. «Para repartir, há que ter. E, para ter, tem que se produzir, e para produzir há que trabalhar. E isto é uma coisa que ultimamente muita gente se tem esquecido de fazer».

Depois daquele dirigente de Aveiro do C. D. S., usou da palavra a candidata por Ilhavo D. Maria Amélia Rocha Fernandes, que entre outras considerações afirmaria:

. « — O Estado tem de estar ao serviço do homem e não será o homem que tem de ser uma mera peça de máquina estatal. E o C. D. S. presta atenção à família, pois é a partir dela que se construirá o futuro de Portugal e não queremos que o Estado intervenha na vida intima familiar.»

. Domingos Barreto Cerqueira, candidato por Aveiro, invocaria, ao chegar a sua vez para falar no comício, a figura do falecido bispo D. João Evangelista de Lima Vidal, sublinhando depois que «há muita gente que quer fazer de Portugal uma colónia de outros países».

O vice-presidente do C. D. S., eng.º Amaro da Costa, não estava na lista dos oradores, mas quis dirigir uma saudação a Aveiro e aos seus habitantes. E fê-lo deste modo:

. «Aveiro, terra de José Estevão e de Santa Joana, que se doou a si própria e os seus bens à cidade de Aveiro: liberdade e serviço, eis a mensagem do C. D. S. Por isso Aveiro é, de certeza, em Portugal a capital do C. D. S.»

. O general Galvão de Melo foi o orador seguinte. Teve uma intervenção longa e toda ela repousando sobre conceitos económicos e sociais. Salientaria entretanto:

. « — Com 37 por cento de analfabetos e 63 por cento de cultura inadequada às exigências da vida progressista de hoje não há ideologia, seja das direitas seja das esquerdas, seja de liberdade, seja totalitária, seja de amor, seja de ódio, que consiga conduzir os portugueses ao ambicionado bem-estar para todos. Não passará este desejo de outro desejo igual. Por toda a parte se vêem greves, ocupações de empresas, saneamentos, substituições de chefes, autogestões e tudo o que todos sabemos. Serão justas e necessárias em muitos casos estas atitudes. Não digo que não. Digo até que sim. Pois eu próprio, muitas vezes e oportunamente, acusei a tão generalizada inércia de administrações que eram mais nomeadas por interesses secundários e ligações pessoais do que por preocupações de eficiência. Mas agora o que vai acontecer? Vai acontecer o mesmo ou pior. Já está a acontecer. Porque substituir a ignorância pela ignorância não pode deixar de conduzir a resultados idênticos, a resultados igualmente insuficientes do ponto de vista de bem-estar para todos. Antes de fazer há que saber como, e — hoje em dia, antes de qualquer coisa de prático que possamos fazer, há antes de tudo e pelo menos que saber ler e escrever. Tudo o que se quiser fazer antes de resolver este problema é pura fantasia, é pura mentira».

A encerrar o comício do C. D. S. falaria o presidente do partido, prof. Freitas do Amaral. Tal como o general Galvão de Melo, e por imposição da assistência, teve de falar de pé em cima de uma cadeira. Dissertaria sobre conceitos de democracia, de justiça e de responsabilidade. Ao aludir, também ele, aos ataques que têm feito ao C. D. S., diria:

. « — O C. D. S., apesar de todos esses ataques, de todas as injúrias e de todas as tentativas para o fazer parar, não morreu nem morrerá. Muito medo se teve neste País do C. D. S., e afinal porquê? Porque, para muita gente, representávamos muitos perigos. Ninguém bate num morto, só se bate em quem se teme e o que se teme do C. D. S. é a vitória eleitoral. Somos um partido democrático. Se perdermos as eleições, não procuraremos na rua destruir o resultado das urnas.»

. Freitas do Amaral falaria das eleições da próxima sexta-feira. Teceu conceitos sobre o acto e o seu significado. E salientou:

. « — Temos todos de votar, mesmo que seja incómodo, mesmo que chova, mesmo que haja perturbações na rua para que fiquemos em casa. É preciso votar, e votar naquele partido que oferecer maiores garantias e corresponder melhor aos nossos princípios. Nada de votos em branco, meus amigos.»

F.E.C. (M-L) NO PORTO

"O NOSSO OBJECTIVO É O ASSALTO AO APARELHO DE ESTADO"

. «O objectivo dos revolucionários, dos comunistas marxistas-leninistas é o assalto ao aparelho de Estado», afirmou Tino Flores, da F. E. C. (M.-L.) no decorrer do comício organizado por aquele partido no Palácio de Cristal do Porto ao falar sobre «A Classe Operária, o Estado e as Nacionalizações». Continuando, o orador sublinhou: «O objectivo dos comunistas marxistas-leninistas é pôr no aparelho de Estado, não os burgueses, não os corruptos, não os lambe-botas do imperialismo americano, não os lacaios do social-imperialismo. Os comunistas (m.-l.) lutam para que o aparelho de Estado esteja nas mãos dos camaradas operários, camponeses, soldados e marinheiros que mais provas deram de servir o povo trabalhador com abnegação e humildade revolucionária.»

. No início da sua intervenção, Tino Flores, afirmou: «Nunca em nenhum país do mundo os trabalhadores se libertaram da exploração capitalista, por um processo de reformas por mais justas e revolucionárias que aparentem ser. A classe operária, os camponeses pobres, os soldados e marinheiros todos os trabalhadores têm de ter sempre presente que por mais reformas que se façam, por mais aumentos de salários que possamos ter, enquanto o aparelho de Estado estiver nas mãos dos burgueses a nossa vida no fundamental, não se transforma.»

. Ao comício, presidido por Aníbal Silva, estiveram presentes candidatos pelos círculos do Porto, Viana do Castelo, Braga, Aveiro, Lisboa e Funchal e representantes do jornal «O Grito do Povo». Na sua saudação inicial, Aníbal Silva referiu as lutas do povo do Camboja e do Vietname.

O representante do jornal «O 1.º de Maio», na sua intervenção começou por dizer que «o momento que atravessamos é um momento de enorme gravidade. As forças da contra-revolução, activamente apoiadas pelo imperialismo americano concentram forças e organizam-se para desferir um golpe mortal à Revolução». Referiu, depois, o bloco reaccionário, a direita, que vai do P. S. ao C. D. S. afirmando que «é uma força que representa no essencial as posições da grande burguesia monopolista e portanto do imperialismo». Após fazer uma análise aos partidos P. D. C., C. D. S., P. P. D. e P. S. (inimigos principais da classe operária) referiu as manobras imperialistas que «sabotam e sabotaram internamente a economia portuguesa e agora organizam o boicote sistemático».

Voltando aos partidos políticos, o orador, depois de várias considerações, perguntou: «Como foi possível chegar ao ponto em que nos encontramos, em que os reaccionários em geral e os nazis do C. D. S., esses assassinos de voz meiga, se reorganizem legalmente sob as nossas barbas e preparam activa e descaradamente a contra-revolução? (...) A classe operária, por si só, não pode resistir ao inimigo imperialista, menos ainda vanguardas armadas. Só a unidade revolucionária de massas pode fazê-lo. Devemos contar rf000
acima de tudo com as nossas próprias forças, mas contar com as nossas próprias forças não é ficarmos sós, é ligarmo-nos aos nossos aliados naturais (...) A aliança com os povos do Terceiro Mundo, os povos árabes, a classe operária dos países europeus, os povos da Indochina que estão a derrotar o imperialismo americano, os povos da China e da Albânia.»

Falaram ainda, José Luís Praça (Porto), Ana Maria Nina (Porto), um operário do S. T. C. P., Manuel Carvalho (Braga), Domingos Tavares (Aveiro), uma operária da Covilhã, Jaime Meireles (Porto), Domingos Júnior (Lisboa), um representante do jornal «O Grito do Povo», Arnaldo Barbosa (Porto), Milton Sarmento (Funchal), um camarada de Vila Real e um representante do jornal «O Grito do Povo», este para fazer o balanço da campanha.

Fernando Perdigão, leu um texto sobre «O Direito à Habitação» («temos que fazer a revolução popular, para no futuro construirmos a nossa pátria socialista, onde o Poder, as riquezas e as casas estarão nas mãos do povo trabalhador»).

Com os milhares de pessoas que acorreram ao Palácio de Cristal a cantar «A Internacional» terminou o comício da F. E. C. (M.-L.).

MANUEL SERRA:

DEVEM SER RESPONSABILIZADOS OS AUTORES DO 11 DE MARÇO

. PORTO, 21 — No salão da Inatel, na Praça da Batalha, a Frente Socialista Popular promoveu à noite, uma sessão de esclarecimento a que estiveram presentes Manuel Serra, secretário-geral daquele partido, Rui Carneiro candidato pelo Porto e outros militantes.

No uso da palavra, Manuel Serra começou por denunciar as campanhas caluniosas que lá fora se estão a orquestrar contra Portugal, fomentadas acentuou — cá dentro. Sobre as eleições, o orador considerou que este período que o País está a viver é perigoso e que o povo português está a ser iludido e não esclarecido. Denunciou em seguida as campanhas anticomunistas e contra a ala progressista do M. F. A., após afirmar que a F. S. P. não é um partido eleitoralista, mas que veio para as eleições com o fim de as denunciar e a desmascarar os partidos burgueses, o secretário-geral da F. S. P. entrou numa análise pormenorizada de todo o processo revolucionário português desde o 25 de Abril até hoje. Salientou que nas crises verificadas em 13 de Julho, 28 de Setembro e 11 de Março esteve sempre a reacção, numa tentativa desesperada de recuperar o poder perdido. Manuel Serra disse ainda que a F. S. P. continuará a exigir que se responsabilizem os autores morais do 11 de Março.

GRANDE MANIFESTAÇÃO DO P.S.

"PODER AOS TRABALHADORES E NÃO AOS BUROCRATAS"

pediu Mário Soares

Marchou ontem sobre Lisboa o Partido Socialista. Dezenas de milhar de aderentes seus, bandeira vermelha à ponta do punho, lançaram-se da festa de domingo ao sol para as últimas horas da campanha em que têm por certa a vitória: «esta manifestação foi a maior que o povo de Lisboa fez desde o 1.º de Maio de 1974!», gritou Mário Soares para a multidão que enchia meio Rossio, depois de atravessar a capital ao som de milhares de claxons e milhares de vozes que insistiam: «Socialismo sim, ditadura não!».

O P.S. mobilizou todo o seu aparelho organizativo e largos recursos materiais na abertura da sua corrida final à maioria na Constituinte, que é eleita na 6.ª feira. Teve sucesso o esforço de propaganda do partido, que há três dias fazia percorrer Lisboa por dezenas de automóveis forrados de cartazes e lançou palavras de ordem de oportunidade e efeito certo, dirigidas directamente à conjuntura política de momento. Entre elas devem destacar-se as que declaram o P.S. o «único verdadeiro partido socialista», com um programa «coincidente com o do M.F.A.», as que o afirmam principal defensor da independência nacional, «contra o imperialismo, seja americano, seja soviético», e, sobretudo, as que opõem o P.S. «a todas as ditaduras, de esquerda ou de direita, e ao capitalismo de Estado, de fachada socialista». Se acrescentarmos que no comício de ontem, tanto quanto sabemos pela primeira vez, um responsável do partido aplicou a expressão «social-fascismo», com que algumas organizações de extrema-esquerda qualificam a política do Partido Comunista Português, teremos descrito o essencial das intervenções no Estádio 1.º de Maio. Segundo dois elementos da direcção nacional do P.S., a quem pedimos opiniões no termo do desfile, cerca de 200 mil pessoas teria estado presentes na «grande demonstração de força em que o nosso partido ganhou as eleições com quatro dias de avanço», conforme as expressões usadas no pequeno «meeting» que encerrou, no Rossio, um dia de festa que atingiu larga parte da cidade. Ainda que o número possa considerar-se exagerado (e não o será muito), o que não pode negar-se é a dimensão massiva, a natureza popular e a profunda radicação política deste passo da campanha eleitoral, entendida globalmente. Tanto quanto é verdade que entre os participantes na realização do P.S., as camadas largamente dominantes eram as da pequena-burguesia, as dos jovens trabalhadores dos serviços e as do operariado urbano.

«RESISTÊNCIA À COACÇÃO»

A festa do Partido Socialista começou logo de manhã, nas estradas que convergem para Lisboa. Dezenas de camionetas arvorando milhares de bandeiras (desta vez esgotou-se o pano vermelho nas capelistas, para os outros não ficou nenhum», como dizia, clubista, um rural de Alcobaça descendo a avenida da Liberdade) trouxeram para parques e jardins da capital forasteiros de todo o país. Em Monsanto, no Campo Grande e no Parque Eduardo VII, os pequeniques de confraternização militante começaram pelo meio-dia.

Às quinze horas já o Estádio 1.º de Maio parecia superlotado. Mas até às 17 e 30, quando Miguel Torga abriu o comício, ainda entraram para o recinto uns milhares de pessoas. Emoções, som violento, sol quente e movimentos e multidão fizeram algumas vítimas: insolações e desmaios, uns dez; crianças perdidas e achadas, quase vinte. Um serviço de segurança numeroso mas liberal fez o que pôde por um mínimo de disciplina.

epois do almoço e até ao comício, o programa consistiu em poemas de autores socialistas, ditos por artistas do P.S., canções antifascistas e uma exibição de ranchos folclóricos.

Depois de Natércia Correia, Maria Barroso, Maria Machado e Virgílio Ferreira, entre outros, terem apresentado textos alusivos ao combate «pelo socialismo e pela liberdade», Paulo Renato e Jacinto Ramos introduziram um rancho de danças de Coimbra, o rancho do Calvário do Algarve e, ponto alto, os Mareantes do Douro, conjunto de percussionistas populares vindo do Porto. Os zé-pereira, ritmando os «P.S.» e «Vitória» lançados pela multidão, viriam a abrir, no mesmo compasso acelerado e exaltante, o desfile de Alvalade à Baixa.

«É um poeta rebelde de nascença, sem nome possível para uma ficha partidária, quem vai presidir a este comício», assim se apresentou o escritor Miguel Torga, a quem foi cometido o cargo de honra da tarde. Avarias na aparelhagem sonora (devidas ou não a «sabotagem reaccionária», o facto é que os fios sob o estrado apareceram cortados), depois de atrasarem o início dos discursos, muitas vezes mais os interromperam. Torga, que trouxe ao comício uma oração difícil e densamente metafórica, terá conseguido exprimir ao público o essencial das suas preocupações, que fundamentalmente incidem sobre as «manifestações formalizadas de impotência criadora» que obstruem a «senda de renovação total» em que o país se lança, contra «os escravos da ortodoxia que nem se dão ao trabalho de afeiçoar as ideologias importadas às idiossincrasias nacionais». Considerando o grande comício como uma «manifestação de resistência a qualquer forma de coacção», o poeta do «Diário» e dos «Bichos» exaltou «o amor do povo à espontaneidade e à improvisação», a caminho da «Revolução limpa, que nos limpa». Saudou,pois, no P.S., «o grande e nobre partido que avança corajosa e nobremente para o dia de amanhã».

«NEM KISSINGER, NEM BREJNEV»

No comício falaram depois os ministros Mário Soares e Salgado Zenha e a militante e candidata Rosa Rainha, aitora das proposições mais radicais que durante a tarde se ouviram.

Merece registo, entretanto, o facto de um pequeno grupo de activistas do Partido Comunista de Portugal (marxista-leninista, tendência «Vilar»), que indirectamente promoveu a A.O.C., ter comparecido nos portões do estádio, incitando ao voto no P.S., «único partido capaz de defender as liberdades democráticas, contra o fascismo e o social-fascismo». Gritavam: «Nem Kissinger nem Brejnev, independência nacional!»

Por outro lado, antes das intervenções de fundo, uma representante da Associação das Famílias dos Antifascistas Presos leu aos altifalentes do estádio um apelo para que «as largas massas populares aqui presentes» apoiassem «a justa luta pela libertação dos presos antifascistas, sujeitos a prisões arbitrárias ilegais e injustas» e «vítimas de maus tratos nas cadeias».

«Para que a liberdade não seja uma palavra vã», a porta-voz da A.F.A.A.P. incitou os «patriotas, democratas e anti-fascistas a comparecerem na manifestação de protesto marcada para as 19 e 30 de hoje, no Rossio. Os antifascistas presos são, na sua grande maioria, militantes ou simpatizantes do M.R.P.P.

UMA AVENTURA UMA PRISÃO

«Depois do 25 de Abril, Portugal descobriu a esperança e a liberdade. Queremos fazer de Portugal o país da esperança e da liberdade, onde viver seja uma aventura e não o viver dentro de uma prisão. Os socialistas não desistirão de tentar alcançar a vitória final, a liberdade e o socialismo», disse Salgado Zenha, finalizando uma intervenção em que analisou os métodos de trabalho político do P. S. contrapondo-os aos de outros partidos.

«O P. S. é o partido que quer a Ordem, o Trabalho e a Liberdade. O P. S. não calunia, não fura pneus, não sabota comícios. O P. S. não persegue, não ataca nem calunia os seus adversários. O P. S. é o partido do povo português, que não é caluniador, nem desordeiro, nem zaragateiro», disse o ministro da Justiça.

Afirmara anteriormente que «o P. S. é o maior partido portugues», pois «nenhum outro seria capaz de juntar aqui o povo português, como nós o fizemos, na maior jornada de unidade e confraternização que se viu em Portugal, superior ao próprio 1.º de Maio de 1974».

«Não deixaremos assassinar, seja por quem for, a esperança que nasceu a 25 de Abril», continuou o dirigente socialista, que saudou, em nome do P. S. as medidas de reforma agrária e nacionalização decretadas pelo Conselho Superior da Revolução. «É preciso que se diga» sublinhou, «que o P. S. foi o primeiro partido que as propôs ao Governo Provisório, ainda em 1974; embora as não tenham então apoiado alguns que as glorificam agora».

«Zenha amigo, o P. S. está contigo», gritava-se no recinto.

PARTIDO MARXISTA

«Repudiamos a submissão aos imperialismos, venham eles donde vierem e seja qual for a sua bandeira»: este o principal tema de Rosa Rainho, que falou depois de Zenha e terminou a sua intervenção com um «viva o internacionalismo proletário!» dirigido aos povos de África, da América Latina e do Médio Oriente e também como saudação à vitória vermelha no Camboja.

«A independência é a nossa garantia de sobrevivência como país livre», disse Rosa Rainho, que começou por referir as «explorações», vindas de «demagogos da falsa esquerda», sobre a existência de «concepções diferentes» no seio do P. S. «Dizem-se de esquerda e ignoram que num partido marxista como o nosso o debate ideológico permanente é a sua própria vida e enriquece-o sempre», continuou Rosa Rainho, afirmando então que «a falta de debate conduz ao revisionismo e ao social-fascismo».

A oradora referiu-se indirectamente à Frente Socialista Popular, oriunda de uma cisão no P. S., acusando-a de seguir «o verbalismo pseudo-revolucionário» dos que «queriam apenas conquistar a direcção do P. S.». «Não admitimos calúnias», insistiu sob pesados aplausos, «e aos fracos e forasteiros do socialismo, remetêmo-los ao seu aventureirismo político».

MÁRIO SOARES

Quando Mário Soares chegou à tribuna, caia já a tarde e urgia sair com a manifestação. O secretário-geral do P. S. começou por saudar os seus camaradas que estreiteza do tempo obrigava a que não usassem da palavra; ao contrário do que inicialmente se previra: Lopes Cardoso, João Guterres, Manuel Alegre, Pedro Coelho, Cristina Ferreira e Marcelo Curto.

Soares abriu assim: «Queremos acabar o dia de hoje com uma marcha pacífica através de Lisboa para provarmos ao país que não só somos muitos como somos mais do que todos os outros reunidos». E mais adiante: «Não somos um partido agressivo. Queremos marchar em direcção às liberdades, na direcção da revolução socialista autêntica, mantendo a liberdade, a paz, a tranquilidade, o equilíbrio entre os portugueses. Porque somos uma força organizada e indestrutível, não temos necessidade de agredir nem de intimidar ninguém».

«Não temos o projecto de copiar experiências alheias, de introduzir em Portugal um socialismo à russa, à chinesa, à sueca ou à cubana: queremos um socialismo à portuguesa. Não queremos uma mascarada socialista, nem um capitalismo de Estado de fachada socialista. Lutamos por um poder que pertença de facto aos trabalhadores, e não aos burocratas que falam em nome dos trabalhadores. Este projecto socialista é o do M.F.A. Daí a aliança indestrutível entre o P. S. e o M.F.A.», disse Mário Soares.

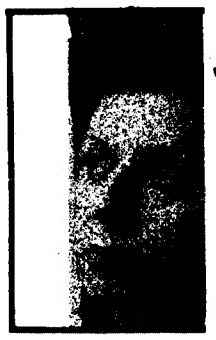
«Não queremos ser únicos», acrescentou, «porque somos contra o partido único em todas as circunstâncias. E veremos no próximo dia 25 quem são os socialistas populares e quem são os socialistas impopulares».

Mais tarde, já da varanda do Hotel Metrópole, falando no termo da manifestação, em que desfilara também, o secretário-geral, muito emocionado, diria: «o dia de hoje foi uma grande demonstração de força do P. S.. Vamos traduzir agora essa opção do povo português numa votação maciça no P. S. na próxima 6.ª feira. A nossa festa foi, sem exagero, a mais linda festa vivida pelo povo de Lisboa desde o 1.º de Maio do ano passado! Vamos acabar a nossa manifestação na alegria e na liberdade, como a iniciámos, para a oferecer aos nossos camaradas do M. F. A.! Para dizermos ao M. F. A. que estamos com o M. F. A., que estamos com a liberdade que estamos com a Revolução!»

Ao longo da noite e até ao princípio da madrugada, grupos de jovens do P.S. continuaram manifestando-se por toda a cidade.

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA está à venda no CAFÉ REMO

Nacional



Rectângulos

Maria Judite de Carvalho

UM HOMEM

Ensinaram-me a resolver muitos problemas, disse o velho, mas não os problemas da vida. Ensinaram-me todos os caminhos-de-ferro de Portugal e colónias (depois províncias ultramarinas), mas não a trilhar os caminhos desta existência que me foi dada. Ensinaram-me muitas coisas, um nunca acabar de coisas, e fiquei de mãos vazias. De nada me serviu a Botânica se para mim tudo são árvores, flores de florista e plantas verdes. De nada a Astronomia se não posso ver as estrelas, que as luzes da cidade apagam. De nada a doutrina e a religião, se procuro em volta e não vejo — e mal vejo — quem a pratique como Deus quer. De nada tanta coisa! Às vezes sofro, continuou o homem, só de pensar como aproveitei mal este momento — porque é, foi? um momento —; em que me foi dado viver. Houve circunstâncias, eu sei. Proibiram-me de pensar, de agir, de conhecer, de escolher. Proibiram-me de saber o que era bom e o que era mau. E agora estou quase no fim do momento que me foi dado. Olho para o passado e não distingo grande coisa. Uma amálgama de tempo cinzento, de vozes em surdina (não fosse alguém ouvir), de frases feitas, de grandes palavras. De nada valer a pena, de nada valer, na verdade, a pena. Sinto-me cansado e doente, à beira do precipício, quando irei tombar? Um velho só, que não pode recuar porque isso é proibido, nem avançar, porque isso é interdito. Um homem perdido num mundo que já não é seu, tão estranho. Porque o que vê, o que ouve, já não lhe diz respeito.

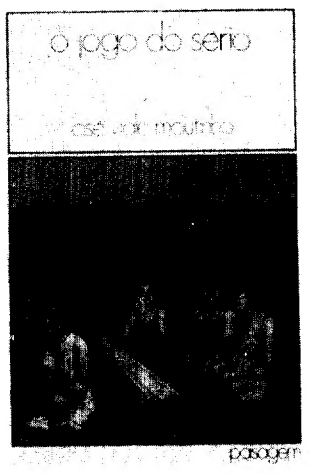
Isto disse aquele homem. Um homem velho, já disse.

Livros

TORQUATO DA LUZ

"O JOGO DO SÉRIO" de José Viale Moutinho

. Ao estrear-se em 1968, com «Natureza morta iluminada», José Viale Moutinho, impôs-se desde logo, como uma das grandes revelações da ficção portuguesa dos últimos anos, o que confirmaria em 1972, com «No País das Lágrimas». Escritor do maravilhoso, que resulta da constante passagem do real ao sobrenatural, o autor do volume, agora lançado pela Paisagem, «O Jogo do Sério» é, porventura, dos jovens novelistas portugueses, o que evidencia maior capacidade de efabulação, pelo recurso frequente ao absurdo (em que a ironia desempenha papel importantíssimo).



paisagem

Balançando na corda bamba que vai da realidade objectiva ao mundo poético, do concreto ao simbólico, do verosímil ao fantástico e estranho, Viale Moutinho utiliza uma linguagem extremamente depurada, uma economia de processos pouco vulgar entre os nossos ficcionistas.

Também de Viale Moutinho, publicaram Ediciones Júcar, de Madrid, em castelhano, o volume «Un Abril en Portugal», lançado no país vizinho com uma cinta em que se diz: «Portugal nos cuenta cómo se hace una revolución». É um trabalho de reportagem meticuloso, cujo interesse se mantém, a despeito das modificações de perspectivas originadas pelos acontecimentos posteriores.

«A ESPERANÇA» DE ANDRÉ MALRAUX

Livros do Brasil acabam de publicar «A Esperança», de André Malraux, um dos grandes escritores contemporâneos, romancista, reconhecido mestre da crítica ensaística e político foi ministro do general De Gaulle).

Um dos primeiros estrangeiros (1936) a aderir à causa da República, na Guerra Civil de Espanha, Malraux recebeu do Governo republicano a incumbência de adquirir aviões militares sendo depois nomeado chefe da aviação estrangeira. Após a guerra espanhola, alista-se como voluntário no Exército francês, sendo feito prisioneiro quando da invasão nazi.

«A Esperança» de que Malraux extraiu em 1938-1939, o argumento para o filme «Sierra de Teruel», é um dos grandes documentos sobre a sangrenta e trágica confrontação, constituindo com «Por Quem os Sinos Dobram», de Hemingway, e «Homenagem à Catalunha», de Orwell, uma das melhores obras sobre o drama espanhol de 1936-1939.

OUTROS

Duas obras de Agatha Christie, lançados por Livros do Brasil: «Um crime no Expresso do Oriente» e «Morte pela porta das traseiras». A primeira é um romance clássico da literatura policial, dele se tendo extraido o filme do mesmo título recentemente estreado em Lisboa:

. «Os Outros e Eu», de Maria Natália Lima. Editorial Verbo. Literatura de ficção destinada às camadas mais jovens. Ilustrações de Júlio Gil.

O M.C.S. ESCLARECE

NÃO FOI AINDA APREENDIDA QUALQUER PUBLICAÇÃO ESTRANGEIRA

Até agora, ainda nenhuma publicação estrangeira foi apreendida nem se verificou qualquer suspensão, segundo se afirma numa nota do Ministério da Comunicação Social.

De acordo com aquela nota, «ao Ministério da Comunicação Social têm, por várias vezes, chegado rumores ou pedidos de esclarecimento relativos a revistas ou jornais estrangeiros que, por conterem artigos mais sensacionalistas ou críticos da realidade portuguesa teriam sido apreendidos pelas autoridades».

O Ministério «está em posição de assegurar que esses boatos não têm qualquer fundamento. A sua origem reside normalmente na maior venda que tais publicações têm pela publicidade que lhes é feita».

O comunicado esclarece, no entanto, que «em Portugal, a possibilidade de apreensão de publicações estrangeiras está prevista e regulamentada no artigo 32.º da Lei de Imprensa «que tem a seguinte redacção: «1 — Poderá ser suspensa pelo Tribunal a circulação de publicações estrangeiras que contenham escrito ou imagem susceptíveis de incriminação, de acordo com a Lei Penal portuguesa; 2 — Aquelas publicações poderão ser apreendidas preventivamente pelo Tribunal, no caso de colocarem em risco a ordem pública, violarem direitos individuais ou, reiteradamente, incitarem ou provocarem a prática de crimes; 3 — É competente para a decisão a que se refere o n.º 1 o Tribunal da Comarca de Lisboa».

O comunicado do M.C.S. termina por afirmar que «até à data não se verificou nenhuma das eventualidades previstas nesta disposição».

ONZE CONCORRENTES AO PRÉMIO CERVANTES

. O Prémio Miguel Cervantes, promovido mais uma vez pelo Instituto Nacional do Livro Espanhol com a colaboração do Sector Livros da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Espanhola, decorre até ao próximo dia 26 e interessa a onze livrarias da zona da Grande Lisboa: Eurorádio, Sá da Costa, Luso-Espanhola, Publicações Europa-América, Álvaro Torrão, Torrens, Camões, Centro do Livro Brasileiro (Rua Rodrigues Sampaio e Rua do Ouro), Bertrand (Avenida de Roma) e Ulmeiro.

O prémio distinguirá a livraria concorrente que apresentar, no período considerado, a melhor montra dedicada a livros espanhóis. Já na terceira edição, este concurso dá ao vencedor duas viagens aéreas Lisboa-Madrid (e volta), com estadia na capital espanhola, para outras tantas pessoas indicadas pela livraria distinguida, que serão hóspedes do Instituto do Livro Espanhol.

EXPOSIÇÕES ALUSIVAS AO 25 DE ABRIL

. O 25 de Abril é tema de uma exposição organizada pela revista «Moeda», com o apoio técnico da Imprensa Nacional - Casa da Moeda, dos C. T. T., do Banco Nacional Ultramarino, de casas gravadoras e da revista «Medalha», a efectuar de 2 a 11 de Maio, no pavilhão externo da F. I. L.

O certame funcionará das 19 às 24 horas, nos dias 2 a 9, e das 10 às 24 nos dias 10 e 11 de Maio. Estes últimos dias serão dedicados a uma Feira Nacional de Numismática, Filatelia e Medalhística. Os C. T. T. emitirão um carimbo especial da exposição.

EM VIEIRA DE LEIRIA

Com a intenção de estimular a actividade criadora das crianças, a Biblioteca de Instrução Popular de Vieira de Leiria lançou uma campanha entre a população infantil, para recolha de trabalhos sobre o tema «o 25 de Abril, como o vês, o que pensas».

A campanha traduziu-se em centenas de participações, com trabalhos variados, que se encontram patentes ao público naquela biblioteca, até ao próximo dia 30. Como estímulo, serão todas as crianças participantes premiadas com uma visita a local ainda a determinar.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

Sede : Av. da República, 29-27 — Telef. 574073
LISBOA

CONVOCATÓRIA

CCT INDÚSTRIA METALÚRGICA E METALOMECÂNICA

Convocamos todos os trabalhadores e delegados sindicais deste sector para uma reunião no dia 21, às 21,30 horas, na sede do Sindicato, para se apreciar o projecto de Contrato Colectivo de Trabalho vertical.

COMPARECE E PARTICIPA.

PELA COMISSÃO DIRECTIVA

Lisboa, 16 de Abril de 1975

PUB.

AS DEMOCRACIAS POPULARES

Uma perspectiva política para Portugal?

A morte de Estaline determinou, em todo o mundo comunista, transformações profundas, originadas pelo novo rumo imprimido à política soviética pelos novos dirigentes da U. R. S. S. O processo de destalinização desencadeado por Kruchtchev teve efeitos profundos nas democracias populares (Alemanha Oriental, Bulgária, Checoslováquia, Hungria, Jugoslávia, Polónia e Roménia). As consequências resultantes situaram-se não só ao nível de dirigentes, de objectivos políticos a curto e médio prazo, bem como no estilo de vida do homem vulgar.

Apareceu agora nas livrarias uma obra, da autoria de François Fejtö, que traça o quadro do que tem sido a evolução das democracias populares, até aos nossos dias. De notar que não se trata de um livro exclusivamente sobre a política desses países. O estudo ultrapassa o âmbito político e analisa, inclusivamente, o estilo de vida, a importância dos intelectuais, as reformas agrárias, a situação dos estudantes, a evolução económica etc. A obra é enriquecida com um pós-fácio expressamente escrito pelo autor para a edição portuguesa.

Numa altura em que diversos partidos em Portugal advogam o interesse que para nós teria uma solução tipo democracia popular, enquanto outros repudiam esse esquema de sociedade, uma leitura atenta de **As Democracias Populares**, de François Fejtö, constitui uma informação fundamental.

As Democracias Populares, está à venda em todas as livrarias, numa edição de Publicações Europa-América.

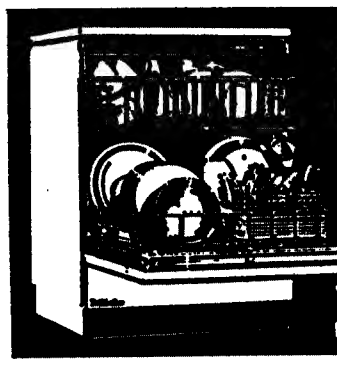
A história de uma clínica, onde as enfermeiras são para todo o serviço.

ONDE É QUE DÓI?

COM: PETER SELLERS . JO ANN PFLUG

EASTMANCOLOR GRUPO D (18 anos) sofilmes

AMANHÃ no IMPERIO



A marca mais vendida na Europa

Miele

máquina de lavar loiça

AGENTE OFICIAL:
ALEXANDRE & FERREIRA, LDA.
ESTRADA DE BENFICA, 741-A - 743 - D
TELEF.: 706466 - 706945 - 704252 LISBOA

Em ALBUFEIRA, o DIARIO DE LISBOA encontra-se à venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (António Santos Labisa)

ANGOLA EM ABRIL-QUE INDEPENDÊNCIA ? (2)

ZAIRENSES NA F.N.L.A.

A grande maioria dos soldados do Exército da F.N.L.A. (E.L.N.A. — Exército de Libertação Nacional de Angola) é de origem zairense. Diversas fontes referiram-nos que os militares da F.N.L.A. falavam normalmente francês, lingala ou suhali. Estes dialectos não existem em Angola.

Diversos testemunhos, que registámos, de populares que estiveram detidos na sede da F.N.L.A., sita à Avenida do Brasil, em Luanda, ou que foram revistados pelos militares do E.L.N.A., confirmam que eles não falam português nem qualquer dialecto angolano.

Por outro lado, durante a entrevista que realizámos fora de Luanda com três desertores do Exército de Holden Roberto, estes declaram que haviam decidido abandonar as fileiras do F.N.L.A., porque não eram angolanos.

Texto de JOSÉ A. SALVADOR

Desertei em Fevereiro deste ano. Não sou originário de Angola. Fui recrutado no Zaire. O treino militar foi no Zaire.

Um intérprete possibilitou a entrevista, mas outras informações dar-nos-iam uma ideia mais precisa desta invasão camuflada.

As fronteiras entre o Zaire e Angola estão praticamente abertas, sendo pouco provável o controlo do movimento fronteiriço. As fronteiras estão à responsabilidade do Ministério do Interior, departamento governamental entregue à F. N. L. A. Segundo fontes fidedignas, terão entrado em Angola pela região do Dundo, aos primeiros dias de Abril, cerca de dois mil e quinhentos zairenses integrados no Exército da F.N.L.A.

O recrutamento da população civil zairense para o E.L.N.A. é feito compulsivamente, com a anuência de Mobutu, presidente do Zaire, e cunhado de Holden Roberto. Grande parte desses zairenses são da tribo Cassai, da província de Cananga.

Almeida Santos sorridente abraça Holden em Kinshasa

O Exército do Zaire compreendia há alguns anos cerca de 65 mil homens, não sendo possível determinar se alguns deles estarão agora incluídos nas forças da F.N.L.A. Só um rigoroso inquérito poderia verificá-lo com segurança, caso o mesmo fosse realizado pelo M.F.A.

ZAIRE SEDE DA F.N.L.A.

O Zaire de Mobutu é neste momento segundo o último número da revista «Afrique Asie», o paradeiro africano preferido pela C.I.A. De Kinshasa a Luanda, ou de Lisboa a Luanda, o salto representa algumas horas de avião. São bastantes os americanos instalados no Hotel Trópico em Luanda. Caso dessem uma conferência de Imprensa, negariam terminantemente pertencer à C.I.A. É neste hotel que se encontram também instalados diversos quadros importantes da F.N.L.A.

Carllucci esteve no Zaire. Mobutu está no Zaire. Holden Roberto, cunhado de Mobutu, ainda não foi a Luanda desde que emigrou para o Zaire, em 1966.

Não oferece dúvidas que a F.N.L.A. prossegue fundamentalmente interesses imperialistas, nomeadamente americanos. Incapaz de mobilizar as massas populares utiliza o terror e a violência para impor a sua opção política, tal como antes o fizera a U.P.A. que lhe deu origem. É conhecido de todos que a U.P.A. e a F.N.L.A. combateram activamente o M.P.L.A.

O TERROR EM 25 DE MARÇO

A nota dominante da orientação política da F. N. L. A. é a do terror. Durante a nossa estadia em Luanda tivemos oportunidade de entrevistas um militante do M.P.L.A., que escapou a um fuzilamento, dos muitos que militares de Holden Roberto perpetraram na capital angolana nos últimos dias do mês passado.

Estamos a 25 de Março. São 22 horas. Da sua casa, no Bairro do Prenda, sai um militante do M.P.L.A. acompanhado do irmão, para levar um amigo comum ao Bairro Rocha Pinto:

. «Metemo-nos no carro do meu irmão, com o nosso amigo Cândido Saturnino de Oliveira Júnior. No primeiro posto da F.N.L.A. nesse bairro revistaram o carro e as pessoas. Não tínhamos nada. Nem sequer um corta unhas. Para o carro subiram dois elementos fardados que nos obrigaram a ir até à delegação deles no bairro. Estavam aí bastantes. Disseram alguma coisa ao comandante. Só um falava português. O comandante falou para nós em francês. Tínhamos de aguardar ordens superiores a ver se éramos perdoados ou não. Mandaram o meu irmão meter o carro dentro de um quintal. Conduziram-nos para perto da prisão, e tiraram-nos toda a documentação e relógio. A prisão era um quarto pequeno. Os três não podíamos esticar as pernas quando sentados.»

. As palavras do nosso interlocutor moldam-se emocionadas à memória do terror. Continuamos nessa noite de 25 de Março:

. «Na prisão ouvimos pegarem no carro que levaram para longe porque se deixou de ouvir. Cerca das três da manhã ouvimos o ruído de outro carro. Pouco depois tiraram-nos da prisão. Era muito quente. Tinha tirado a camisa e quiseram vendar-me os olhos com ela. Já estavamos psiquicamente abalados. Meteram-nos dentro de uma carrinha».

ESCAPEI DE UM FUZILAMENTO

Na cabina da carrinha Volkswagen seguiam os presos e três militares da F.N.L.A., enquanto à frente o motorista era acompanhado por mais três militares. A viagem foi interrompida algumas vezes nos postos de controlo onde os presos tentaram pôr-se de pé sem êxito. As coronhadas não o permitiam.

«A carrinha acaba por parar na Avenida do Brasil junto à sede da F.N.L.A. Um sargento das Forças Armadas Portuguesas exige ver os prisioneiros e pede explicações. Respondem-lhe que fomos encontrados com a bandeira do M.P.L.A. na carteira. Havia civis com armas. Alguns eram brancos. Por fim, seguimos e conduziram-nos para uma grande casa, onde se juntaram a nós oito ou doze indivíduos amarrados dois a dois. Saímos na mesma carrinha. Esta andou até um quintal, onde se encontrava uma viatura da Avicuca (um aviário). Mandaram-nos sair, pôr dois a dois, e puseram-nos a correr. Levaram-nos para um sítio com gradeamento, onde um tractor tinha feito uma vala. Empurraram-nos para dentro da vala. Era ao pé do antigo canil. Eu era dos que não estava amarrado. Rolei para a berma, quando vi os seis militares separarem-se e descarregarem os carregadores. Senti os corpos mortos cairem em cima de mim. O sangue. Ouvi a voz de um indivíduo que apanhara tiros: «irmão, desamarra-me daqui as mãos». Ouvi a resposta: «não posso, que tenho as mãos e pés partidos». Saí da vala como um maluco. Corri».

Elementos da U.N.I.T.A. viriam a comparecer no local. Alguns feridos viriam a ser recolhidos pelos bombeiros. Em Luanda, um silêncio sepulcral cobriu este acontecimento. Diante de mim a voz embargada de um homem com os olhos espetados na noite do medo. Alguns dias depois desse 25 de Março. O mesmo homem que esteve diante do alto-comissário português a narrar os factos.

A NEUTRALIDADE DA U.N.I.T.A.

Quando Couto Cabral, director-geral da Informação foi detido pela F.N.L.A., verificou que na sede deste movimento existiam bastantes miúdos armados de catanas. A F.N.L.A. tinha, de resto, comprado recentemente 250 catanas à firma «Catonho Tonho». Quando a família de Couto Cabral se dirigiu ao alto-comissário a pedir providências este declarou que o assunto não lhe pertencia».

A Luanda chegam sucessivamente camiões de tropas da F.N.L.A., tal como em Novembro e Dezembro haviam aterrado aviões da Air Zaire carregados de «civis» que mais não eram que elementos do E.L.N.A. Registe-se que estas operações se observaram contra ordem negativa expressa.

A impunidade de que se reveste a actuação da F.N.L.A., que conta com a colaboração activa de ex-agentes da Pide/D.G.S., beneficia ainda da pseudo-neutralidade da U.N.I.T.A. No Governo de Transição a U.N.I.T.A. assume posições semelhantes às da F.N.L.A. No aeroporto de Silva Porto descobrimos um grande cartaz com as fotos de Savimbi e Holden e as palavras de ordem «U.N.I.T.A./F.N.L.A. Cooperação!». Se recordarmos ao leitor que internacionalmente se divulgou o conluio entre a U.N.I.T.A. e o Exército colonial português no combate ao M.P.L.A., basta que acentuemos a origem deste movimento: Savimbi foi afastado da U.P.A. quando tentou o seu golpe contra Holden Roberto.

Na rota dos golpes prossegue Chipenda, agora aliado de Holden. Uma aliança com cautelas mútuas. Nem Chipenda confia em Holden, nem este naquele. Ambos sabem do que são capazes e por isso nalgumas cidades do Leste os soldados de Chipenda não ocupam as mesmas instalações da F.N.L.A.

Holden Roberto num campo de treino no Zaire

A F.N.L.A. é contra o poder popular

ANGOLA AOS ANGOLANOS

Se a descolonização de Angola pertence aos angolanos não se compreende esta autêntica invasão de zairenses. A solidariedade internacional não pode assumir estas formas de intervenção directa nos assuntos internos de cada país. De resto, desenha-se nova manobra para introduzir zairenses em Angola, através do montante de refugiados angolanos no Zaire. Os números oficiais e os da F.N.L.A. são muito diferentes, como se entende...

A F.N.L.A. prossegue formas de neocolonialismo procurando impor a Angola as soluções que lhe são ditadas de Washington via Zaire. Os amigos americanos lá estão no Trópico para darem os seus conselhos.

Importa no meio de tudo isto, que o futuro da República de Angola seja decidido pelo povo angolano. Sob pena de a revolução portuguesa sofrer um dissabor e de Angola se transformar num novo campo de luta pela libertação nacional. Porque o imperialismo não se contenta com as suas derrotas na Indochina.

SINDICATO DOS PROFESSORES

ZONA DA GRANDE LISBOA

ENSINO PARTICULAR

Convocam-se todos os professores sindicalizados de todos os Sectores do Ensino Particular, para uma reunião plenário no dia 28, às 21.30 horas, no Anfiteatro UM da Faculdade de Letras, com a seguinte Ordem de Trabalhos

1 — Informações
2 — Aprovação do Contrato Colectivo de Trabalho.

NOTA: 1 — É necessário que todos os professores tragam identificação que os identifique como docentes.

2 — Devem todos os professores dirigir-se ao Sindicato a fim de regularizar os cartões sindicais.

A COMISSÃO DIRECTIVA PROVISÓRIA

Lisboa, 18 de Abril de 1975

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

Sectores de :
Importação, Exportação e Indústria de Madeiras.

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores destes sectores para uma reunião no dia 22 (terça-feira) pelas 21 horas, na Av. da República, 29 (Sindicato dos Profissionais Comércio) com a seguinte Ordem de Trabalhos:

Informações sobre o C. C. T.

Lisboa, 18-4-75

Sindicato dos Escritórios,
» » Telefonistas,
» » Transportes Rodoviários,
» » Garagens,
» » Contínuos e
» » Profissionais do Comércio

Nacional

EM ALCÁCER DO SAL

Pais e alunos ocupam colégio particular

Cerca de 100 pessoas, estudantes, pais dos alunos e trabalhadores, ocuparam o Colégio Dr. José Gentil em Alcácer do Sal. Esta medida dos alunos «é justa e a luta que ousaram tomar em suas mãos merece o apoio militante de todos quantos pretendem varrer o fascismo do nosso país e avançar para a construção de uma escola verdadeiramente democrática», lê-se num comunicado de solidariedade de um grupo de professores da Escola Pedro Nunes, também de Alcácer do Sal.

Entretanto, foi decidido pelos ocupantes mandar um relatório ao M. E. C. acerca das actividades dos padres naquele estabelecimento de ensino. Por outro lado, em reunião, foi decidido criar uma comissão de gestão que é, ao momento, constituída por oito professores.

Para quarta-feira está prevista uma reunião com representantes do M. E. C. Até à chegada de um delegado deste Ministério 400 pessoas e forças do R. I. 11 guardam o edifício.

As reivindicações que os alunos apresentam ao M. E. C., avançam a nacionalização da escola, o saneamento dos padres Sampaio, Jorge e Manso (este por incompetência) de quem dão algumas informações.

Assim, acusam o padre Sampaio, director do colégio e ex-legionário de insultar professores e alunos antifascistas, caluniar o M. F. A. e afirmar que «prefere a paz do fascismo». Este padre teria dito ainda: «Estamos todos a ser burlados pelo M. F. A. e pelo Governo Provisório.»

Quanto ao padre Jorge, os alunos acusam-no de ter mostrado, «em certas aulas, saudade de Salazar e piedade pelos «pides», chegando a afirmar que 'não houve maior homem em Portugal do que Salazar'».

Para além disso queixam-se os alunos de que procederam à ocupação do Colégio que os seus colegas de 3.º ano estão seleccionados em três turmas, respectivamente os bons, os médios e os burros.

REMODELAÇÃO DA TELESCOLA

A Telescola vai ser completamente remodelada, pois segundo os moldes em que funciona os benefícios são desproporcionais ao custo.

Com efeito, «a Telescola enferma de vícios típicos do regime deposto, centralização e gigantismo, previlégios múltiplos, auto-sustentação», assinala o Ministério da Educação e Cultura, numa análise a este meio audio-visual de ensino, completando a sua informação com significativos números. Assim, «no ano económico findo, a Telescola absorveu 83 por cento do total das despesas efectuadas pelo Instituto de Tecnologia Educativa, ou seja, mais de 70 000 contos».

Em face a esta realidade, deslocou-se a Vila Nova de Gaia para tratar de problemas relativos ao futuro da Telescola e serem tomadas medidas que modifiquem por completo o sistema actual.

Para tanto, algumas acções estão previstas, designadamente, a necessidade de serem dados aos monitores melhores meios de formação pedagógica às crianças que frequentam a Telescola e carecem de material gratuito e outras facilidades sociais.

Para ir ao encontro destas necessidades, estão a ser estudadas as seguintes medidas: emprego de lições gravadas em vez de transmissões directas, o que além de proporcionar maior flexibilidade na revisão dos actuais programas permite a economia de custos superiores a duas dezenas de milhares de contos já no próximo ano; a edição de folhas de trabalho a distribuir gratuitamente pelos alunos; a revisão de todo o processo e formação e acompanhamento pedagógico dos monitores; a progressiva integração do funcionamento dos postos de Telescola no sistema geral do ensino.

MONITORES

Por determinação de um decreto-lei publicado no «Diário do Governo» poderão ser recrutados entre os alunos os monitores destinados às disciplinas do ciclo básico da Faculdade de Medicina.

Os candidatos deverão apenas possuir aprovação nas disciplinas a que se destinam. Caso se trate de disciplinas integradas em grupo, terão de ter aprovação em todas as disciplinas desse grupo.

Festa da criança na serra de Sintra

Cerca de três mil crianças reuniram-se ontem no Parque de Sarita Eufémia, na Serra de Sintra, para comemorarem o seu dia. O convívio, promovido pela comissão administrativa do Município de Sintra, teve a participação de pais e professores das crianças. Estas divertiram-se com jogos e apreciaram vários espectáculos em que colaboraram o Rancho do Sabugo, a Banda de S.Pedro, o Teatro Infantil de Covas de Ferro, formado pelo grupo de animação teatral «O Bando», palhaços e uma banda militar.

Houve também variedades e o grupo de marionetas «S.Lourenço e o Diabo» apresentou o «Pranto de Maria Parda», de Gil Vicente. A Comissão Central de Dinamização Cultural do M.F.A. participou na organização do programa e deu todo o seu apoio à iniciativa, que contou com a colaboração de vários organismos públicos e privados, militares e paramilitares, em questões de segurança e do transporte das crianças.

DIRIJA
A sua correspondência para o motor

A PARTIR DE HOJE
NOVAS INSTALAÇÕES
Rua Castilho, 201-5.º-D.tº Telefs. 655241/655245

MÓVEIS
FABRICANTE
EXECUTA
POR ENCOMENDAS
ARMÁRIOS, ROUPEIROS, ESTANTES E QUAISQUER OUTROS MÓVEIS MODERNOS OU DE ESTILO.
PERFEIÇÃO, RAPIDEZ E PREÇOS ACESSÍVEIS.
FÁBRICA DE MÓVEIS SUPERCONFORTO.
(ENTRE O BAIRRO DAS COLÓNIAS E PENHA DE FRANÇA) TEL. 82 49 54.

O NOVO VW BRASILIA
Para quem procura uma viatura funcional e versátil

com a tradicional qualidade e assistência VW.

Compacto por fora, espaçoso por dentro.

Carroçaria moderna e de linhas sóbrias, com duas largas portas laterais e ampla «porta» traseira. Equipado funcionalmente até ao mais pequeno pormenor.

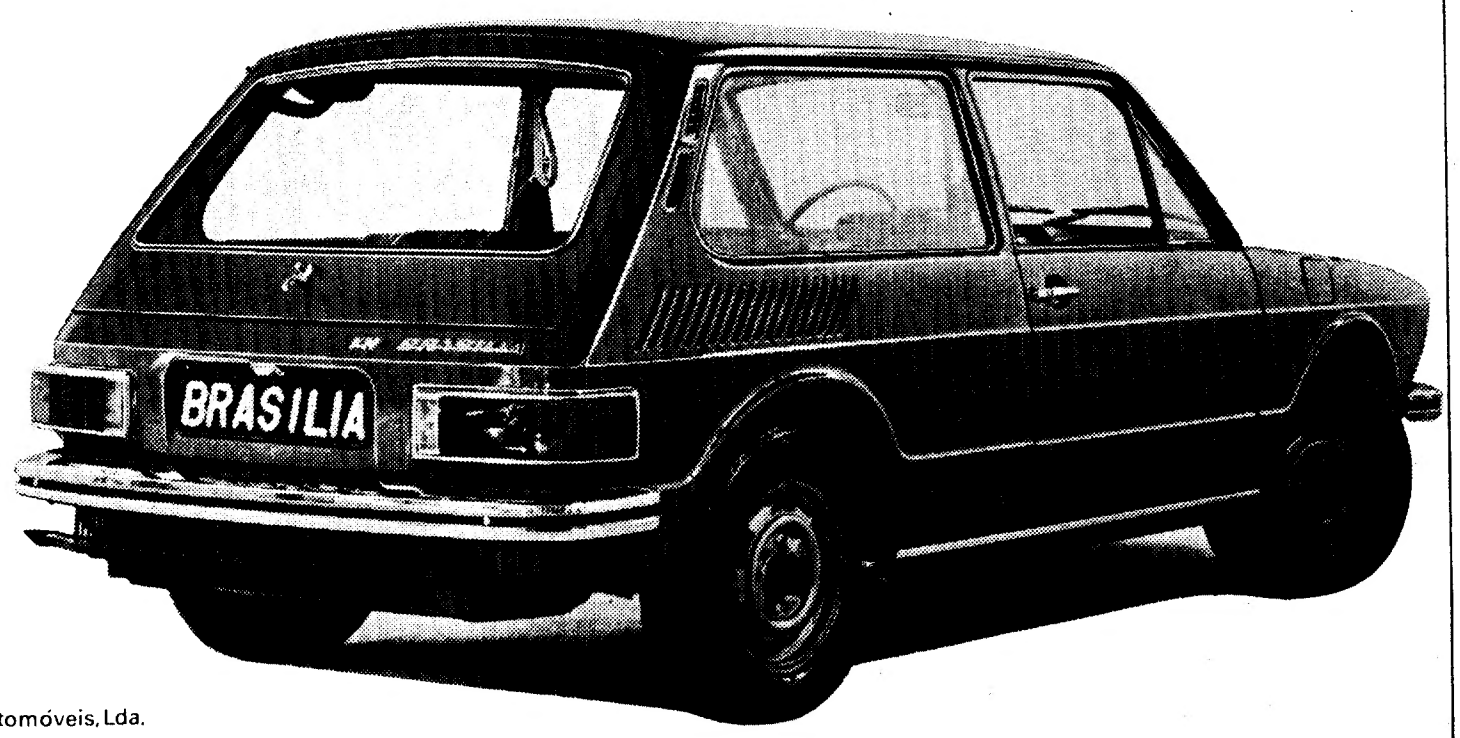
Compartimento de bagagens ampliável.

Conforto para 5 pessoas. Robusta técnica VW de comprovada eficiência.

Motor de 50 CV a gasolina normal.

VW Brasília — a sua viatura de trabalho durante uma longa vida.

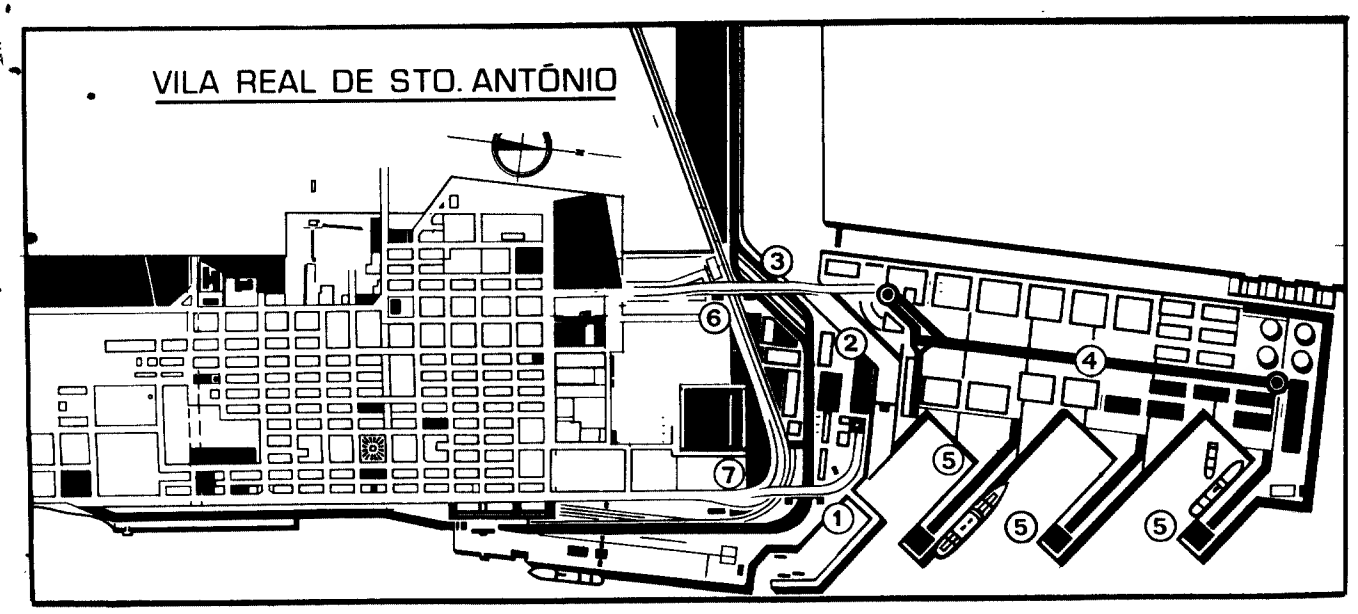
UM VW É SEMPRE UM BOM INVESTIMENTO.



Volkswagen de Portugal, Automóveis, Lda. e Agentes em todo o País

MARCA 75

Nacional



A VALORIZAÇÃO DO PORTO MOTIVO DE PROJECTO

. O Plano Económico da autoria da equipa chefiada pelo ministro Melo Antunes prevê a valorização de portos como o de Vila Real de Santo António, o que se nos afigura medida de largo alcance para a economia do País, e do Algarve em especial. Aquele porto fronteiriço dispõe de óptimas condições naturais, cujo total aproveitamento se impõe com carácter de urgência.

Correspondendo ao que se prevê no plano, o artista José Lima, residente em Lisboa, mas natural de Vila Real de Santo António, elaborou o projecto, cuja foto reproduzimos. Parecendo, à primeira vista, ambicioso, o projecto vem, no entanto, de encontro à necessidade de se adoptarem medidas drásticas, revolucionárias mesmo, para a solução das graves deficiências locais.

É nesta perspectiva que se nos afigura importante que as novas autarquias locais, imbuídas de espírito democrático, acarinhem, quando se afigurem racionais (como é o caso), as iniciativas dos artistas e técnicos da região, com vista ao enriquecimento das suas terras. No que respeita a Vila Real de Santo António, o projecto do artista José de Lima parece-nos merecer atento estudo.

A zona abrangida pelo projecto é a parte norte de Vila Real de Santo António, isto é, o porto e os sapais circundados pelo esteiro da Carrapateira. A intenção é a construção de um polo industrial e portuário. Especifiquemos, de acordo com dados publicados no jornal regional «O Tavira» por António Manuel Rosa Mendes, os diversos pontos assinalados no projecto:

. 1. Ampliação da doca de pesca com melhoramentos de diversa índole, sobretudo instalações sociais de apoio ao pescador.

2. Completar o existente centro de frigorificação através de cooperativas de pescadores.

3. Centro cívico de recreio e cultura popular.

4. Transformação do rectângulo do Sapal, que constituiria assim o polo industrial norte da vila. Nele poderiam ser instaladas fábricas-piloto modernamente equipadas.

5. Três docas de encosto, uma das quais destinada a recolher barcos de turismo; as duas restantes destinar-se-iam à carga e descarga de navios, equipados com material adequado a barcos contentores.

6. Entre o pólo urbano (a vila propriamente dita) e o pólo portuário, o tráfego pesado far-se-ia através de uma ponte que cortaria junto à estação da C. P. e passaria sobre a via férrea e as estradas que com ela se cruzam.

7. A Avenida da República seria prolongada, desenvolvendo-se, em ângulo quase recto, para poente, e servindo assim os centros sociais atrás mencionados e a estação da C. P.

REFORMA AGRÁRIA

CONSELHOS REGIONAIS EM OITO DISTRITOS

. Com a participação dos trabalhadores rurais e dos pequenos agricultores, vão ser criados Conselhos Regionais de Reforma Agrária em oito distritos (Lisboa, Santarém, Castelo Branco, Évora, Portalegre, Beja, Faro e Setúbal) decidiu o Conselho de Ministros.

Aos Conselhos Regionais competirá acompanhar todo o processo local de reforma, cabendo-lhe pornunciar-se sobre a execução das medidas previstas, em termos que serão especificados em instrumento legal a publicar brevemente.

Num comunicado difundido pelo Ministério da Agricultura e das Pescas, o Governo adverte os proprietários fundiários e empresários agrícolas abrangidos pelas medidas revolucionárias da Reforma Agrária, que serão severamente punidos se tentarem actos contrários à sua efectivação, nomeadamente os referentes à exploração das propriedades e tentativas de lhe diminuir a área global.

Os contratos de arrendamento celebrados a partir desta data, por proprietários de áreas superiores às delimitadas não terão validade, à excepção dos contratos de campanha.

O Conselho de Ministros «tem consciência de que os verdadeiros beneficiários e motores da reforma agrária têm de ser os assalariados agrícolas e os pequenos e médios agricultores. Com essa consciência apela para o seu espírito de disciplina, visto que, e desde este momento, não serão mais toleradas, por prejudiciais ao desenvolvimento do processo de reforma agrária e, portanto, reaccionárias, quaisquer ocupações de terras ou outras iniciativas similares».

A todos os proprietários fundiários e empresários agrícolas abrangidos pelas medidas anunciadas, o Governo garante a normal arrecadação das colheitas e da produção pecuária, não só referentes ao presente ano agrícola, como até ao momento em que nos termos da lei e através dos organismos competentes, se efectivar a transferência de propriedade.

REGRAS PARA EVITAR A CÓLERA

. Dada a proximidade dos meses quentes, mais propícios ao aparecimento de casos de cólera, a Direcção-Geral de Saúde propôs a reorganização da luta contra as doenças entéricas, de origem alimentar, que mereceu a concordância do secretário de Estado da Saúde. Nestes termos e de acordo com um comunicado emitido por aquela direcção-geral, «foram constituídas uma comissão nacional de luta contra a cólera, com funções técnico-normativas, e comissões coordenadoras distritais e concelhias, que promoverão a constituição de grupos de acção directa, a nível distrital e concelhio, tendo como acções fundamentais a educação para a saúde, a higiene ambiental e da alimentação a «surveillance» e a dinamização do processo de participação das populações. Aquelas equipas serão constituídas por trabalhadores da Saúde e do Serviço Social, dos serviços técnicos camarários, de outros organismos oficiais ou para-oficiais e elementos da população interessados em participar.»

. O mesmo docuento apela, mais uma vez, para a população «no sentido de cumprir rigorosamente as regras de higiene individual, colectiva e alimentar» que a seguir se indicam:

. «Utilizar água na rede pública para beber, lavar louças e preparar alimentos. Na falta daquela somente se deve empregar água fervida ou desinfectada.

Os mariscos e as hortaliças devem ser bem cozinhados.

As frutas e saladas devem ser lavadas em água da rede pública, ou água fervida ou desinfectada.

Os alimentos, depois de cozinhados, devem ser devidamente resguardados, principalmente das moscas.

As crianças devem ser ensinadas a não beber águas suspeitas e a não tomar banho em charcos ou outros locais de águas paradas ou próximo da desembocadura dos esgotos.

Lavagem cuidadosa das mãos antes de comer e de preparar alimentos e depois de se utilizarem as instalações sanitárias e de se manipularem alimentos crus (hortaliças, frutas, saladas, etc.).

No caso de não haver instalações sanitárias ligadas à rede de esgotos, promover a desinfecção das fezes, com creolina ou cal viva. Não utilizar águas sujas de fossas ou da rede de esgotos, na rega de produtos hortícolas.

..Se a população seguir, escrupulosa e conscientemente, os preceitos indicados, a incidência da cólera e de outras doenças intestinais diminuirá substancialmente.

..Tal como no ano passado, serão distribuídas à população garrafas com soluto desinfectante ou comprimidos, com idêntica finalidade.»

AVEIRO

FÁBRICA DE AZEITE OCUPADA PELOS TRABALHADORES

. AVEIRO, 19 — Os trabalhadores do sector de produção da fábrica de azeites Marialva continuam em greve depois de ocuparem as instalações e negaram o acesso à gerência.

Em 9 de Fevereiro último foi eleita, em plenário, uma comissão de trabalhadores constituída por seis delegados sindicais naquela empresa, onde prestam serviço cerca de 110 pessoas, sendo 14 do serviço administrativo. A partir daquela data, começou a comissão a elaborar um caderno reivindicativo de 26 pontos que foi apresentado à gerência no dia 7 deste mês, depois de ter sido aprovado num outro plenário efectuado no dia 26 de Março. Foi então dito, numa nota marginal do caderno, que «se a empresa necessitar de contactar a C.T. para quaisquer observações acerca do Caderno Reivindicativo o deve fazer no prazo de dez dias. Todavia, e a partir da data de entrega do caderno, as trabalhadoras que faziam o trabalho a que se refere os n.°s 9 e 10 (limpezas) deixam de o fazer».

— Apesar de não nos fixarem um prazo para aceitarmos ou não as suas reivindicações, a gerência entabulou conversações com aquela comissão de trabalhadores, que se auto-elegeu, tendo elas lugar nos dias 14 e 16 deste mês ficando acordados 23 dos 26 pontos apresentados, ficando por aceitar os n.°s 18, 22 e 23 que dizem respeito a ordenados, porquanto está no Ministério do Trabalho um contrato colectivo dos químicos para aprovação e achamos que seria de toda a conveniência esperar por essa homologação. Aceitámos, entre outras regalias pedidas, que os guarda-nocturnos andassem armados, que fossem dadas determinadas percentagens aos chefes de turno, que a inspecção de volumes fosse feita a todos os funcionários, que o registo de ponto fosse extensível também ao sector administrativo e que os carros dos empregados do sector fabril também tivessem acesso ao parque interior da fábrica, não aceitando todavia que a exigência de que a limpeza dos escritórios fosse feita pelas próprias funcionárias por disso, contratualmente, estarem isentas. No mais, estivemos e estamos permeáveis para tudo se harmonizar, indo ao ponto de lhes garantirmos que se houvesse retroactivos do novo contrato pois a isso não fugiríamos e que também faríamos um reajustamento aos ordenados, subsídios aos motoristas, apesar do contrato destes ter saído há pouco tempo — «isto nos diria o sr. Angelo Martins, sócio-gerente da fábrica.

«Entretanto, importa referir que não tendo chegado a acordo nos três pontos referentes aos salários, os trabalhadores reuniram-se de novo em plenário e foi dito àquele gerente que a fábrica paralisaria e as instalações seriam ocupadas, e de que dessa resolução seria dado conhecimento ao M.F.A., conforme veio a acontecer.

Saliente-se que os funcionários dos escritórios não aderiram à greve «porque são lacaios do patronato pois que logo que tiveram conhecimento que o regulmaneto dos trabalhadores lhes tirava regalias como gratificações tipo 14.° mês, que teriam de picar cartão como nós, que teriam as suas malas de serem revistadas como as nossas sacas, que os seus carros ficavam lá fora como os nossos ou que eram tanto como nós aqui dentro não gostaram disso e foram-se embora não aderindo a esta luta tal como o fizeram alguns chefes de turno, não seguindo o exemplo dos fogueiros que apesar de terem em vigor desde 1 deste mês um contrato com excelentes regalias, não hesitaram e solidarizaram-se connosco» — disse-nos o sr. José Crespo, um dos elementos da comissão de trabalhadores.

Vejamos, agora, os salários pedidos pelos trabalhadores: 7500$00 para os motoristas (ganham 6250$00 ilíquidos e mais 120$00 diários para despesas); 7000$00, chefes de turno (5600$00); 6000$00, trabalhadores-homens (4400$00 a 4800$00); 5000$00, mulheres maiores (3300$00); 4000$00, mulheres menores (2400$00).

Antes do fim-de-semana, ainda houve uma nova tentativa de conciliação com a presença de um dirigente do Sindicato dos Químicos do Porto, tendo a gerência «tentado encontrar um entendimento, propondo um reajustamento de ordenados mas os trabalhadores não aceitaram» pelo que a greve e a ocupação da Fábrica Marialva, importante unidade no ramo e com larguíssima repercussão no sector alimentar português continua, até que as autoridades competentes venham agora a resolver o diferendo.

JOSÉ NAIA

CURSO NA GULBENKIAN PARA PROFESSORES DE BIOLOGIA

Na sequência de um programa iniciado em 1971, o Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian vai promover o V Curso de Actualização de Professores de Biologia, que decorrerá nas próximas férias, de 25 de Agosto a 20 de Setembro próximo.

No curso, que terá, como os anteriores, uma parte de actualização científica e outra de actualização pedagógica, adoptar-se-ão a Filosofia e Metodologia do ensino já desenvolvidas no III e IV Cursos.

A actualização científica, com a duração aproximada de 2 semanas, é predominantemente formativa: através de materiais do «Biological Sciences Curriculun Study — B.S.C.S.» para o ensino universitário, os professores-participantes viverão, no laboratório, uma experiência conduzida nos moldes do trabalho do cientista, dando particular relevo à natureza e processos da ciência.

Quanto à actualização pedagógica (ensino e sua avaliação) que, como nos cursos anteriores, se dirige essencialmente ao ensino pré-universitário, será adoptada como base de trabalho a Versão Azul do B.S.C.S. Esta segunda parte do curso, que ocupará cerca de 2 semanas, compreende textos, trabalhos experimentais e modelos de inquérito científicos.

Os interessados deverão dirigir-se ao Serviço de Educação da Fundação.

O SINDICATO DOS PROFESSORES RESPONDE À EMBAIXADA DE FRANÇA

. Ainda sobre a extinção da secção portuguesa do Liceu Francês Charles Lepierre, e a propósito de uma nota da Embaixada francesa que desmentia a existência de discriminações entre professores portugueses e professores estrangeiros, o Sindicato dos Professores da Zona da Grande Lisboa emitiu um comunicado em que discorda da interpretação da lei das indemnizações por parte da Embaixada francesa e reafirma a existência de discriminação entre professores estrangeiros e portugueses.

Diz o texto do comunicado: «É verdade que os representantes da França, perante as reclamações do corpo docente, afirmaram já em 1972 e por várias vezes, que os professores despedidos seriam indemnizados segundo a lei portuguesa. Essa lei era, porém a do regime anterior, que de modo nenhum protegia os professores e, em interpretação forçada, já foi invocada noutras circunstâncias, em seu prejuízo. Daí a inquietação. Nunca se falou em indemnizações justas ou que tivessem em conta, por exemplo, a impossibilidade prática, para muitos professores de prosseguirem noutro estabelecimento a sua carreira.»

. Quanto à discriminação, afirma o Sindicato dos Professores: «Entende a Embaixada de França que diferenças decorrentes de estatutos nacionais distintos não constituem discriminação. Entendem os professores do Liceu Francês que remunerar trabalho igual a professores de igual categoria a níveis muito diferentes, sendo essa diferença baseada num critério de nacionalidade a que nada obriga, constitui uma discriminação.»

Nacional

SINDICATOS AGRÍCOLAS E CASAS DO POVO

A Comissão Administrativa da Junta Central das Casas do Povo divulgou um comunicado em que critica uma moção do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Beja, enviada ao Conselho da Revolução e na qual se pede a extinção do regime especial de previdência dos trabalhadores agrícolas, pela sua completa equiparação à dos restantes trabalhadores, e ainda que seja o mesmo Sindicato a dirigir as Casas do Povo do distrito.

Segundo a referida Comissão Administrativa, «julga-se que a primeira medida terá sido proposta com algum desconhecimento ou menosprezo das dificuldades que o sector agrícola tem demonstrado para suportar o custo da equiparação do «regime especial» ao «regime geral» de previdência, o que tem explicado que a aproximação entre os mesmos regimes se vá fazendo progressivamente por etapas».

Por outro lado, a C. A. da Junta Central das Casas do Povo afirma que «não se compreende a moção segundo a qual se pretende a entrega da direcção das Casas do Povo aos Sindicatos Agrícolas». E esclarece: «De facto, encontram-se hoje bem delimitados os campos de actuação de ambas as instituições, não se julgando conveniente, nem viável, a simbiose que dai resultaria entre organismos fundamentalmente preocupados com a representação profissional dos trabalhadores, por um lado, e instituições de previdência e assistência e centros de cooperação e promoção de todos os residentes na área, pelo outro».

De acordo com o mesmo comunicado, «essa simbiose foi caracteristica do sistema corporativo vigente no regime fascista e os seus frutos estão por de mais ao alcance dos olhos para que se pretenda restaurá-la. De resto, foi oportunamente definido pelo Governo Provisório que as Casas do Povo prosseguiriam a sua acção como instituições de previdência e centros polivalentes de animação sóciocultural, em nada se confundindo com as associações sindicais agrícolas a constituir. Por isso mesmo, as conexões de umas e outras ficaram estabelecidas com Ministérios distintos: as Casas do Povo com o Ministério dos Assuntos Sociais e os Sindicatos Agrícolas com o Ministério do Trabalho».

SABOTAGEM — Os trabalhadores da Casa Agrícola Santos Jorge acusam a administração de sabotagem económica, concretizada nomeadamente na destruição de produtos agrícolas e em negligências no tratamento do gado que resultou na morte de alguns animais». Tomando posição perante a situação os trabalhadores decidiram montar piquetes em todos os locais de trabalho, solicitar ao Estado o imediato congelamento das contas bancárias da firma e proibir a entrada nas instalações a todos os elementos que estão directamente ligado à presente administração.

INDÚSTRIA HOTELEIRA — Continuaram no Ministério do Trabalho as negociações do contrato colectivo de trabalho único e vertical do Sindicato da Indústria Hoteleira. Na reunião efectuada no passado dia 17, chegou-se a um impasse, pelo que os representantes sindicais decidiram requerer ao Ministério do Trabalho que passasse a assistir às negociações. A ruptura nas negociações verificou-se quando se discutia a proibição de despedimentos sem justa causa.

O antigo Mercado da Primavera reabre no próximo dia 1 de Maio com outro nome: Mercado do Povo. E, como é óbvio, não será como dantes, pois terá como objectivo fomentar o artesanato, a cultura e pratos tradicionais de Moçambique, Angola, e Guiné, a preços baixos, para turistas nacionais e estrangeiros.

Propósito desde já tornado público: não ao lucro. Preços baixos, portanto.

No âmbito da dinamização cultural integram-se ainda exibições permanentes de filmes divulgando-se, sobretudo, cinematografias desconhecidas em Portugal, tais como a húngara, a jugoslava e a romena.

Haverá também música, bailado, «jazz», coral, folclore e outras manifestações culturais.

O Mercado do Povo está a ser organizado pelo Sindicato da Indústria Hoteleira, à qual se associaram a Comissão Dinamizadora Central do M. F. A., a Direcção-Geral de Turismo e o Ministério da Comunicação Social.

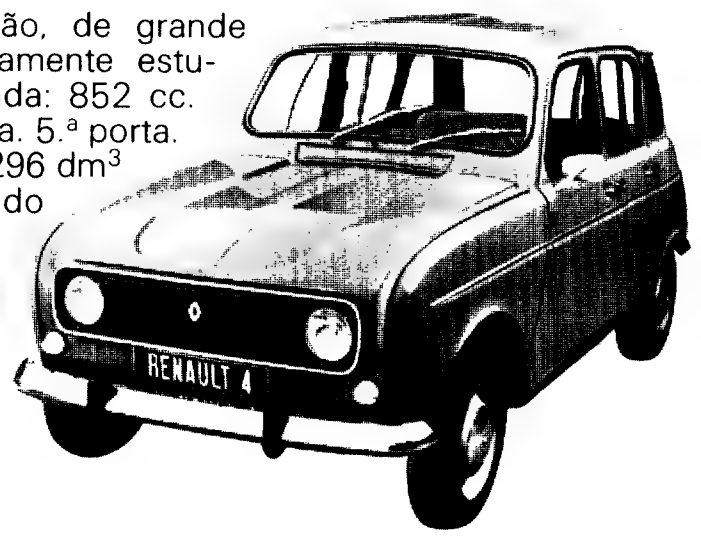
Uma equipa de guias intérpretes terá uma dupla missão: ajudar os turistas nas visitas e esclarecê-los sobre a revolução portuguesa.

Liberdade às quatro rodas!

Renault 4

O Renault 4 é o nosso carro. Com ele, estamos livres de preocupações com o automóvel. O Renault 4 dá-nos toda a liberdade, quer para os nossos tempos livres, quer para o trabalho. O Renault 4 é, verdadeiramente, liberdade às 4 rodas.

Suspensão com barras de torsão, de grande flexibilidade. Assentos anatomicamente estudados. Tracção à frente. Cilindrada: 852 cc. Velocidade: 110 Km/h. Nova grelha. 5.ª porta. Grande capacidade de bagagem: 296 dm^3 ou 1185 dm^3 por rebatimento do banco traseiro.
Soluções simples e eficazes. Resistente, mesmo nos maus caminhos.



Utilize-o como quiser. Ele permite essa liberdade.

RENAULT

INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT, S.A.R.L.

ESPIRAL - N/1/75

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção - Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e nas Secretarias das Câmaras Municipais dos Concelhos de Ferreira do Alentejo e de Grândola em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o processo 8/53735,arquivo 5460, para o estabelecimento nas freguesias de Azinheira de Barros e de Figueira de Cavaleiros, concelhos de Ferreira do Alentejo e de Grândola, de uma linha aérea a 30 kV com 633 m do poste n.º 88 da linha Vale do Gaio-Lousal, da União Eléctrica Portuguesa ao Posto de Transformação da Construtora do Tâmega na Herdade de Casais.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 12 de Abril de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção - Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pe-Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Elécrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o processo 8/54695, do arquivo 5460, para o estabelecimento na freguesia de Bensafrim, concelho de Lagos, de uma linha aérea a 15 kV, com 122 m, do poste n.º 21 da linha Bensafrim-Sagres ao posto de transformação da Quinta do Rio.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 12 de Abril de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

Estrangeiro

Ganhos da oposição grega em eleições secundárias

ATENAS, 21 — (R.) — O Partido da Nova Democracia, que governa a Grécia, não conseguiu manter um lugar parlamentar numa eleição secundária, dando, de certo modo, razão a uma alegação da oposição de que está a perder popularidade.

Contudo, a recepção feita ontem ao primeiro-ministro Constantino Karamanlis que regressou de uma visita oficial de dois dias a Paris, indica que o chefe do Governo goza ainda da confiança da maioria dos gregos.

O Partido da Nova Democracia perdeu o lugar por Corfu a favor de um candidato apoiado por todos os partidos oposicionistas, na eleição secundária de ontem.

Noutra eleição secundária, o Partido da Nova Democracia, que ganhou 220 dos 300 lugares no Parlamento na consulta às urnas, em Novembro último manteve a representação por Kozani, no Norte da Grécia. O vencedor em Corfu foi Spyros Rallis, do Movimento Socialista Pan-Helénico, enquanto que em Kozani, Ioannis Vayatis, do Partido da Nova Democracia derrotou o candidato oposicionista Miguel Papaconstantinou, antigo subsecretário da Defesa.

Em Novembro passado, o Governo obteve 54,3 por cento do total da votação, mas menos de quatro por cento dos seis milhões de eleitores do país foram ontem às urnas.

Os resultados das eleições secundárias em cinco outros círculos serão conhecidos ainda hoje.

Contudo, os resultados revelados, até agora, mostram que a oposição ganhou dois lugares — em Janina, no Noroeste da Grécia, e em Serrai, ao Norte.

Entretanto, aumentou o prestígio de Karamanlis a seguir à sua visita a Paris, durante a qual assegurou apoio político, económico e militar da França, que se espera permita à Grécia seguir uma política acentuadamente mais europeia.

Tal aumento de prestígio coincide com o oitavo aniversário do golpe de Estado na Grécia que criou a junta militar, deposta em Julho último.

Os gregos observarão em todo o país dois minutos de silêncio, ao meio-dia de hoje, em memória das vítimas da ditadura.

Numa comunicação pela ocasião, Karamanlis notou que 21 de Abril de 1967 fora um dia triste e que deveria servir como moral de que a democracia apenas pode ser defendida pelo povo.

Disse ainda que os gregos não deveriam permitir que alguns indivíduos loucos e ambiciosos destruíssem a democracia.

«É responsabilidade do novo grego salvaguardar e consolidar as instituições democráticas do país» — acrescentou.

George Mavros, chefe do Partido da União do Centro-Novas Forças, o principal da oposição, disse numa declaração que o povo grego deveria lutar para tornar impossível uma repetição do que classificou como a abolição da democracia na Grécia.

O «homem forte» do Camboja libertado é o dirigente dos khmers vermelhos, Khieu Sanphan (o segundo a contar da esquerda, na telefoto). Este instantâneo, onde se vêem, além do dirigente já citado, a mulher de Sihanouk, o príncipe Shanouk e Hu Nim, ministro da Informação e Propaganda do Governo Revolucionário no exílio, foi obtido em Março de 1973, por ocasião de uma visita que o príncipe fez a áreas já libertadas do Camboja. (Telefoto UPI-Telimprensa)

MÉDIO ORIENTE

As conversações de Genebra poderão começar em Junho

MOSCOVO, 21 — (R) — O ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, Ismail Fahmi, tem hoje nesta capital o seu último dia de conversações com dirigentes soviéticos e anuncia-se que os dois lados concordaram que a conferência de paz no Médio Oriente deveria recomeçar em Genebra, em Junho.

As notícias do acordo foram dadas num telegrama do Cairo da agência noticiosa do Médio Oriente (M.E.N.A.), que citava Fahmi como declarando ao seu correspondente nesta capital que o Egipto não se opusera a um pedido soviético para uma conferência em Junho, naquela cidade suíça.

A M.E.N.A. citou também Fahmi como afirmando que o Cairo se recusara a participar num recomeço da diplomacia passo-a-passo, antes das conversações de paz, que os Estados Unidos defendiam.

Segundo a M.E.N.A., Fahmi revelou que a União Soviética lhe comunicara que gostaria de ver a Organização de Libertação da Palestina (O.L.P.) representada em Genebra.

A questão da participação palestiniana na conferência continua por resolver. Na verdade, os próprios árabes não chegaram ainda a acordo entre si sobre como os palestinianos deveriam estar representados, enquanto que os israelitas se recusam a tratar com a O.L.P.

A anunciada concordância sobre uma conferência de Genebra representaria o primeiro passo concreto para negociações sobre a crise do Médio Oriente desde o malogro, no mês passado, da iniciativa de Henry Kissinger de negociar um acordo separado ente Israel e o Egipto.

A perspectiva de um recomeço das conversações multilaterais, dentro de dois meses, segue-se as garantias soviéticas, dadas no sábado por Andre Gromyko num discurso, de ue o Kremlin pretende preparativos completos antes da reunião de Genebra, a fim de assegurar o êxito da conferência.

Após as conversações que travará hoje incluindo possívelmente uma audiência com Leonid Brejnev, secretário do Partido Comunista Soviético, espera-se que Fahmi regresse ao Cairo, amanhã, de manhã.

Partidos comunistas reunidos em Roma

ROMA, 21 (FP) — Os representantes de 18 partidos comunistas reunidos em Roma concluiram, no domingo, a análise da situação actual, das possibilidades e das perspectivas da cooperação económica na Europa.

No final deste colóquio preparatório da cimeira comunista europeia, foi publicado um comunicado que salienta que «otodos os países deverão ter a sua quota-parte autónoma e activa na garantia do respeito total da sua independência e das suas opções».

As forças do Vietcong continuam o seu avanço

SAIGÃO, 21 — (R.) — O comando de Saigão perdeu o contacto pela rádio com o comando provincial instalado na cidade de Xuan Loc, que se encontra cercada e está a ser assediada fortemente pelas forças de libertação.

O contacto foi cortado ontem à noite, após uma violenta barragem de artilharia.

Entretanto, as forças do Vietcong, que continuam a avançar para Sul, depois de ultrapassarem Xuan Loc, desencadearam forte ofensiva esta manhã contra Ham Tan, uma capital de província situada junto da costa.

A queda de Ham Tan deixará o caminho aberto para um avanço sobre o porto de Vung Tau, o último porto importante ainda em poder do Governo.

Durante a noite, o Vietcong manteve a pressão contra a importante base aérea de Bien Hoa, situada a 28 quilómetros de Saigão.

Foguetões de 122 milímetros e granadas de artilharia atingiram a base, mas não há informações sobre baixas.

A captura de Bien Hoa deixaria a força aérea governamental sem a sua principal base e permitiria à artilharia comunista atingir facilmente dali o aeroporto internacional de Saigão.

Enquanto pode continuar a manter o domínio do ar, a força aérea governamental intensifica os seus ataques contra as forças do Vietcong, procurando aliviar a pressão sobre Xuan Loc, Bien Hoa e outras posições em torno de Saigão.

"BANCO DE HOMENS"

ADELAIDE, 21 (R) — Foi afirmado num sumpósio por ocasião do Ano Internacional da Mulher, que se realizou no fim da semana nesta cidade australiana, que era agora possível um mundo em que os homens seriam virtualmente desnecessários.

O director interino do Instituto Médico e de Ciência Veterinária de Adelaide, dr. Earle Hackett, declarou às delegadas: «Podemos, se quisermos, ter um mundo quse feminido».

A espeéeie humana poderia ser mantida apenas com um pequeno «banco de homens» como fonte de semem — acrescentou o cientista. Os homens são pouco necessários na sociedade industrial de hoje.

PREPARATIVOS NORTE-AMERICANOS

WASHINGTON, 21 — (R.) — O secretário de Estado, dr. Henry Kissinger, e o chefe do Estado-Maior do Exército, general Frederick Weyand, farão hoje outra tentativa para persuadir o Congresso a votar no sentido de conceder mais auxílio militar ao Vietname do Sul.

A tentativa de hoje para fazer com que o Congresso conceda mais dinheiro parece ser a última do Governo para ajudar financeiramente as tropas de Saigão, cuja situação se torna cada vez mais crítica.

O presidente Gerald Ford ordenou, na semana passada, que todos os norte-americanos não essenciais sejam evacuados e espera-se que apenas cerca de mil se encontrem ainda no Vietname do Sul, no fim desta semana, comparado com quase 6000, no princípio de Abril.

Entretanto, parece estar a proceder-se a preparativos para uma evacuação mais maciça. Cinco porta-aviões norte-americanos navegam para destinos desconhecidos no Pacífico Ocidental, juntamente com uma força de transporte e outros barcos.

Embora o Departamento da Defesa reconheça somente que os navios naveguem no mar alto, era aparente que se dirigiam para águas sul-vietnamitas.

A «Newsweek» anunciou ontem que fuzileiros navais norte-americanos serão empregados para proteger helicópteros transportando nacionais dos Estados Unidos e os seus familiares vietnamitas, evacuados de Saigão.

Caças-bombardeiros a jacto serão também utilizados para manter um corredor aéreo para aviões norte-americanos — acrescentava a revista.

48 horas no mundo

■ Ao largo da costa do Vietname do Sul — onde as forças de libertação se encaminham a passos rápidos para a vitória — encontra-se estacionada uma grande força naval norte-americana, facto que originou um protesto de Hanói.

■ Com 77 anos, faleceu o escritor e historiador Robert Aron, da Academia Francesa.

■ O presidente tanzaniano, Julius Nyerere, que se encontra de visita oficial à Jugoslávia, declarou em Belgrado que haverá uma solução pacífica na Rodésia, se todos os nacionalistas africanos se unirem e mostrarem que estão dispostos a lutar.

■ O presidente zambiano, Kenneth Kaunda, que está a efectuar uma visita aos E. U. A., onde foi já recebido pelo presidente Gerald Ford, disse esperar que Washington modifique a sua política africana.

■ O primeiro-ministro belga, Leo Tindemans, avistou-se em Pequim com o presidente Mao Tsé-tung e com o primeiro-ministro Chu en-Lai. Tindemans declarou depois que o presidente Mao está «alerta e bem informado».

■ O aniversário do nascimento de Lenine foi comemorado no sábado pelo povo soviético com um dia de trabalho, que rendeu à economia da U. R. S. S. o equivalente a 7500 milhões de escudos.

■ Cuba comemorou o décimo quarto aniversário da sua vitória na invasão apoiada pelos E. U. A. da Baía dos Porcos, realçando que o país necessita de uma produtividade económica cada vez mais desenvolvida.

■ O jornal «Sunday Times» de Londres revela que a Líbia tentou comprar uma bomba atómica à República Popular da China, para acelerar a «liquidação» de Israel.

■ Na sua primeira pastoral colectiva desde a guerra civil de 1936-1939, os bispos espanhóis pediram que sejam assegurados os direitos fundamentais de livre expressão e associação e apelaram para uma maior liberdade política em Espanha por forma a evitar modificações violentas do regime.

■ Milhares de mulheres cipriotas gregos marcharam em direcção às linhas ocupadas por tropas turcas e da O. N. U., em Diernya (Chipre) na maior manifestação realizada desde a guerra do Verão passado, exigindo que os 200 mil refugiados de origem grega possam regressar aos seus lares.

■ «A situação actual e as perspectivas de cooperação económica na Europa», — tema de uma conferência de partidos comunistas e operários europeus em Roma.

■ O ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, Ismail Fahmi, chegou a Moscovo, a fim de realizar conversações com os dirigentes soviéticos, destinadas a preparar terreno para a reconvocação da conferência de paz de Genebra sobre o Médio Oriente.

■ A Frente de Libertação da Eritreia anunciou ter morto cem soldados etíopes.

Lisboa Penta Hotel

Penta AIRLINE HOTELS

JÁ PODE FAZER AS SUAS RESERVAS ATRAVÉS DOS NOVOS NÚMEROS DE TELEFONES:

74 00 41 (10 LINHAS)
74 01 41 (10 LINHAS)
78 71 41 (10 LINHAS)

O LISBOA PENTA HOTEL com 592 Quartos, Restaurantes, Bares e Piscina. ABRE EM MEADOS DE MAIO

RATOS AO SERVIÇO DA LUTA CONTRA A HIPERTENSÃO

O rato, apesar do seu pequeno tamanho, tem sensivelmente a mesma tensão arterial que o homem. Por diferentes artifícios, foi possível reproduzir neste animal os diversos tipos de hipertensão existentes no homem e tornou-se possível experimentar terapêuticas e estudar a evolução da doença hipertensiva.

A forma mais frequente de hipertensão no homem é a hipertensão essencial, quer dizer hipertensão sem causa conhecida. Não se dispõe, portanto, de meios para a reproduzir e estudar no animal.

A investigadora da **INSERM**, dr.ª V. Dupont, retomando trabalhos realizados na Nova Zelândia e Japão, conseguiu seleccionar por cruzamento de ratos machos e fêmeas com uma tensão arterial elevada espontânea, grupos de ratos com hipertensão arterial parecida com a hipertensão essencial humana.

Paralelamente foram seleccionados ratos apresentando uma tensão mais baixa que a média.

A comparação entre estes dois grupos de animais permitiu verificar que a vida dos hipertensos era severamente encurtada por complicações cardiovasculares ou cerebrais.

Estes trabalhos permitiram dar um grande passo em frente na pesquisa da hipertensão.

Dispõe-se, pela primeira vez, de um modelo que vai permitir a pesquisa de eventuais causas da dita hipertensão «espontânea» e estudar a acção das terapêuticas anti-hipertensivas com o fim de aperfeiçoar os métodos de tratamento disponíveis para a hipertensão no homem.

Por estes trabalhos a dr.ª Dupont recebeu o «Prix Hypertension Artérielle» do Comité National de Lutte contre l'Hypertension Artérielle.

A FDA APROVA A PRIMEIRA «PÍLULA» A SER USADA APÓS CÓPULA EM SITUAÇÕES DE EMERGÊNCIA

O Departamento de Alimentos e Drogas aprovou formalmente o uso da pílula após uma relação sexual. A agência diz que a droga é geralmente eficaz se forem tomados dois comprimidos de 2 a 5 miligramas duas vezes ao dia durante cinco dias no espaço de 24 horas e nunca mais do que 72 horas depois de uma relação sexual na qual não foi usado qualquer método preventivo.

Atendendo à preocupação de que a droga possa provocar o cancro quando tomada durante longos períodos de tempo, a FDA diz que deverá ser facilitado ao doente o acesso a panfletos e outras indicações que realcem a ideia de que a droga só deverá ser tomada em casos de emergência, como a violação. Os médicos deverão ter a liberdade, contudo, de definir essas situações de emergência em cada caso individual.

Uma companhia pôs já em prática a nova aprovação lançando no mercado a droga como um contraceptivo. A droga é também usada no tratamento de certas espécies de cancro e na engorda de gado.

NA PISTA DO REUMATISMO

Apesar de viverem na República Federal Alemã cerca de 1,2 milhões de pessoas que sofrem de poliartrite crónica, os conhecimentos sobre as causas e origens desta e outras doenças reumáticas (com um total de mais de dez milhões de pacientes) apresentam grandes lacunas.

Por isso, há que conceder especial importância ao Centro de Patologia Reumática em Moguncia.

Trabalha-se ali desde há oito anos na investigação básica da patologia reumatismal e estuda-se o material de exames efectuados em 40 clínicas europeias. O Instituto elaborou um método através do qual se podem classificar exactamente os tecidos que sofreram modificações causadas pelo reumatismo, a índole da doença, a actividade do processo e outras características.

Complementarmente, o resultado dos exames médicos é comentado por um reumatologista idóneo através do qual se obtêm indicações de grande importância para o médico que efectua o tratamento.

Através do trabalho desenvolvido, o Instituto tem obtido novos conhecimentos sobre as graves doenças reumáticas, em especial poliartrite crónica, que é a causa mais frequente de graves deformações.

Tais conhecimentos, são de extraordinária importância para o diagnóstico e a terapêutica da **doença mais cara do mundo**.

Além disto dispõe-se da possibilidade de utilizar um **banco** especial de dados e com ele as condições para estabelecer terapêuticas mais eficazes nas múltiplas formas da doença, com maiores perspectivas de êxito.

VACINAR CONTRA A RUBÉOLA O MAIS CEDO POSSÍVEL

O período anterior à puberdade é o mais conveniente para uma oportuna vacinação preventiva das raparigas contra a rubéola, defende o dr. Wolfgang Ehrengut, director do Departamento Hamburguês de Vacinação.

Graças a uma vacína contra a rubéola pode-se melhor evitar que mais tarde a saúde das crianças esteja em perigo pelo facto da mãe vir a contrair rubéola durante a gravidez.

Segundo o estado actual da ciência, podem-se vacinar também mulheres em idade fecunda, sob determinadas circunstâncias — sempre que não estejam grávidas e se possa excluir, com toda a segurança, uma gravidez nos três meses seguintes. Ehrengut aconselha a vacinação preventiva a certos grupos profissionais que correm especial perigo de contágio, tais como professoras, enfermeiras e educadoras de infância.

MSD Colaboração dos Serviços Profissionais da MERCK SHARP-E DOHME

Medicina

VIDA OU MORTE ?

POSIÇÃO ACTUAL DOS MONITORES ELECTRÓNICOS AO SERVIÇO DOS DOENTES GRAVES

Por SHIRLEY M. HARTMAN

Jack Riley, um professor, teve o seu primeiro ataque cardíaco. A família, em pânico, apressou-se a levá-lo para o Centro Hospitalar de Washington, onde existe o mais moderno equipamento para tratamento intensivo às coronárias. Ele integra-se no número, cada vez maior, de americanos, que confiam as suas vidas ao «corpo de enfermagem mecânico» — as máquinas monitoras, que mantêm uma vigília permanente de 24 horas sobre os sinais vitais, de modo a chamar a atenção imediata para uma emergência cardíaca.

As máquinas fazem o trabalho. Os hospitais americanos têm tido, desde a instalação de monitores electrónicos modernos, uma percentagem de mortalidade por doença cardíaca, cerca de 25 por cento mais baixa do que há 10 anos. São produto de uma disciplina relativamente recente — a engenharia biomédica, a conjugação da engenharia com as necessidades biológicas da medicina moderna. O impacto potencial na assistência médica podia ser enorme. Segundo as palavras de um administrador, os monitores têm permitido aos médicos fazer a transição do «tratamento» das coronárias para o «reconhecimento e prevenção» de problemas que ameaçam a vida.

O sr. Riley está numa Unidade de Tratamento Intensivo Coronário (UTIC), um semicírculo de quartos com paredes de vidro, dispostos à volta de uma plataforma de observação central. Foi-lhe recomendado descanso absoluto nos próximos 4 ou 5 dias. É-lhe proibida qualquer espécie de excitação: televisão, telefones, luzes brilhantes, barulho.

Três discos pequenos, com cerca de 2 centímetros de diâmetro, são-lhe aplicados ao tórax, e estão ligados por cabo a um painel de instrumentos, embutido na parede. Isto é o electrocardiograma (ECG) que regista os impulsos eléctricos do coração — a medição mais importante do sistema monitor. As pulsações são simplificadas e registadas em «écrans» fluorescentes, chamados osciloscópios, existentes simultaneamente ao lado da cama e nas estações centrais de controlo. Um outro instrumento, um medidor da frequência cardíaca, monitoriza as pulsações por minuto. Adaptando aos limites de alarme altos e baixos, pode alertar o controlo para qualquer modificação perigosa da frequência cardíaca.

Dois técnicos estão calmamente sentados a observar os «écrans» de controlo. De repente, um levanta-se e fixa a atenção propositadamente no seu osciloscópio de 8 canais, enquanto analisa os últimos 16 segundos do ECG da unidade A, no seu registo gráfico e visual. O sr. Riley está numa situação difícil.

Em vez dum salto brusco da luz, os seus registos são em forma de pequenas «montanhas», tais como uma grande cobra com uma giba nas costas. Ele encontra-se numa situação letal, conhecida por fibrilhacão ventricular — a parte inferior do coração está a contrair-se incontroladamente sem bombear sangue.

Uma vez realizada a observação, todos os membros da equipa sabem o que realmente devem fazer. O técnico chama a enfermeira, a qual imediatamente observa o seu doente comatoso, inclina-se e carrega num botão-código na parede.

Isto indica à telefonista do hospital que deve alertar a equipa de reanimação, em serviço durante 24 horas: um médico, uma enfermeira e um técnico cardiovascular. Em menos de 60 segundos, todos se encontram empenhados num trabalho intensivo para salvar Jack Riley, provocando choques eléctricos no coração com um desfibrilhador, para ritmos anormais, administrando-lhe medicamentos e oxigénio. Eles correm contra o tempo e as estatísticas, porque sabem que a possibilidade de sobreviver é de 90 por cento, se o doente for tratado num minuto, mas que estas possibilidades se reduzem a menos de 10 por cento, no caso de ele ser tratado num espaço de tempo, que ultrapasse os 3 minutos a seguir ao ataque.

O sr. Riley estabiliza. Viverá — porque a ajuda veio a tempo. Para este homem e milhares de outros como ele, os monitores demarcaram bem a diferença entre a vida e a morte.

Jack Riley tem sorte. O Centro Hospitalar de Washinton é um dos poucos, nos Estados Unidos, onde os técnicos são requisitados exclusivamente para estarem sentados a observar os quadros dos monitores. Estão sempre três de serviço: 2 na Unidade de Tratamento Intensivo Coronário (UTIC), sendo, cada um responsável por 8 doentes no máximo, e 1 na Unidade «intermediária» post-UTIC, monitorando telemetria (transmissores de bolso, que irradiam os registos electrocardiográficos) dos doentes ambulatórios. Graças a um dispositivo, chamado «data phone», os técnicos também controlam doentes de um hospital a 80 km de distância. Com este sistema não há motivo para alarmes; todos os ténicos estão treinados — mais dignos de confiança do que as máquinas — em conhecer a diferença entre o soluço e um ataque cardíaco.

O equipamento para monitorar doentes, vendido por industriais americanos, abrange uma vasta gama de preços, versatilidade e sofisticação. Os sistemas individuais mais complexos são os osciloscópios, que revelam simultaneamente combinações de leituras essenciais no mesmo quadro — ECG, pressões sanguíneas, pulso, frequência cardíaca e sinais de alarme, todas com o fim de alertar a estação central, quando as situações ultrapassam os limites pré-estabelecidos. Pode-se também adicionar ao mesmo sitema de alerta os instrumentos para temperatura e respiração. Os aparelhos para o electrocardiograma podem ir dos simples registos individuais até registos electrónicos de 12 padrões de respostas variadas. Os controlos da estação central variam em capacidade desde o osciloscópio básico, que referencia um doente, e de um gráfico de papel, até unidades que incluem observação televisiva, em circuito fechado, de cada doente, osciloscópios de 8 canais, demonstrando, em espaços de 6 segundos, esquemas electrocardiográficos visuais e gráficos (modelos recentes podem «congelar» registos de onda para um exame tranquilo e detalhado), e registos da pressão sanguínea e da frequência cardíaca com os sinais de alarme.

Os sistemss do doente, que nas estações centrais, ums memória gravada de curta duração, digital ou magnética. O ECG é continuamente controlado até surgir uma situação de alarme. Quando isto acontece, acaba o processo de registo, deixando gravado o electrocardiograma do doente, correspondente, pelo menos, aos 5 minutos anteriores ao alarme. A fita gravada é, então, automaticamente «depositada» num registador de gráficos, na estação central, apresentando um gráfico do coração do doente a caminhar de cardiologia, Michael Boivin do Centro Hospitalar de Washington, «os doentes com ataque cardíaco eram colocados numa cama de uma enfermaria, durante 2 ou 3 semanas, para «recuperação». Hoje, com uma unidade de assitência especial para estes doentes, com bons monitores e pessoal treinado, o indíce de mortalidade nos hospitais baixou de 40 por cento para 12,5 por cento nas Unidades de Tratamento Coronário, e para 4 por cento nas Unidades post-UTIC».

Além de monitorar e administrar apoio de emergência, há, no Centro Hospitalar de Washington, técnicos cardiovasculares altamente treinados, que podem reparar o equipamento. Treinados no hospital pelo sr. Boivin, o qual foi também, em parte, treinado por representantes da companhia, os técnicos fazem tudo, desde retirar alfinetes e Coca-Colas das máquinas, até examinar o quadro do circuito. O equipamento de emergência — os desfibrilhadores — é verificado em cada turno de 8 horas, e todo o outro equipamento uma vez por dia. Técnicos do exterior apenas são chamados em caso de grandes reparações, «nunca», diz o sr. Boivin, «numa base de emergência. Nós fazemos tudo o que nos é possível».

«Nunca é demais insistir» acrescenta, «que mais importante que os fios e as agulhas é ainda o pessoal. As máquinas só têm utilidade quando há alguém que as observe e aja rapidamente, no caso de qualquer coisa estar errada. Foram criadas para aliviar as tarefas de medições manuais constantes. Os monitores são uma ajuda para a enfermeira, mas nunca a eliminarão».

A fase mais recente dos monitores, observa, é a utilização de computadores. «Excelentes» para armazenagem e recuperação de dados, os computadores digitais estão a ser agora utilizados para armazenar grandes quantidades de dados, produzidos pelos aparelhos de monitores. A frequência cardíaca, pressão sanguínea, temperatura, respiração e gases do sangue, assim como registos de medicamentos administrados e resultados de testes, podem ser documentados, não só para análise imediata, como para registos médicos em continuidade. Os programas experimentais analisam e diagnosticam agora a evolução do ECG.

Os computadores são, evidentemente, caros. No entanto, o fundamental dum sistema de monitores de cabeceira — versões simples de um amplificador ECG, osciloscópio e medidor da frequência cardíaca — é mais barato.

A manutenção e reparação do equipamento electrónico tem sido, há muito, reconhecida como um problema internacional. Para o solucionar, incitaram-se companhias americanas estabelecidas a oferecerem serviços de apoio total ao sistema. As vendas regionais e os escritórios de serviço de uma firma americana, por exemplo, dão colocação a engenheiros e técnicos rigorosamente treinados, num mundo inteiro, para assegurar informação e treino de manutenção, equipamentos de verificação, de diagnóstico e de urgência, e participar nos serviços locais. O pessoal de apoio é utilizável para instrumentos que requerem um arranjo de oficina nos escritórios regionais, e consegue-se, para grandes sistemas, o apoio do serviço adicional, incluindo uma avaliação «in loco» dos pontos críticos. Os acordos contratuais fornecem o serviço de especialistas para orientar a montagem do novo equipamento, seguidos por engenheiros médicos, que providenciam o treino local para o pessoal de enfermagem do comprador. Por combinação com o cliente, prestam periodicamente serviço de rotina, verificam cheques de segurança e chamadas de manutenção preventiva.

Os especializados na indústria de equipamento biomédico estão certos de que a procura de mais e melhor serviço continuará a aumentar. A tendência da biolectrónica é para a utilização de mais instrumentos para controlo dum maior número de sinais vitais. Desde a introdução das Unidades de Tratamento Intensivo Coronário, no início dos anos 60, tem sido instalado o equipamento de monitores em 80 por cento dos principais hospitais dos Estados Unidos com escolas de especialização, e em praticamente, metade dos hospitais de todas as comunidades. Todos os compradores procuram adaptar os últimos progressos científicos e tecnológicos às suas necessidades específicas de cuidados de saúde. O futuro augura um crescimento no desenvolvimento e produção de equipamento biomédico para um grande e diverso número de pessoas, a promessa consiste numa vida mais longa e mais saudável.

A ATRITE REUMATÓIDE RESULTA DE UMA INFECÇÃO?

A Medicina compara procura, há muito tempo, doenças-modelo, em animais, donde possam ser deduzidas a natureza e a terapêutica das afecções reumáticas humanas. Investigadores das Escolas Médica e Veterinária de Hannover, trabalhando em conjunto desde 1971, avançaram alguns passos neste caminho. A partir de várias bactérias, particularmente da que causa o mal rubro do porco, foi possível obter estirpes que produzem, nas articulações dos animais, modificações crónicas semelhantes às da atrite reumatóide humana. Os cientistas depositam grandes esperanças nos estudos bioquímicos e imunológicos actualmente em curso.

Espectáculos

CARTA ABERTA AO SR. CARLOS PORTO

Estou-me perfeitamente nas tintas para polémicas entre intelectuais publicadas em jornais para único gozo da burguesia que os lê. Sobretudo, quando esses mesmos intelectuais se põem a falar em nome disto ou daquilo, neste momento do «povo» ou das classes trabalhadoras, o que poderá ser uma forma de as reduzir ao silêncio, sob a capa de uma «cultura» que se pretende definidora do que é «bom» e do que é «mau». Cultura essa que nós sabemos qual é.

Assim, e se não fora o momento original que atravessamos, não livre ainda de regressos a totalitarismos, não me daria a pena de, cerca de «Um Auto para Jerusalém», e independentemente de nessa peça haver sido actuante, lhe dizer o seguinte; e agora só em meu nome:

. O que o sr. não percebeu foi que «Teatro dos Sete» (T7) não se interessou por fazer um tipo de teatro (e com isto quero dizer modo de encenação, representação, atitudes em cena, etc.) que o sr. desde há largos anos está habituado a ver e comentar nas colunas deste jornal. Se fora para isso que «T7» se formara, então, mais fácil — e rendoso —, teria sido a integração dos seus componentes em equipas já existentes.

Posto isto não se admire portanto se a actuação no «Villaret» foi anunciada como «estreia». Na verdade (e as pessoas que viram a peça duas ou três vezes podem atestá-lo) nunca uma «uma representação» foi cópia da anterior ou anteriores, embora unidas pelas ideias-base que regeram a encenação...

Como vê, ao combater o trabalho tipo fábrica, rotineiro e chato, «T7» está definindo a sua posição face à sociedade repressiva, e não só à portuguesa em especial. Nesta, é intenção de «T7» continuar livremente investigando se, longe da vigilância popular, intelectuais como o sr. não dominarem no entretanto os mecanismos do Poder, instituindo talvez uma única forma — «a certa» e «a verdadeira» — de expressão artística. Tal como anteriormente, aliás.

Sem me alargar mais fica assim explicitada a «falta de ética» de «T7» que afinal não foi falta nenhuma. O sr. é que, em vez, ou se defender ou autocriticar, ou ainda tentar perceber, pretendeu jogar ao «ping-pong» atirando-nos com idêntica crítica. Significativo.

O sr. Carlos Porto já ouviu falar em «revolução cultural» ou ainda acha que as classes trabalhadoras (ou o «povo», como o sr. diz) só têm cabeça para compreenderem o «realismo socialista» sendo para além disso estúpidas?!

. Dando pela minha parte o assunto esclarecido, tenho a cumprimentá-lo pelo papel que, enquanto representante da crítica tradicional, (o que nada tem a ver com fascismo ou antifascismo mas sim com inserção na sociedade de classes) o sr. tão bem representou quando, a coberto de um palavreado aparentemente revolucionário, atacou «T7» do modo como o fez.

Isso, ou a necessidade da burguesa instituição «crítica» aprender novas palavras.

Cordialmente

Samuel Lara

Resposta: o sr. Samuel Lara pede-nos para publicar esta carta, invocando se necessário a «Lei de Imprensa». Baseia-se para isso no facto de o termos atacado, enquanto componente de «Teatro dos Sete» como «contra-revolucionário». Eu não conheço o sr. Samuel Lara. Acredito mesmo que seja um revolucionário do quilé. Não há aqui lugar para a Lei de Imprensa. Este jornal não precisa da Lei de Imprensa para publicar os textos daqueles que se consideram atacados. Aí fica, pois, a carta do sr. Samuel Lara, embora este senhor se esteja «perfeitamente nas tintas para polémicas entre intelectuais publicadas em jornais para único gozo da burguesia que os lê».

. O argumento utilizado pelo sr. Samuel Lara é que é de gozo. Se o facto do espectáculo ser alterado todas as noites fosse relevante em relação ao anúncio por nós citado, todos os dias o espectáculo deveria ter sido anunciado como estreia.

A carta do sr. Samuel Lara aí fica. É um documento.

CARLOS PORTO

Grupo Gulbenkian de Bailado

ADIADOS OS PRÓXIMOS ESPECTÁCULOS

Em virtude de a zona de congressos e auditórios da Fundação Gulbenkian ter sido cedida aos Ministérios da Administração Interna e Comunicação Social para a instalação de todos os serviços de Imprensa e Informação referentes às próximas eleições para a Assembleia Constituinte, foi adiada a apresentação do terceiro e ultimo programa da temporada do Grupo Gulbenkian de bailado, cuja estreia estava inicialmente prevista para 26 do corrente. Deste modo os espectáculos realizar-se-ão a partir de 3 de Maio com o seguinte calendário: sábado 3 às 21 e 30; domingo 4 às 16 e 21 e 30; segunda-feira 5 às 18 e 30; e sexta-feira 9 às 21 e 30. Os dois espectáculos extraordinários dedicados ao M. F. A. realizar-se-ão no domingo 11 de Maio, às 16 e 21 e 30.

Serão dançadas em estreia, coreografias da sueca Birgit Cullberg e do português Carlos Trincheiras. Da primeira veremos **Eurídice morreu** uma recriação do mito clássico de Orfeu e Eurídice, num contexto bem actual de profundo significado social e político. A actuação de Birgit Cullberg com o Grupo Gulbenkian reveste-se de grande importância entre nós, dado que esta coreógrafa é hoje a personalidade mais destacada do panorama balético sueco, e uma das principais a nível internacional. As suas obras são dançadas com preferência na Europa Estados Unidos e Japão. A sua própria companhia (Ballet Cullberg) tornou-se em poucos anos o primeiro agrupamento de ballet-teatro da Europa nórdica. A revista **Dance and Dancers** referiu-se a esta artista nos seguintes termos: «Há apenas meia dúzia de coreógrafos importantes em todo o mundo, e Birgit Cullberg encontra-se entre eles».

Por sua vez, Carlos Trincheiras — coreógrafo residente do Grupo Gulbenkian — dar-nos-á a conhecer a sua última criação intitulada **Os últimos segundos do último sonho** (música de Frank Martin, cenário e figurinos de Emília Nadal).

Este programa inclui ainda duas outras obras em reposição: **O Messias** Lar Lubovitch-Haendel) e **Duo** (Carlos Fernandes-Sibelius). Esta última coreografia foi apresentada com êxito no Estúdio Coreográfico Gulbenkian do ano transacto (Auditório Dois), sendo agora a primeira vez que será dançada no palco do Grande Auditório.

CURSO BELGA PARA VIOLINISTAS

. Este ano terá novamente lugar o Curso Internacional de Interpretação para Violinistas que se realiza em Namur (Bélgica) de 27 de Junho a 15 de Julho organizado pelo Ministério belga da cultura francesa em colaboração com a província e a cidade de Namur.

O número de alunos para este curso é limitado e por conseguinte os candidatos terão de se submeter a audições de selecção. As inscrições têm que ser feitas até 10 de Junho. Todos os pedidos de informação suplementar terão de ser dirigidos ao Ministére de la Culture Française. Direction des Arts Musical et Lyrique, 3 éme étage — Avenue de Cortenbergh, 158, 1040 — Bruxelas. Tél. (02) 735. 60. 40 — extension 237.

SERVIÇOS TÉCNICOS

ESPECIALIZADOS EM REPARAÇÕES DE RÁDIO E TV
SERVIÇO DOMICILIÁRIO RÁPIDO
Largo D. Estefânia, 12-D
Telefs. 48856/534536 - Ext. 4
LISBOA

O espectáculo pelo Mundo

ANNA MOFFO EM CONVALESCENÇA

A soprano Anna Moffo do «Metropolitan Opera» de Nova York, actualmente no hospital de Lenox Hill a recuperar de uma operação a que foi submetida, cancelou todos os espectáculos na Inglaterra, Alemanha, França e Itália, previstos para os meses de Maio e Junho — anunciou um informador da soprano, em Nova York.

Foi também cancelado o espectáculo incluído na digressão do Metropolitan Opera pelo Japão, que começa em 29 do próximo mês.

Anna Moffo, deverá voltar ao trabalho depois da convalescença, regressando à ópera no próximo ano, para a sua décima sexta temporada.

A R.D.A. EM CANNES

A República Democrática Alemã participará este ano, pela primeira vez oficialmente, no Festival Cinematográfico de Cannes, cujos organizadores pediram fosse apresentado o filme em que se fez a adaptação do conto Carlotta e Weimar» de Thomas Mann e que fo interpretado por Lilli Palmer.

«LOMBARD E GABLE»

Clark Gable e Carol Lombard vão ser interpretados no cinema por James Brolin e Jill Calyburgh — anunciou a empresa produtora do prometido filme sobre o célebre casal de Hollywood.

A película terá por título simplesmente «Lombard e Gable».

MAL DA VISTA

A actriz de cinema Hedy Laman não está assim tão mal da vista nem os seus problemas financeiros são tão graves — declarou o advogado Richard Wels, recordando que a artista ganhou milhões durante a sua carreira e que «embora não estivessem todos em boas mãos, ela ia vivendo».

No princípio da semana constara que Hedy Laman havia dito que estava quase cega com cataratas nos dois olhos e que tinha requerido o subsídio governamental destinado aos incapacitados.

MORREU AMY SHUARD

A cantora inglesa Amy Shuard, soprano na ópera do Covent Garden faleceu em Londres aos 50 anos de idade, com uma crise cardíaca.

Amy Shuard começou a sua carreira em 1949. Depressa foi conhecida no estrangeiro, tendo cantado na Ópera de Viena, «La Scala» de Milão, em São Francisco e em Estugarda.

FEIRA DE FRANKFURT (INTERSTOFF)
GARANTIA DE ALOJAMENTO EM HOTEIS
4 E 6 DIAS — 11 a 16 de MAIO
Desde: 6.900$00 — 11 a 16 de MAIO — 13 a 16 de MAIO
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
Fundada em 1840
LISBOA — PORTO — COIMBRA — FARO

Teatro Maria Matos
A RTP APRESENTA
Todas as noites às 21.45 e aos domingos também ás 16 horas
A peça de
Manuel da Fonseca
«SEARA DE VENTO»
Descanso da Companhia às Segundas-Feiras
Não aconselhável a menores de 13 anos
Bilheteira — Tel. 89 70 17
Bilhetes à venda também na A. B. E. P. - 32 88 23

Televisão

Hoje

Lia Gama e Orlando Costa em «O Terror e a Miséria no III Reich»

I PROGRAMA

18.40 **TV Juvenil** — «Os Músicos de Bremen» — 2.ª parte
19.00 **Documentário**
19.25 **Teledesporto** — reportagens e comentários dos acontecimentos desportivos de domingo.
20.00 **Telejornal** — 2.ª edição
20.30 **Propaganda eleitoral** — Movimento de Esquerda Socialista (M.E.S.), Frente Eleitoral Comunista (F.E.C.) e Partido Popular Democrático (P.P.D).
21.00 **Teatro** — «O Terror e a Miséria no II Reich» — uma peça de Bertolt Brecht na tradução de Fiama Hasse Pais Brandão. Representação pela Companhia do Teatro da Cornucópia. Realização de Jorge Listopad. (A 2.ª parte será transmitida no próximo dia 28 do corrente).
22.55 **Esclarecimento Eleitoral**
23.15 **Telejornal** — 3.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro
23.30 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e a série **«Ivanhoe»** — 7.º episódio
20.25 **Desenhos Animados**
20.40 **Escrever é Lutar** — entrevista com Manuel da Fonseca
21.00 **Telejornal** — em diferido a edição das 20 h transmitida no I Programa
21.30 **Clássicos do Cinema**
22.20 **«Recordações do Passado»** — um documentário da T.S.S. (Televisão soviética). Tradução de Maria Luiza Sabbo e Maria Manuela Furtado.
22.50 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA

Teatro — «O Terror e a Miséria no III REICH (21.00)

II PROGRAMA

Escrever é lutar (20.40)

«Recordações db Passado» (22.20)

SIEMENS
ESTORIL

Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **12.45:** Abertura e desenhos animados; **13.00:** Documentário; **13.20:** Propaganda eleitoral — Centro Democrático Social (C.D.S.) e União Democrática Popular (U.D.P.); **13.30:** Telejornal; **3.45:** «Dominic» — 12.º episódio; **14.10:** Logo à noite — cartaz dos programas da noite; **14.20:** Ciclo Preparatório TV — Educação Religiosa; **14.45:** Português; **15.10:** Educação Visual; **15.35:** Educação Física; **16.00:** Iniciação à Língua Portuguesa; **16.25:** Ciências da Natureza; **16.50:** História e Geografia; **17.15:** Português; **17.40:** Trabalhos Manuais; **18.05:** Iniciação à Língua Portuguesa; **18.40:** TV Infantil — «Volta ao Mundo em 80 Dias»; **19.00:** Ensaio — vendedores ambulantes; **20.00:** Telejornal; **20.30:** Propaganda eleitoral — Partido Socialista (P.S.), Movimento da Esquerda Socialista (M.E.S.) e Partido Comunista Português (P.C.P.); **21.00:** Grupo de danças e cantares «Maramuresul» (Roménia) — 1.ª parte; **22.00:** Esclarecimento eleitoral; **22.15:** Agente que nós somos — o homem de Taverede: José Ribiero; **23.15** : Telejornal; **23.30:** Fecho.

II PROGRAMA

. . . . **20.00:** Abertura e a série filmada «Dominic»; **20.25:** Desenhos animados; **20.40:** Documentário; **21.00:** Telejornal; **21.30:** Noite de cinema — «Os 7 Samurais» — de Akira Kurosawa; **00.00:** Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

LEMBRANÇA DE PAVÃO

Festa significativa, no Estádio das Antas: evocação de Pavão (o jogador que faleceu naquele relvado, quando actuava ao serviço do F. C. Porto). Descerramento de um obelisco dedicado ao malogrado «internacional», na presença de sua filha: a pequenina que vemos na imagem, ainda à espera de uma verdade que poderia incomodar certa gente. No festival colaboraram diversos ex-companheiros do extinto: (agora) que a receita de bilheteira, fornecida por cerca de 25 mil espectadores, seja «visível».

TOTOBOLA A CHAVE

Oliveirense-Braga	2
Penafiel - Famalicão	X
P. Ferreira-Sanjoanense	1
União Coimbra - Chaves	X
Tirsense - Gil Vicente	X
Feirense - Salgueiros	1
Lourosa - Beira-Mar	X
Cova Piedade - Caldas	1
Montijo-Torriense	1
U. Leiria - Marinhense	X
Sesimbra - Marítimo	X
Odivelas - U. Montemor	1
Peniche - Barreirense	1

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

(ANÚNCIO)

Concurso n.º 3-0069/75

Fornecimento de material de sutura, para armazém.

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 12 de Maio, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa (Hospital de S. José), todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16 e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 15 de Abril de 1975.

O Chefe do Serviço
a) Alexandre Pinheiro

O MUNDO QUE NÃO CONHECE

Venha conhecê-lo na Rua D. Estefânia, 40, 2.º esq.º onde pode adquirir, pelo melhor preço, Electrónica, Relojoaria, Whisky, Tabacos, Perfumarias, Pronto-a-Vestir, Auto-rádios e Reprodutores de cassetes.

PROCURE-NOS NAS SUAS HORAS LIVRES OU DE TRABALHO

MANUEL MÓNTEIRO MOREIRA

não servimos élite$

vestir bem sem olhar a quem

SANTOS & NASCIMENTO

(pronto-a-vestir ... bem)

AVENIDA DA LIBERDADE, 177 LISBOA

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL

AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D (AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057

SERVIÇO

estação de serviço peças legitimas e oficinas carros novos e usados com garantia facilidades de pagamento,

DESPORTO NA TV

Uma transmissão desportiva vai prender a atenção de espectadores portugueses no dia 26: em directo, desde o Estádio de Colombes (em Paris) a partir das 16.55, o encontro de futebol entre as selecções da França e Portugal. Jogo para avaliar da capacidade do «onze» nacional frente a um seleccionado tracamente cotado no actual futebol europeu, mas que, por vezes, provoca algumas surpresas.

Para o próximo mês de Maio prevêem-se 7 transmissões desportivas. Iniciando-as, no sábado (3/5) um acontecimento tradicionalmente apresentado pela RTP: a final da Taça de Inglaterra em futebol, em directo do Estádio de Wembley, a partir das 14.45 h. onde a RTP faz deslocar o seu comentador Alves dos Santos. No caso de não ser encontrado vencedor haverá outro encontro, no dia 7.

O Campeonato da Europa de Ginástica (senhoras) que vai decorrer em Skien (na Noruega) será igualmente objecto de duas transmissões directas via Eurovisão: no sábado 3 (a partir das 18 h.) e no domingo 4 (a partir das 15 h.).

O 33.º Grande Prémio de Mónaco, para carros de Fórmula 1, é outra das transmissões previstas: terá lugar no dia 11.

Na noite de 14, no Estádio de St. Jakob, em Basileia (Suíça), realiza-se a final de uma das competições futebolísticas de nível europeu: Taça dos Vencedores das Taças. Se houver necessidade de uma segunda final, ela terá lugar no mesmo estádio, dois dias depois e à mesma hora: 20.10. A RTP aderiu já à primeira transmissão e não faltará à segunda, se for caso disso.

E, continuando ainda com o futebol, mais uma 4.ª-feira europeia, desta feita a maior: a final da Taça dos Clubes Campeões. Transmissão directa, através da rede da Eurovisão, desde Paris (Parque dos Príncipes) a partir das 20.05 h. Se nada se decidir nessa noite, haverá novo jogo, no mesmo local, 48 horas depois.

Finalmente, nos dias 31 de Março e 1 de Junho, a RTP conta transmitir, directamente de Berna, os Campeonatos da Europa de Ginástica (homens) em períodos de emissão ainda a fixar.

Registo

ASSEMBLEIA: do Clube Operário de Futebol, pelas 20 e 30 de amanhã, para ser debatido o problema referente ao parque de jogos da colectividade.

VOLEIBOL: a Associação do Porto já indicou as datas para os vários Torneios de Encerramento. Como se nota: juvenis a 11 de Maio, seniores masculinos e femininos a 29 do corrente. Por falta de turmas concorrentes não há competição para juniores.

CICLISMO: amadores juniores lisboetas na derradeira prova do campeonato nacional da categoria, a 27 do corrente.

HÓQUEI EM PATINS: Ricardo Mendonça deixou o cargo de treinador das turmas do Hóquei de Sintra. Razão invocada: actos de indisciplina cometidos pelos hoquistas Emílio e Carmelino, que estão sujeitos a inquérito pela directiva da colectividade.

RÂGUEBI: para trabalhar em cooperação com a Federação, acaba de ser criada a Comissão Regional de Setúbal. Entretanto, na noite de hoje, tem lugar uma assembleia plenária dos federativos, para apresentação do plano de actividade para o ano corrente.

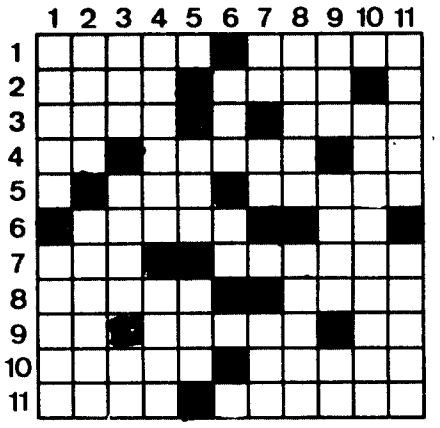
AUMENTE AS SUAS VENDAS
Distribua **BALÕES PUBLICITÁRIOS**
Fábrica Nacional LATEX-DOURO, LDA.
R. Central Francos, 779 — Telef. 65370 — PORTO

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 11064

HORIZONTAIS:

1 Peia. A alma.
2 Encoleriza. Aquele que.
3 Radical. Desfiladeiro dos Alpes Dolomíticos que liga o vale de Livinallongo com o vale de Ampezzo.
4 Artigo definido. Nome de fruto seco. Sufixo que designa estado.
5 Prefixo que designa três. Lavrava.
6 Impedira (fig.). Seis em romano.
7 Um milhar. Segura.
8 Rio de França. Empregar.
9 Sódio (s.q.). Primeiramente. Doutor.
10 Farrapo. Consumiu.
11 Ilha do Pequeno Belt. Velocidade (pop.).



VERTICAIS:

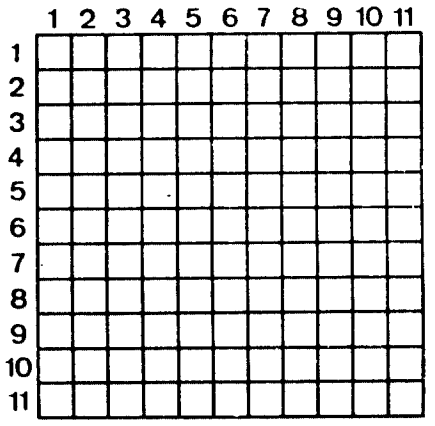
1 Marcai o peso da tara em. Engane.
2 Esteiros. Trilhara.
3 Apelido. Quadro. Viração.
4 Vertera. Roço.
5 Caminhar. Espaço de doze meses.
6 Pronome relativo. Artigo definido.
7 Ouro (s.q.). Nota musical. Romancista português autor de «A Ilustre Casa de Ramirez».
8 Dar a cor do mel a. Lusitanos.
9 Estima. Vila e concelho do distrito de Portalegre. Moderado.
10 Notícias.
11 Escavara. Divide em ruas.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7222

HORIZONTAIS:

1 Bebedeira (gir.). Soltar ais.
2 Acolá. Chinela.
3 Coisa (ant.). Romeiro de Meca. Mágoa.
4 Íntimo. Aguço.
5 Descerrei. Caminharás.
6 Autores. Em as. Distar.
7 Cidade da Arábia, capital da Arábia Saudita. Gálio (s.q.).
8 Actínio (s.q.). Cimalha. Vossa Alteza.
9 Borrifar. Igualmente.
10 Nota musical. Ali. Tragédia de Shakespeare.
11 Jarro (planta). Gostas muito de.



VERTICAIS:

1 Aguardente de medronho. Pequeno enxame de abelhas (Prov.).
2 Pronome pessoal. Bário (s.q.). Comer à ceia.
3 Examinar.
4 Artigo indefinido. Nota musical. Italiano.
5 Preposição e artigo definido. Relata.
6 Hectograma (abrev.). Dinheiro (gir.).
7 Tempo do verbo ir. Extremidade do braço.
8 Ósmio (s.q.). Letra grega. Consome.
9 Prepararia com iodo. Preposição.
10 Assanhar. Casa de campo.
11 Lisos. Gomos (prov.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11063

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Massa. Fadas.	1 Mar. SOL. Sic.
2 AGOSTO. Rena.	2 Agá. Emir. NO.
3 Ralar. Ar. DÁ.	3 Solar. Matar.
4 Oitavo.	4 Ssa. Rua. Ata.
5 Serranos.	5 Atroa. Rapar.
6 Om.	6 Ina. Má.
7 Limar. Ruava.	7 Ato. ROSTO.
8 Ra. Amoiram.	8 Arrás. Ui!
9 Tapas. Amo.	9 DE. Baraço.
10 Inata. Tacos.	10 Andor. Vamos.
11 Corarão. Osa.	11 Saa. Ramosa.

PROVÉRBIO AGOSTO DÁ SOL NO ROSTO

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7221

HORIZONTAIS	VERTICAIS
	1 Atoar. Sofás.
1 Acabaríamos.	2 Cabril. Pago
2 Tarar. Alaga.	3 Ara. Mataras.
3 Oba. EC. Emir.	4 Ba. Nanica.
4 Ar. Aliava.	5 Are. Crosta.
5 Rima. Aras.	6 Canais.
6 Lançai.	7 Ia. It.
7 Tiritamos.	8 Aleia. Avivo.
8 Opacos. Cã.	9 Mamaram. Ras.
9 Farás. Piras.	10 Ogiva. Ocais.
10 Agá. Ti. Vais.	11 Saras. Sassa
11 Sósia. Mossa.	

Desporto

2.ª DIVISÃO NACIONAL

O Estoril e "os amigos de Peniche"

Com uma mão-cheia de golos (ao Almada) e outra cheia de pontos de avanço (sobre o Barreirense) o Estoril deve ter abraçado ontem não apenas o título da Zona Sul da divisão secundária mas também (e principalmente) a subida automática à divisão principal. É certo que a turma de António Medeiros tem de viajar ainda até ao Funchal (na segunda semana do próximo mês); mas também não deixa de ser verdade que o Barreirense tem de ir à Amoreira, de visita ao seu grande rival deste campeonato. Por outras palavras, se pretende justificar que não obstante faltarem ainda sete jornadas para o final do torneio, o Estoril se apresenta agora com todos os trunfos na mão para ganhar o direito de subir (regressar...) à divisão de honra do nosso futebol profissional.

E para que esta verdade ontem acontecesse, muito contribuiu a colaboração dos «amigos de Peniche», que contrariando o mais lógico, o mais racional, lograram bater (e convencer) os homens do Barreiro por um «score» que estaria fora da previsão do mais optimista: três golos sem resposta foi o resultado, o espectro que terá afastado a turma da margem sul do Tejo da corrida do título.

Ontem foi portanto dia grande para os «amarelos» da linha: eles bateram sem grandes dificuldades o Almada (5-0) e beneficiaram da derrota dos barreirenses em Peniche: o seu avanço na classificação é agora de cinco pontos, quando faltam sete jornadas para o ponto final.

Na Zona Norte, as posições cimeiras não estão tão claras: embora o Sporting de Hilário (o de Braga) tenha ido vencer a Oliveirense (2-0), a verdade é que o Varzim não se impressionou com a derrota sofrida há oito dias na cidade dos arcebispos e continua a lutar pela subida automática: ontem jogou em casa e triunfou sobre o Fafe por marca elucidativa: 3-1. Deste modo, continua a ser diminuta a vantagem dos rapazes de Hilário sobre os de Meirim, sobretudo se tivermos em consideração que na Zona Norte o torneio se mostra muito mais equilibrado ao espelho da classificução pontual. Enquanto Braga e Varzim lutam ombro a ombro pela subida automática, Beira-Mar e Famalicão deixam-se atrasar; ontem jogaram fora e nenhum deles logrou melhor do que empates a zero.

Com o «nacional maior» parado durante duas semanas, não há dúvida de que os domingos de futebol nem por isso deixam de manter o interesse, com as equipas de segundo plano (sonhadoras na subida para o lote dos maiores) a fornecerem-nos aspectos de particular expectativa: como que a tentar provar que o futebol português não se escreve apenas e só com os nomes do Benfica ou do Sporting...

INDISCIPLINA

Agressão com fuga da equipa de arbitragem ensombrou o encontro de Portalegre: um encontro que não chegou ao fim. Aos 20 minutos da segunda parte, um jogador do Torres Novas foi agredido e logo a equipa de arbitragem fugiu já que a sua integridade física corria perigo. O jogo terminou nesta altura, quando o marcador acusava uma igualdade a um golo e o campo de jogo se transformara numa confusão enorme. Mais um caso para se lamentar...

Farense ao ataque: um remate algarvio de cabeça (que não chegou ao destino desejado) sob as vistas de Sambinha e Pietra

FARENSE-BELENENSES

Aproveitando a paragem da divisão maior a Federação Portiguesa de Futebol marcou para ontem a repetição do encontro Farense-Belenenses. Os «azuis» triunfaram por 3-1, o mesmo resultado em números mas ao contrário. Deste modo o Belenenses deve ter garantido o 6.º lugar na classificação.

ORLANDO DIAS AGUDO

SOBRE FUTEBOL

Em congresso, as associações de futebol do País regulamentaram a «Taça de Iniciados», decidiram que as multas aplicadas a clubes (e não liquidadas nos prazos legais) não tornem a impedir transferências de praticantes e que um abandono de campo, com qualquer resultado no «placard», significa uma derrota por 0-5.

SELECÇÕES

Prosseguem os estágios das formações indicadas para os próximos jogos internacionais. Nota saliente: a chamada do cufista José Domingos, uma entorse sofrido pelo portista Gomes no espectáculo efectuado na noite de sábado (nas Antas), a não recuperação (até ao momento) de Nené e Artur.

Uma fase do encontro de râguebi Benfica-Agronomia, que os «encarnados» venceram por 49-0, confirmando, assim, a conquista do título nacional. Na imagem, Nobre (Benfica) conduz o «melão», ele que (também) ajuda a «conduzir» os destinos da secção do râguebi vermelho

3.ª DIVISÃO

. Resultados dos jogos de futebol ontem efectuados a contar para o «nacional» da 3.ª divisão, na série «A»: Limianos-Moncorvo, 4-0; Vizela-Bairro Latino, 0-3; Cabeceirense-Vianense, 1-0; Desp. Aves-Ponte da Barca, 7-1; Avintes-Sp. Lamego, 0-0; U. Lamas-Leça, 3-1; Monção-Rio Ave, 3-0; Esposende-Rio Ave, 3-0; Vila Real-Paredes, 1-0; Desp. Bragança-P. de Ferreira, 1-0.

Série «B»: Ala Arriba-Águeda, 1-2; Anadia-C. Viseu, 0-0; Valecambrense-P. Castelo, 1-1; Desp. Gouveia-Febres, 2-1; Ovarense-Sp. Covilhã, 0-6; Naval-Esperança, 2-0; Mangualde-Cucujães, 0-1; Vildemoinhos-Lousanense, 2-0; O. Bairro-Marialvas, 1-0.

Série «C»; P. Sor-Cartaxo, 1-0; Almeirim-Bombarralense, 1-0; Vila-Franquense-Campomaiorense, ad.; Nazarenos-U. Mirense, 2-1; Sacavenense-Tramagal, 6-1; Sp. Pombal-Marrazes, 0-0; C. Branco-Portalegrense, 1-1; O Elvas-Gin-Alcobaça, 0-0; Alcanenense-Alhandra, 1-0; Alverca-U. Santarém, 2-2.

Série «D»: C. Caparica-U. Sambrazense, 5-1; Luso-Casa Pia, 2-1; Aljustrelense-Olivais, 2-0; Reguengos-Silves, 0-0; Vasco da Gama-U. Santiago, 1-2; Esperança-Lusitano V. R., 2-1; Amora-Odemirense, 4-1; Paio Pires-Torralta, 3-0; Operário-Acochetense, 2-0; Beja-Seixal, 0-1.

Os «leaders»de cada série são os seguintes: na «A», o Paredes (46 pontos), na «B», o Sporting da Covilhã (49), na «C», o Sacavenense (42) e na «D» o Esperança de Lagos (41).

Nacional de Natação agradece

. O Clube Nacional de Natação, solicitou aos órgãos de Comunicação Social, no sentido de se fazerem eco «do seu profundo sentimento de agradecimento ao Centro de Formação Profissional Acelerada, pela extraordinária ajuda prestada com o encaminhamento para a reconstrução do seu Parque Desportivo de Brigadas de Instruendos daquele centro.

«Aproveita o Clube Nacional de Natação esta oportunidade para testemunhar publicamente o seu mais vivo agradecimento aos homens que constituem aquelas brigadas, pelo empenho posto no seu trabalho o que demonstra a sua total identificação com a luta deste clube: devolver ao povo de Lisboa o Parque Desportivo construido com o nosso suor.»

Massificação desportiva

. No sábado de manhã, sem grandes chamadas de atenção, o Clube de Futebol «Os Belenenses» iniciou uma campanha de massificação desportiva, que engloba actividades diversas para idades compreendidas entre os 8 e os 80 anos. Neste primeiro convite, não foram muitos os jovens» que responderam ao apelo: mas a iniciativa vai estender-se pelos próximos sábados, esperando-se que em jornadas futuras os campos do complexo desportivo do Restelo sejam povoados e utilizados por um sempre crescente número de praticantes. De todas as idades, sublinhe-se...

Modalidades

HOQUEI EM PATINS: a equipa do Benfica, que se deslocou à Alemanha para disputar a primeira «mão» da eliminatória da «Taça dos Campeões Europeus», perdeu pela margem mínima: 3-4. A equipa «encarnada» alinhou com Albino; Manuel Pereira (1), Vasques, Cardoso (1), José Virgílio (1), Chorincas e Fernando Soares. O encontro da segunda «volta» disputa-se no dia 3 de Maio, em Lisboa.

ATLETISMO: José Corvalho (do C. D. U. L.) venceu a maratona nacional, (disputada em Coimbra) no tempo de 2 horas, 30 minutos e 34 segundos. A seguir classificaram-se: 2.º, Armando Aldegalega (Sp.), 2.36.49; 3.º António Cabral, (C. D. U. L.), 2.45.43,6; 4.º, Mário Machado (C. D. U. L.), 2.47.18,4; 5.º, Luís Orvalho (C. D. U. L.), 2.49.29,2; 6.º Joaquim Viana (Foz), 3.12.31; 7.º, Carlos Rocha (A. Valboenses), 3.12.51,4; 8.º, José Lopes (Ovarense), 3.15.17,8; 9.º Albertino Pinto (TAP), 3.18.41; 10.º Avelino Ferreira (veterano), 3.28.48,6; 11.º Vasco Medeiros (Belenenses), 3.30.16,4; 12.º Isidro Viegas (S. B. Cast. Branco), 3.51.46,4; 13.º Daniel Cruz (Sp. Braga), 4.10.44,4.

ANDEBOL: disputou-se a 18.ª jornada do «nacional» de andebol. Resultados: Desp. Portugal-Vitória de Setúbal, 17-10; Beira Mar-Belenenses, 18-22; Académico-Benfica, 15-26; Sporting-Passos Manuel, 9-8; Técnico-Almada, 22-18 e F. C. Porto-C. A. C. O., 28-9. O Benfica continua no comando, com mais três pontos que o Sporting.

VOLEIBOL: o F. C. Porto, ao vencer o Benfica por 3-0, conquistou o título de campeão nacional. Resultados da última jornada; Espinho-Técnico, 3-1; Leixões-Lisboa Ginásio, 3-1; Nuno Alvares-C. N. O. C. A., 0-3; Avintes-Académico de Coimbra, 1-3; Esmoriz-C. D. U. P., 1-3; Espinho-Benfica, 2-3; F. C. Porto-Técnico, 3-0; Leixões-C. N. O. C. A., 3-0; Nuno Alvares-Lisboa Ginásio, 3-2; C. D. U. P.-Avintes, 3-0 e Esmoriz-Académico de Coimbra, 3-0.

ESPADA: Helder Reis (do C. D. U. L.) é campeão nacional, ao vencer todos os encontros disputados.

BASQUETEBOL: Barreirense e Vasco da Gama disputarão, na próxima época, o nacional da 1.ª divisão, em substituição do Belenenses e Académica de Coimbra, recentemente despromovidos.

HÓQEI EM CAMPO: o Ramaldense, ao ser derrotado nos dois encontros que disputou em Viena, foi eliminado da «Taça dos Campeões Europeus». A equipa portuense perdeu por 0-2 com os soviéticos do Volga e por 0-3 com o Hoquei Club de Viena.

Resultados e classificações

2.ª DIVISÃO:

Zona Norte, resultados: Oliveirense-Braga, 0-2; Varzim-Fafe, 3-1; Penafiel-Famalicão, 0-0; Paços Ferreira-Sanjoanense, 3-0; U. Coimbra-Chaves, 0-0; Tirsense-Gil Vicente, 1-1; Régua-Alba, 1-0; Riopele-Vila-Novense, 2-1; Feirense-Salgueiros, 3-1; Lourosa-Beiar-Mar, 0-0.

CLASSIFICAÇÃO:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
BRAGA	31	17	8	6	39-21	42
Varzim	31	16	8	7	50-22	40
Beira-Mar	31	14	12	5	45-20	40
Riopele	31	16	7	8	46-27	39
Famalicão	31	14	8	9	45-31	36
Sanjoanense	31	12	9	10	30-36	33
Gil Vicente	31	12	7	12	38-32	31
Penafiel	31	10	11	10	26-24	31
Régua	31	12	7	12	32-47	31
Salgueiros	31	11	8	12	43-44	30
Fafe	31	11	8	12	28-29	30
L. Lourosa	31	9	12	10	40-30	30
P. Ferreira	31	10	10	11	41-36	30
União Coimbra	31	12	5	14	43-48	29
Chaves	31	8	12	11	26-33	28
Alba	31	12	3	16	33-50	27
Feirense	31	9	8	14	28-47	26
Vila-Novense	31	6	11	14	30-37	23
Oliveirense	31	7	8	16	28-47	22
Tirsense	31	8	6	17	27-47	22

Próxima jornada: Fafe-Braga, Famalicão-Varzim, Sanjoanense-Penafiel, Chaves-Paços Ferreira, Gil Vicente-U. Coimbra, Alba-Tirsense, Vila-Novense-Régua, Salgueiros-Riopele, Beira-Mar-Feirense, Lourosa-Oliveirense.

CLASSIFICAÇÃO:

Próxima jornada: Torriense-Caldas, Juventude-Montijo, Almada-Portimonense, Torres Novas-Estoril, Marinhense-Estrela, Marítimo-U. Leiria, Sintrense-Sesimbra, Montemor-Lusitano, Barreirense-Odivelas, Peniche-Cova da Piedade.

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
ESTORIL	31	21	8	2	79-22	50
Barreirense	31	18	9	4	54-24	45
Marítimo	31	16	8	7	56-31	40
Portimonense	31	16	7	8	55-34	39
Montijo	31	16	6	9	50-34	38
Caldas	31	10	13	8	45-31	33
Torriense	31	13	7	13	53-47	33
União Leiria	31	12	8	11	48-42	32
Sesimbra	31	11	10	10	28-37	32
E. Portalegre	31	8	14	9	27-35	30
Marinhense	31	8	14	9	38-28	30
Peniche	31	7	14	10	24-26	28
União Sport	31	10	6	15	33-46	26
Almada	31	9	8	14	40-57	26
Sintrense	31	7	12	12	21-40	26
Lusitano	31	8	10	13	29-50	26
Juventude	30	9	7	14	29-37	25
Torres Novas	30	7	9	14	26-53	23
Odivelas	31	8	4	19	37-65	20
Cova Piedade	31	5	6	20	18-51	16

Zona Sul, resultados: Cova da Piedade-Caldas, 1-0, Montijo-Torriense, 3-0, Portimonense-Juventude, 1-1, Estoril-Almada, 5-0, Estrela-Torres Novas, 1-1, U. Leiria-Marinhense, 1-1, Sesimbra-Marítimo, 0-0, Lusitano-Sintrense, 1-1, Odivelas-Montemor, 3-2, Peniche-Barreirense, 3-0.

PECUÁRIA

Torne-se independente criando o seu próprio negócio.

Nós ajudamos na :

1. Montagem das instalações
2. Comparticipação nas despesas gerais.
3. Apoio técnico e comercial.

Oferecemos :

1. Exclusividade de venda na zona escolhida.
2. Suplementos e aditivos alimentares de grande consumo, para a pecuária em geral.

Você somente precisa :

Dispor de pequena quantia para stock.

CONTACTE-NOS:
Apartado 4032
Lisboa

BRASÍLIA

UM NOVO CARRO
A MESMA MARCA

EM EXPOSIÇÃO ATÉ ÀS 23 H. DE 15 A 30 DE ABRIL, DIAS ÚTEIS

AUTO MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL

AVENIDA PADRE MANUEL DA NÓBREGA, 10-A

Nacional

DESCOLONIZAÇÃO NA TV

CUSTE O QUE CUSTAR É SEMPRE BARATO

. «Custe o que custar, é o nosso dever» — respondeu ontem à noite o vice-almirante Rosa Coutinho a um telespectador que perguntara, por telefone, qual o preço da descolonização levada a cabo pelo M.F.A. Pegando na mesma ideia, o general Carlos Fabião acrescentou do lado: «Custe o que custar, é sempre barato».

O ministro dos Negócios Estrangeiros, major Melo Antunes, fora aliás o primeiro a adiantar uma resposta. «É impossível contabilizar a descolonização» — disse ele. — «Mas, por mais cara que seja, nunca seria tão cara como continuar a guerra». Falou também do que significa a descolonização em termos humanos e de relações com os novos países saídos das ex-colónias: um ganho total.

A presença dos três membros do Conselho de Revolução no «Teledomingo», diante de Joaquim Letria e, supõe-se, com a assistência interessada de mais de um milhão de auditores para cá do pequeno «écran», proporcionou um diálogo muito útil, servindo ainda para veicular sucessivas revelações de factos nunca até agora trazidos a público. Exemplo: em Bissau, quando Melo Antunes, Almada Contreiras e Pereira Pinto, membros da primeira equipa da Comissão Coordenadora do Programa do M.F.A., ali se deslocaram a pedido expresso de Carlos Fabião (encarregado do Governo e delegado da J.S.N.), um conhecido oficial guinéu dos «comandos», o capitão Saiegh, contou-lhes que não só estava de acordo com o esquema de descolonização acordado como — surpresa! — pertencia desde há largo tempo ao P.A.I.G.C., evidentemente na clandestinidade. A propósito Melo Antunes referiu o envolvimento de Saiegh no alegado «11 de Março» na Guiné — o capitão encontra-se detido.

UM COMEÇO AMBÍGUO

Quatro quintos do tempo útil do «Teledomingo» foram preenchidos com uma mesa-redonda bastante informal, que Letria arrancou ao perguntar se os três oficiais sentiam ter o M. F. A., iniciado o processo de descolonização um tanto desacompanhado dos partidos de esquerda. Das respostas ficou claro que os homens do M.F.A. se consideravam os principais interessados no processo — por coerência. Essa afinal, seria a explicação.

É claro que houve, de início, dificuldades, dificuldades originadas em «ambiguidades», segundo Melo Antunes, que precisou:

. «Nessa altura o M.F.A. não era coeso, tinha tendências».

Por outras palavras: «havia quem procurasse iludir o direito dos povos à independência total e completa». Logo a seguir nomeou-se António de Spínola como a individualidade que encabeçava essa tendência. António de Spínola que falou em privado com Nixon nas Lajes, que se avistou em privado com Mobutu no Sal...

«Presentemente não há ainda um protocolo conhecido do acordo do Sal» — vincou Rosa Coutinho. «Conhecem-se, sim, as consequências profundas e negativas desse famigerado acordo.»

«Sobre a reunião de Spínola com Nixon nas Lajes» — adiantou Carlos Fabião — «não sabemos do que se tratou. A mesma coisa quanto ao Sal: não temos as actas das reuniões.»

. E Rosa Coutinho, com um sorriso:

. «Nas Lajes suspeito que Spínola tenha sido um bocado chamado à ordem pela forma como Portugal se estava a comportar dentro do Clube Americano...»

. Rosa Coutinho que revelaria também, acerca das «consequências» do acordo do Sal:

. «Haveria um governo fantoche, sem o M.P.L.A., mas com o Chipenda para adoçar a pílula. Isto é o que se suspeita».

O que se suspeita — vincou — «com dados muito concretos».

NEUTRALIDADE ACTIVA

Um dos temas lançados por Letria para a discussão foi o do não-alinhamento português face aos grandes blocos. Melo Antunes, interrogado em particular, defendeu o conceito de uma «neutralidade activa» capaz de contribuir de maneira eficiente para a paz mundial.

«É fundamental» — afirmou — «o não-comprometimento com os grandes blocos. A neutralidade activa aproximar-nos-á cada vez mais do Terceiro Mundo. Nós não queremos ser recolonizados, não queremos ser um joguete de influências que são movidas pelos grandes blocos.»

. Disse também que as relações privilegiadas com os países surgidos das ex-colónias podem resultar em novos equilíbrios que cimentem a paz. Exemplo expendido: o possível reequilíbrio na África Austral, com directa influência em problemas como os do «apartheid» na África do Sul, domínio de uma minoria branca na Rodéria e impulsionamento da independência nacional da Namíbia (Sudoeste Africano).

«A África Austral» — opinou Rosa Coutinho — «nunca mais será o que foi até agora. Dizêmo-lo com orgulho.»

DO MESMO LADO DA BARRICADA

Uma passagem muito curiosa foi aquela em que Melo Antunes, recordando as negociações de Lusaka com a Frelimo, disse ter o M.F.A. falado ali, com os dirigentes do movimento de libertação de Moçambique, «a mesma linguagem».

«Estávamos do mesmo lado da barricada» — sintetizou, pondo a tónica no anti-imperialismo

Grande parte da mesa-redonda incidiu, naturalmente, sobre o papel de Spínola nesses meses de descolonização crítica. Rosa Coutinho, interpretando as múltiplas manobras do então presidente da República, não hesitou em estigmatizar:

. «Por trás do ex-general Spínola há forças mais hábeis e mais «fortes», de que ele é um simples instrumento.»

Aniversário de Lenine

«A preocupação pelos destinos da cultura é um dever sagrado para qualquer Governo autenticamente democrático» — sublinhou o dr. Stepan Mamontov, conselheiro cultural da Embaixada soviética em Lisboa, durante uma conferência que proferiu na Associação Portugal-U.R.S.S., subordinada ao tema «Lenine e os problemas da arte e da cultura». O orador evocou o carácter multifacético de Lenine, prático da revolução e pensador marxista, destacado representante da intelectualidade russa.

A esta conferência, com que a Associação iniciou as comemorações do 105.º aniversário do nascimento de Lenine (que passa amanhã), assistiram, entre outras individualidades, o embaixador soviético, Arnold Kalinin, e o director-geral da Cultura Popular e Espectáculos, Vasco Pinto Leite.

Comandante da Região Militar do Porto

PORTO — Assumiu efectivamente o comando da Região Militar do Porto, o brigadeiro Eurico Corvacho, que há dias foi graduado com esta patente.

Entretanto, assumiu também as funções de chefe do Estado-Maior da Região Militar do Porto o tenente-coronel Tomás Ferreira, que prestava serviço no Regimento de Artilharia Ligeira 5, em Penafiel.

- SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE LISBOA
- SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO SUL
- SINDICATO DOS TÉCNICOS DE DESENHO
- SINDICATO DOS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

CONTRATO COLECTIVO VERTICAL DA INDÚSTRIA METALÚRGICA

No seguimento dos Plenários Verticais já realizados em 5 zonas do Distrito (Vila Franca, Amadora, Torres Vedras, Cacém e Alhandra) para a Discussão do C. T. T. da Indústria Metalúrgica; convocamos os **trabalhadores Metalúrgicos, Electricistas, Técnicos de Desenho e Empregados de Escritório,** para os seguintes Plenários, a realizar:

— **SACAVÉM**
Na Terça-Feira, dia 22 de Abril, às 20,30 horas
No Pavilhão Gimnodesportivo do Sacavenense
SACAVÉM

— **OEIRAS**
Na Quinta-Feira, dia 24 de Abril, às 20,30 horas
No Liceu Nacional de Oeiras — Junto à Estação de Caminhos de Ferro — OEIRAS

A Ordem de Trabalhos é a seguinte:

1.º — **Discussão do Anteprojecto do Contrato Colectivo de Trabalho**
2.º — **Verticalização**

Participam nestes Plenários representantes dos quatro Sindicatos acima mencionados, e elementos da Federação dos Metalúrgicos.

NOTA: É indispensável a apresentação do cartão de sócio dos respectivos Sindicatos.

— PARTICIPA!
— EM FRENTE PELO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO VERTICAL!

Lisboa, 18 de Abril de 1975

AS DIRECÇÕES DOS SINDICATOS

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o cé estava em geral pouco nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	16ç3
P. DOURADAS	11º
COIMBRA	15º
PORTALEGRE	16º
LISBOA	16º
FARO	20º
FUNCHAL	15º

TEMPERATURAS EXTREMAS

alvalade elvas
Máxima 23,5º

PENHAS DA SAÚDE
Mínima 4,3º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 13,7º
Atmosfera 12,2º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
		5.46	1,1 m
12.22	3,5 m	18.10	1,2 m
Dia 22			
0.46	3,7 m	6.47	0,9 m
13.22	3,7 m	19.09	0,9 m
Dia 23			
1.45	3,9 m	7.40	0,7 m
14.16	3,9 m	20.01	0,7 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado; vento fraco ou moderado do quadrante Norte; possível aumento de nebulosidade a partir da tarde de amanhã nas regiões do Norte.

AMANHÃ
NASCER ÁS 6.54
OCASO ÁS 20.19

DIA 25 — DIA 3 — DIA 11 — DIA 18

BARS BOITES

DANCINGS

NINA Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167. A actuar GRAZIELA DE SIRTANAS (Argentina)

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais. T. 26461/264526/264596/264621/264946

HIPOPÓTAMO Conjunto Hipopótamo. Encerra aos Domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A T. 48384.

TAMILA Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. Av. Duque de Loule, 69. T. 533117.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Josè	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

rádio

EMISSORA 1.º Programa

17.00	Noticiário — rádio estudantil
18.00	Música variada
19.00	Campanha eleitoral
20.35	Calendário eleitoral
21.00	Música portuguesa
21.45	Observação de teatro, por José Gil
22.00	Sindicalismo, por Helena Neves e Madeira Claudino
22.30	Música variada
23.00	Leip por Meneres Pimentel
23.15	Interlúdio
23.30	Último jornal

2.º Programa

16.00	Opera
17.20	Solos de cravo
17.30	Música do século XX
18.02	Antologia sonora
18.30	Concerto n.º 2, em si bemol maior, op. 19, para piano e orquestra, de Beethoven
19.00	Junção com o 1.º Programa
21.00	Passagem do MF 2 a Stereo — música ligeira variada
22.00	Intercâmbio musical
23.00	Música de câmara
23.12	Suite n.º 2, das «Árias Antigas para Alaúde», de Respighi
23.35	Música coral sinfónica
00.10	Duas peças para piano, de Bartok
00.25	Sinfonia em dó maior, «Sinfonia Singular», de Berwald
01.00	Fecho

Programa em Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz

19.00	Abertura da estação — junção com o 1.º Programa e M.F. 2
21.00	Concerto sintónico — no intervalo: Canções pelo soprano Mattiwilda Dobes, acompanhada ao piano por Gerald Moore
23.00	O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
00.00	Suites orquestrais
00.20	Música coral
01.00	Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.00	Noticiário
16.04	Programa C.D.C.
18.05	Movimento
20.30	Alegria no trabalho
21.03	Alegria no trabalho
21.15	Hora luterana
21.31	Quando o telefone toca
22.05	Quando o telefone toca
23.30	Campanha eleitoral
24.00	Campanha eleitoral
00.05	Alavanca
02.03	A noite é nossa
06.03	Diário rural
07.03	Talismã

RÁDIO RENASCENÇA

16.00	Noticiário
16.05	Radiorama
18.00	Espaço musical
18.22	Música seleccionada
19.00	Jornal do serviço de noticiários e reportagens de Rádio Renascença
19.30	Espaço musical
21.08	Programa dos sócios
21.45	Pentagrama
22.00	Quando o telefone toca
22.30	Campanha eleitoral

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das 06.00 às 11.00 e das 19.30 às 22.00

Rádio Peninsular

Das 11.00 às 17.00

Rádio Voz de Lisboa

Das 17.00 às 19.30 e das 22.00 às 02.00

LEIA motor

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO B-1

Toda a noite

ALCÂNTARA
Costa, R. dos Lusíadas, 30 (T. 636704)
ALVALADE
Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (T. 712070); Onilda, Av. João XXI, 13-A (T. 726848)
AVENIDAS NOVAS
Dalva, Av. D. de Avila, 125 (T. 45225)
BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (T. 841122)
AIXA
Cortez, R. S. Nicolau, 93 (T. 325378)
BELÉM
Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454)
BENFICA
Progresso, E. da Damaia, 64-C (T. 702226)
CAMINHOS DE FERRO
Alves de Carvalho, R. Vale de S. António, 7/9 (T. 840125)
LAPA
Mota Capitão, R. de S. Félix, 45-A/B (T. 660720)
OLIVAIS
Central dos Olivais, R. Alferes Barrilaro Ruas, 7-C, Olivais Norte (T. 315539)
PICHELEIRA
Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (T. 728395/720703)
REGO
Prates e Mota, R. da Beneficência, 91 (T. 773728)

TURNO B-2

(Até às 22 horas)

AJUDA
Boa Hora, R. dos Quartéis, 25/27 (T. 637777)
ALFAMA
Cruz de Malta, L. Chafariz de Dentro, 36 (T. 866126)
AMOREIRAS
Amoreiras, P. das Águas Livres, 8-D (T. 681515)
ARCO DO CEGO
Providência, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C, ao B. Social (T. 770324)
AREEIRO
Gasparinho, R. Dr. Gama Barros, 54-A (T. 710465)
ARROIOS
Brasil, R. Alves Torgo, 29/33 (T. 46843)
BAIXA
Brites Moita, R. da Alegria, 33 (T. 321149)
BENFICA
Sousa, E. de Benfica, 429/431 (T. 780027)
CAMPO DE OURIQUE
Ourique, R. Freitas Gazul, 23-B (T. 671667)
CONDE REDONDO
Salus, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 42239)
LUMIAR
S. Tomé, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704)
POÇO DO BISPO
Barros Gouveia, R. Vale Formoso de Cima, 79-B (T. 382180)
S. BENTO
Valentim, R. Poço dos Negros, 88/90 (T. 679453)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R.António Granjo, 2 (T. 213953)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R.Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas
OEIRAS
Godinho, R.Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Toda a noite
CARCAVELOS
Central. Até às 24 horas
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (T. 2471204). Toda a noite
MURTAL
Primavera, R.das Parreiras, 2 (T. 2472278). Toda a noite
ESTORIL
Suiça, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas
CASCAIS
Cascais, R.Conde de Monte Real, B.das Caixas (T. 282407). Até às 22 horas; Misericórida, R.Regimento 19, 41 (T. 280141). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P.D.João I, lote 146, B.Janeiro (T. 932756); Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 932210); Igreja, L.da Igreja, 22-A (T. 937740); Jardim, Av. Conde de Oeiras, loja X-1, Reboleira (T. 938424)
DAMAIA
D.JoãoV,Av.GurgeldoAmaral, 2-A (T. 970461)
VENDA NOVA
Nova, R.Elias Garcia, 19 (T. 972530)
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117); Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123)
CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T. 2942181)
MEM MARTINS
Miranda Garcia, E.de Mem Martins, 173-B (T. 2914103)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)
SINTRA
Simões, Estefânia (T. 2930832)
COLARES
Abreja (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T. 204020)
ALMADA
Macedo Henriques, R.Bernardo Francisco da Costa, lote 1 (T. 271297)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E.Nacional, 178-A (T. 2040302)
BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207)
COVA DA PIEDADE
Louro
MOITA
Silva Rocha, P.da República, 16 (T. 239029)
MONTIJO
Giraldes, R.Almirante Reis, 45 (T. 230008)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar, 13 (T. 229471)
SETÚBAL
Costa, L.da Misericórdia (T. 22760); Brasil, P.do Brasil (T. 24788)
SEIXAL
Soromenho, L.da Igreja, 51 (T. 2218560)

PORTO

TURNO 17

ATÉ ÀS 22 HORAS

Martino, Sucr., Praça Marquês de Pombal, 122; Pombeiro, Campo dos Mártires da Pátria, Prelada, Rua Central de Francos, 316; S. Roque da Lameira, Rua de S. Roque da Lameira, 1111; Sá da Bandeira, Rua Sá da Bandeira, 236; Ameal, Rua do Ameal, 1227; Campo Alegre, Rua do Campo Alegre, 723; Ferreira da Silva, Rua dos Mártires da Liberdade, 150; Peninsular, Rua Chã, 100; S. Lázaro, Avenida Rodrigues de Freitas, 297; Melo Taveira, Rua Alcaide Faria, 77

PARTIR DAS 22 HORAS

Parente, Rua das Flores, 114; Canavarro, Rua da Restauração, 53; Padrão, Rua de Santo Ildefonso, 342 e Sanil, Rua do Paraíso, 214.

COIMBRA

MACHADO, R. Bernardo de Albuquerque (Tel. 23767); Sitália, Largo da Sé Velha 13-14 (Tel. 23234); Luciano e Matos, R. da Sofia, 7-11 (Tel. 22147)

PASSE
UM FIM-DE-SEMANA
SEM CONTRATEMPOS

QUANDO ACORDAR
ESTARÁ NO ALGARVE

SERVIÇO DE CARRUAGENS-CAMAS LISBOA-ALGARVE

Barreiro-V.R.Sto.Antonio: sextas-feiras
V.R.Sto.Antonio-Barreiro: domingos
INFORMAÇÕES TELEF. 32626

Caminhos de Ferro Portugueses

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

VARIEDADES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Ó Pá, Pega na Vasoura»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.15 (18 anos)
«Um Crime no Expresso do Oriente»
PROMOTORA
21.10 (10 anos)
«Os malucos no supermercado»
MOSCAVIDE
21.15 (14 anos)
«Ao 3.º dia chega o corvo»
OLÍMPIA
(18 anos)
«O Estranho Caso da Senhora Wardh»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«Simão, o Engatatão»

LINHA DE CASCAIS

Stadium
21.30 (18 anos)
«Viagem sem Retorno»
ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (10 anos)
«Cerveja para Todos»

OUTRA BANDA

ALAMDA
Incrivel
21.15 (18 anos)
«Doce Vida em Roma»
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«O Grande Ditador»

LINHA DE SINTRA

MEM MARTINS
Cine-Chaby
21.00 (18 anos)
«Amor Entre Mulheres»
AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Dillinger»

PORTO/Cinemas

AGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«7 Vampiros de Ouro»
ESTUDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Fellini Satyricon»
OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Experiência prematrimonial»
COLISEU
21.30 (18 anos)
«Irma la Douce»
VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Doce vida em Roma»
ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Toda uma vida»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Os Difíceis Vinte Anos»
BATALHA
21.30 (18 anos)
«As Bailarinas»
S.JOÃO
21.30 (13 anos)
«Metello»
RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Os Perversos»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Tal Pai Tal Filha»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Sete Horas de Violência»
TRINDADE
21.30 (18 anos)
«A Bela Helena»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.15 (10 anos)
O Meu Tio»
AVENIDA
20.30 (18 anos)
«Sofia e a Educação Sexual»
TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Os Diabos»
S.TEOTÓNIO
21.15 (10 anos)
«Floresta Maravilhosa»

LEIA
motor

cinemas • cinemas • cinemas

CINEBOLSO
T. 573407 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
O VALE DOS PERDIDOS
de Barbet Schroeder
Amanhã às 12.30 6 anos
PERDEU-SE UM MARIDO
Com António Silva, Laura Alves etc

BERNA
T. 776098 **14, 16.30, 19. 21.15**
Grupo C 14 anos
L'EMMERDEUR
(O Chato)
DE Edouard Molinaro

APOLO 70
T. 763319 **14.00, 16.30, 19.00, 21.15**
Não acons. a menores de 13 anos
PRIMEIRA PÁGINA
o grande filme de Billy Wilder
6.ª Semana

ROXY
T. 42872 **14.00, 16.30, 18.45, 21.15**
Grupo C 14 anos
L'EMMERDEUR
O CHATO
DE Edouard Molinaro

PATHÉ
T 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EMMANUELLE
Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes

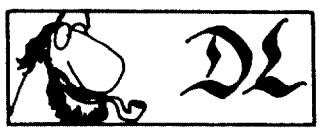
ALVALADE
T. 717480 15.30, 18.30, 21.15
(Interdido a menores de 18 anos
A mais espantosa comédia do ano!
A MINHA MULHER É UM VIOLONSEXO

LIDO
T. 937593 15.30, 21.30
Para todos
ISTO É ESPECTÁCULO

CINESTÚDIO
T. 937593 15.30 . 21.30
Interdito a menores de 18 anos
O EXORCISTA

CINEMA 2000
ALGÉS 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
... E QUANDO O DINAMITE EXPLODE...
2.ª Semana

D JOÃO V
T. 971794 21.00
Grupo D 18 anos
ATAQUE DOS 7 MAGNÍFICOS



UNIVERSAL
T. 774402
Não acons. a menores de 13 anos
Às 14.30 e 20.30
GREVE OCUPAÇÃO
Às 16.30, 22.30
Interdido a menores de 18 anos
IREI COMO UM CAVALO LOUCO
Às 18.30
Não acons a menores de 13 anos
ATTICA E TUPAMAROS

RESTELO
T. 610375 21.00
Não acons. a menores de 18 anos
TUDO FICOU EM FAMÍLIA
4.ª Semana
c/ Patricia Gage John Gavin

EDEN
T. 320768 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
JUNTOS SÃO DINAMITE ... E QUANDO O DINAMITE EXPLODE...
Terence Hill e Bud Spencer
2ª Semana

TIVOLI
T. 570595 15.15, 18.30, 21.15
Grupo C-14 anos
L'EMMERDEUR
(O Chato)
de Edouard Molinaro
Já se viu tudo em cinema: Tímidos, coléricos, seios, nádegas ciumentas, polícias. Tudo! Menos isto!

CASINO ESTORIL
T 264621 17.00, 21.15
Grupo B 10 anos
CERVEJA PARA TODOS

ROYAL
T 865037 15.30.21.15
Não acons. a menores de 18 anos
MINHA MULHER É DOIDA

POLITEAMA
T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Interdito a menores de 18 anos
A PRIMA
Com Stefania Casini
9.ª Semana

ROMA
T. 727778 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EMMANUELLE

OXFORD
T. 2865027 16.00, 21.15
Interdido a menores de 18 anos
O SILÊNCIO

VOX
T 720808 14.15, 16.30, 19.00. 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
QUE NOITE DE NÚPCIAS
3.ª Semana de grande êxito!

LUMIAR
T 795296 21.15
Grupo D 18 anos
DRÁCULA PRISIONEIRO DE FRANKENSTEIN

SATÉLITE
T. 562632 **15, 17, 19, 21.15**
Interdito a menores de 18 anos
SORRISO VERTICAL

MUNDIAL
T. 538743 15.15, 18.30, 21.45
Não acons. a menores de 13 anos
O PROFESSOR EROTOMANIACO

CALEIDOSCÓPIO
T. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
TEOREMA
Premiado no festival de Veneza com Silvana Mangano

CONDES
T. 322523 14.00. 16.30.
Interdito a menores de 18 anos
...girissimo, cruel, encantador, inteligente, erótico e... maldonissimo!
LES VALSEUSES
AS BAILARINAS
c/ Gerard Depardieu
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

ODEON
T. 326283 15.15, 18.15, 21.15
(Int. a menores de 18 anos)
2.ª SEMANA DE ENCHENTES
c/ Marga Lopez
MARCADA PELO DESTINO
A ODISSEIA DE UMA MULHER VÍTIMA DE UMA TERRÍVEL INFÂMIA DA AMANTE DO SEU MARIDO
(EASTMANCOLOR)

LONDRES
T. 601313 15.45, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
LACOMBE LUCIEN
(O COLABORACIONISTA)
Uma história da resistência
Um filme de Louis Malle

S. JORGE
T 54153/4 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
MULHERES APAIXONADAS

AVIS
T 47163 15.30, 1830, 21.15
Grupo D (18 anos)
OBSESSÕES
Alexandre Stewart

CASTIL
T 530194 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O ÚLTIMO DEVER

CINEARTE
T. 660446 **15.30, 21.15**
Grupo D-18 anos
OS DEMÓNIOS DE DAYTON

ESTÚDIO
T. 555135 **15, 17, 19, 21.15**
Não acons. a menores de 18 anos
A MORTE DUM LENHADOR

ESTÚDIO 444
T. 779095 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
DOROTHEA
6.ª Semana

EUROPA
T. 661016 **15.15, 18.30, 21.15**
Não acons. a menores de 18 anos
TODA UMA VIDA
9.º Semana

IMPÉRIO
T. 555134 15.15, 18.30 21.15
Interdito a menores de 18 anos
OS MALDITOS
3.ª Semana

MONUMENTAL
T 555131 15.15, 18.30, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
REPRESÁLIA
MASSACRE EM ROMA

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º E 4.º
TELEF. 65453 1/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA, TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

MANIFESTAÇÃO EM ROMA

Continuação da pág. 1

durante a qual alguns dirigentes e operários, recémregressados de Lisboa, descreveram com entusiasmo a situação política em Portugal e o crescimento da democracia da luta pelo socialismo e do movimento de massas dos trabalhadores portugueses.

Em Itália, como se sabe, a Democracia-Cristã, que é o maior dos partidos burgueses, iniciou a 11 de Março uma furibunda campanha de ataques e calúnias contra o processo português e o M. F. A.. A D. C. mandou mesmo imprimir um manifesto nacional intitulado «O Fim da Liberdade em Portugal», no qual se fala de ditadura militar. A R. A. I. (Televisão Italiana), um monopólio do Estado controlado pela D. C. transmite diariamente textos alarmistas sobre Portugal, País que estaria a resvalar para o caos, para o arbítrio e para as prepotências dos militares e dos comunistas. Esta campanha tem por objectivo preparar o terreno, confundindo as ideias na opinião pública, para as manobras do imperialismo e da reacção internacional contra o processo revolucionário português. Mas é também uma campanha de instrumentalização política com fins internos, para consumo italiano.

Abriu deste modo a campanha eleitoral da Democracia-Cristã e da direita contra as esquerdas em Itália: as eleições administrativas do próximo dia 15 de Junho poderiam de facto, segundo as previsões, resultar num grande reforço da esquerda e até na queda do Governo. Entretanto o P. C. I. e o vértice (cúpula) dos sindicatos dissociaram-se do processo português por medo da D. C., para evitar um afrontamento com a D C.. Mas a nível popular, nas fábricas, nas escolas, nos quartéis, não obstante a desinformação provocada pela TV e pela Imprensa escrita, é grande o interesse e o apoio às conquistas do proletariado português.

«PORTUGAL NÃO SERÁ O CHILE DA EUROPA»

Foi neste contexto que «Lotta Continua», a maior organização proletária e revolucionária, à esquerda do P.C.I., lançou o apelo para uma manifestação nacional, com a palavra de ordem «Portugal não será o Chile da Europa!». As outras duas mais importantes organizações à esquerda do P. C.I. («a vanguardia Operaria» e P. D. U. P.) não aderiram, embora declarando a sua solidariedade com o processo português.

Em todas as cidades da Itália foram afixados manifestos com fotografias de operários, soldados portugueses, como preparação da manifestação de anteontem, realizando-se também assembleias e comícios de esclarecimento.

Dezenas de conselhos de fábricas e de assembleias estudantis enviaram à «Lotta Continua» mensagens de adesão à manifestação, à qual aderiram igualmente grupos menores da esquerda revolucionária, comités de soldados democráticos e a mais famosa companhia teatral de esquerda neste país, a «Comune» de Dario Fo, empenhada em falar de Portugal, nos seus espectáculos.

Em toda a altália, de Turim à Sicília, formaram-se comboios especiais e alugaram-se autocarros para a manifestação. Também muitas secções do P. C. I. e do P. S. I., além de estruturas de base de sindicatos, mandaram mensagens de apoio ao proletariado e ao M. F. A. de Portugal, desmentindo assim as posições oportunistas das cúpulas do P. C. I. e dos sindicatos. À «Lotta Continua» chegariam ainda mensagens de Agostinho Neto, presidente do M. P. L. A., e dos partidos chilenos da esquerda (P. S., M. I. R; M. A. P. U. Izquierda Cristiana e Partido Radical).

Depois de vários afrontamentos ocorridos nos últimos dias, que culminaram com o assassínio, em Turim, do dirigente da «Lotta Continua» Tonino Mieciché a tiros de pistola a multidão cansada não deixou de concentrar-se (entre 50 e 70 mil pessoas em Roma) para a manifestação. Na Piazza Navona realizou-se um comício durante o qual foram lidas mensagens do M. F. A., de Rosa Coutinho, de Agostinho Neto, do M. E. S., do P. R. P.-B. R. e da L. U. A. R.. Três portugueses usaram da palavra: um miliciano, um capitão membro da Comissão de Inquérito ao 11 de Março e um operário da Lisnave.

«Creio que neste momento na Europa» — disse o capitão João Oliveira — «nenhum país está tão próximo da revolução socialista como Portugal».

Manifestação no Rossio

Promovida pela Associação dos Familiares dos Antifascistas Presos (A. F. A. P.), realiza-se esta tarde, pelas 19 e 30, no Rossio, uma manifestação popular integrada na luta pela libertação dos antifascistas presos. Militantes do M. R. P. P., aderentes da Associação da Amizade Portugal-China ou simples elementos do povo, encontram-se detidos nas cadeias de Alcoentre e Tires.

MAIS PRISÕES DO M.R.P.P.

PORTALEGRE — Entregue pela P. S. P. ao Batalhão de Caçadores n.º 1, desta cidade, foi posteriormente enviado para a Colónia Penal de Pinheiro da Cruz o militante do M. R. P. P. António Cotrim, professor do liceu local, acusado, segundo parece, de deformar propaganda política de outros partidos. Posteriormente, um comunicado elaborado por um grupo de simpatizantes do M. R. P. P. desta cidade, acusava três militantes do P. C. P. de terem procedido, cerca das 2.30 da manhã do dia 18, à detenção do seu camarada, entregando-o à P. S. P.

Entretanto, um outro elemento simpatizante do M. R. P. P., Carlos Miranda, ao deslocar-se, anteontem, ao B. C. 1 para fazer uma participação de um dos aderentes do P. C. P., que disse ter detido o seu camarada, acabou também por ser detido pelos militares, após altercação com os mesmos.

ASSEMBLEIA DO M.F.A. DA ARMADA

Reconhecimento do carácter socialista da revolução

. Com a presença de 287 membros (oficiais, sargentos e praças) reuniu-se no sábado, no Auditório da Escola Naval, a nova Assembleia do M.F.A. da Armada, representativa de todas as unidades e serviços.

A conclusão final foi colocar a Armada ao serviço da maioria do povo e o reconhecimento do carácter socialista da revolução portuguesa.

A agenda dos trabalhos incluia os seguintes pontos: 1 — Discurso da abertura; 2 — Balanço e ponto da situação; a) Política; b) Económica; c) Militar-Armada; d) Angola, Moçambique, Cabo Verde e Açores; e) M.F.A. 3 — M.F.A. — princípios ideológicos; 4 — Eleição dos delegados à Assembleia do M.F.A. dos três ramos; 5 — Debate.

No final foi aprovada por unanimidace e aclamação a seguinte proclamação:

. «A nova Assembleia do M.F.A. da Armada, constituída por oficiais, sargentos e praças reunida em 19 de Abril de 1975, declara que orientará as suas actividades segundo os princípios já emanados do Conselho da Revolução, em especial:

. 1. Reconhecimento do carácter socialista da revolução portuguesa, entendendo-se como tal o caminho firme no sentido de passagem do modo de produção capitalista para a colectivização dos meios de produção terminando com a exploração do homem pelo homem.

2. Na ordem política interna, a constituição de um sistema pluripartidário formado pelas forças políticas verdadeiramente interessadas na revolução socialista de forma a garantir:

. a) A construção do socialismo

b) A defesa eficaz do processo revolucionário

c) As liberdades democráticas

3. Na ordem política externa, a garantia de uma total independência nacional, de acordo com os princípios de não ingerência nos assuntos internos das nações e de uma ampla solidariedade com todos os povos do Mundo, em particular com os de língua portuguesa.

4. Na Armada, seu fortalecimento no sentido de:

. a) Sua inteira colocação ao serviço dos interesses da grande maioria do povo português, tornando consequente a aliança povo-M.F.A.

b) Sua democratização na construção de uma disciplina consciente e revolucionária baseada na igualdade de oportunidades de acesso e na hierarquia da competência.

Recrutamento de mercenários para invadir Moçambique

. JOANESBURGO, 21 — (U.P.I.-A.N.I.) — Homens de negócios portugueses em Moçambique estão a recrutar mercenários na República da África do Sul, na França e na Bélgica para derrubar o Governo moçambicano — revela hoje o «Sunday Express».

O repórter deste jornal Norman Taylor, revelou ter-se apresentado como mercenário: ofereceram-lhe 2000 rands por mês para se juntar ao exército rebelde.

O oficial que está a recrutar os milicianos informou Taylor de que tinha conseguido mil homens em Joanesburgo e que 4000 tomariam parte no golpe planeado. Homens de negócios portugueses de Moçambique estão a financiar o exército mercenário.

As autoridades policiais afirmam que estão a investigar a notícia.

Quando os brancos moçambicanos tentaram um golpe em Setembro do ano passado em Lourenço Marques, o Governo sul-africano afirmou que não permitiria no país o recrutamento de mercenários para Moçambique.

O «Daily Express» indica ainda que os mercenários serão equipados com armas modernas, terão passaportes falsos e serão pagos onde quiserem. Os contratos são feitos por um mínimo de seis meses, com a possibilidade de serem renovados por cinco anos.

O oficial que recruta os homens disse a Taylor: «O treino não é essencial. Só estamos interessados no número. Mas se gostaria de fazer um treino, posso dar-lhe uma carta para um homem no Malawi. Pode ajudá-lo a manter-se vivo.»

. O oficial informou ainda que o exército entraria em Moçambique ido da Africa do Sul, acrescentando que «tudo estará pronto em breve».

HOMENAGEADO BENTO CARAÇA

. VILA VIÇOSA — Em virtude da passagem do 74.º aniversário do seu nascimento, foi homenageado nesta vila alentejana, o cientista Bento de Jesus Caraça. As comemorações, promovidas pelo Centro Cultural Popular Bento de Jesus Caraça, tiveram o seu apogeu numa sessão pública efectuada no Cine-Teatro Romy Freire.

ANALISADAS AS NEGOCIAÇÕES DE MOÇAMBIQUE

Os resultados da terceira fase das negociações entre o Governo Português e a Frelimo foram detalhadamente expostos no sábado a Comissão Nacional de Descolonização pelo dr. Jorge Sampaio, que presidiu à delegação portuguesa.

Após a exposição foram estabelecidas as linhas gerais de orientação futura destas negociações.

A Comissão apreciou também alguns aspectos da cooperação a estabelecer entre Portugal e a Guiné-Bissau.

Zairenses invadem Angola — afirmou Agostinho Neto

. LUSAKA, 21 — (Angola está a ser sujeita a uma silenciosa invasão realizada por soldados vindos do Zaire — disse no sábado em Lusaka, o dr. Agostinho Neto, presidente do M.P.L.A.

O presidente do M.P.L.A., que partiu hoje de Lusaka para Dar-Es-Salam no termo de uma visita de dois dias, durante a qual se reuniu com o presidente Kenneth Kaunda, deu uma conferência de Imprensa durante a qual lhe pediram para comentar notícias respeitantes a um certo país africano estar a enviar para Angola os seus súbditos para influenciar as projectadas eleições livres.

Embora fale perfeitamente inglês, o dr. Agostinho Neto espressou-se em português, utilizando um intérprete. O presidente do M.P.L:A. declarou: «Alguns meses antes fiz aqui uma declaração de que Angola estava de facto a ser sujeita a uma invasão silenciosa. Ora os soldados que entram em Angola vêm do Zaire».

Agostinho Neto, continuando a falar aos jornalistas, disse também: «Esses soldados são militantes do F.N.L.A. e são por conseguinte considerados como patriotas angolanos.

«Entram em Angola em grande número e muito bem equipados. Estão até melhor equipados do que estavam durante a guerra contra o dominio colonial português.

«Neste momento, estamos a levar a efeito um inquérito para sabermos as origens de alguns desses soldados e só quando tivermos provas suficientes diremos se são de facto todos soldados angolanos.»

. A Frente Nacional de Libertação de Angola (F.N.L.A.), chefiada por Holden Roberto, tem mantido desde há vários anos a sua principal sede no Zaire. Há profundas ligações entre Holden Roberto e o presidente Mobutu, Sese Seko, pois são cunhados.

O dr. Agostinho Neto responsabilizou também o F.N.L.A. pelas recentes confrontações sangrentas em Luanda, capital de Angola, durante as quais, segundo disse, morreram centenas de pessoas.

O dr. Agostinho Neto frisou: «Os incidentes e massacres em Angola foram provocados pela F.N.L.A. Na noite de 22 de Março tropas da F.N.L.A. cercaram as nossas bases em Luanda, começando assim os massacres que causaram centenas de mortos».

O presidente do M.P.L.A. frisou que o seu movimento está a realizar todos os esforços possíveis para cooperar com o terceiro movimento angolano de libertação, a U.N.I.T.A., presidida pelo dr. Jonas Savimbi, mas acrescentou que continuam a ocorrer incidentes entre os dois movimentos. Acrescentou que há três ou quatro dias, numa localidade chamada Wambo, um membro do M.P.L.A. foi espancado até à morte por elementos da U.N.I.T.A.

Mas o dr. Neto acrescentou que tais coisas não impedem o M.P.L.A. de «procurar uma cooperação melhor entre todos os angolanos».

INTERCEPTADO UM IATE EM QUE MANUEL CHAMPALIMAUD PRETENDIA FUGIR

. Um iate de recreio de nome «Freelander», no qual Manuel Champalimaud, filho do industrial António Champalimaud, se preparava para sair ilegalmente do País, foi detectado por avião da Força Aérea e interceptado por um navio de guerra português que se encontrava em missão de patrulha ao largo da costa algarvia.

As actividades de Manuel Champalimaud, para além de outros motivos, tornaram-se suspeitas a partir do momento em que desenvolveu esforços no sentido de conseguir alugar um iate de recreio muito rápido.

Ignora-se se a bordo se encontravam quaisquer valores ou documentos importantes.

O «Freelander» tinha saído da Marina de Vilamoura sem visto das autoridades marítimas.

Produto interno bruto por habitante em contos (1970)	11,5	19,8
Poupança total por habitante em contos	3,8	5,8
Poupança dos particulares por habitante em contos (1970)	1,8	2,9
Remessas de emigrantes recebidas no distrito, em milhões de contos	1,2	19,2

O DISTRITO DE VILA REAL PERANTE AS CONSTITUINTES

Previsão da população com 18 ou mais anos em 31 de dezembro	164 000
Número definitivo	156 507
Número de deputados	6
Número de assembleias e secções de voto	384

VILA REAL
PARTIDOS E CANDIDATOS

C.D.S.

1 António José Borges Mesquita Montes.
2 Manuel Rodrigues Gonçalves.
3 Marco Aurélio Nogueiro Peixoto.
4 Alexandre Teixeira, 37 anos, farmacêutico.
5 Acácio Sousa Cardoso, 67 anos, funcionário público.
6 Celestino Teixeira Botelho, 24 anos.

F.E.C.

1 Carlos Macedo, médico.
2 Amândio de Azevedo, advogado.
3 Fernando Pinto, prof. primário.
4 Orlando Varejão, eng. mecânico.
5 Miguel Macedo, ferroviário.
6 Carlos António Silva Branco, alfaiate.

F.S.P.

1 José Augusto Vera Cruz Pinto Brás, emp. de escritório.
2 Idalina Maria da Silva Carvalho, estudante.
3 Ana Maria do Nascimento Corceiro, empregada de comércio.
4 António Manuel Tavares Serra, caixa controlador.
5 Ricardo João dos Santos, empregado de escritório.
6 João Luís dos Santos, pequeno agricultor.

M.D.P.

1 Otílio de Figueiredo, médico.
2 José Joaquim Gonçalves André, jornalista.
3 Marília Alice Vieira Correia de Matos, 38 anos, fotógrafa.
4 António Malheiro, pequeno agricultor.
5 Avelino das Dores Aurélio, 43 anos, fotógrafo.
6 António Caldeira Azevedo, prof. do ensino básico.

P.C.P.

1 Margarida Tengarrinha, 46 anos, prof. ensino secundário.
2 Maximino José Vaz da Cunha, 35 anos, médico.
3 Manuel da Silva Costa Leão, 49 anos, empregado escritório.
4 Lourenço Medeiros Ventura, 29 anos, op. construção civil.
5 Maria José Gomes Teles Grilo, 27 anos, professora liceal.
6 Virgílio Cardoso Aves, 26 anos, prof. de educação física.

P.P.M.

1 António Borges de Carvalho, técnico de vendas.
2 Guilherme Pontes, advogado.
3 João Morais Taborda, técnico de «marketing».
4 Maria Adelaide Fernandes, licenciado em direito.
5 Fernando Andrade Gramaxo, engenheiro.
6 António Marques Marinho, funcionário público.

P.S.

1 Luís Roseira, médico.
2 António Gomes Teles Grilo, advogado.
3 António Barreto, economista.
4 Joaquim Gonçalves Cruz, advogado.
5 António Machado Rodrigues, eng. agrónomo.
6 Rui Grácio, professor.

AUDIOVISUAIS

RÁDIO RENASCENÇA

Hoje

22.30 — F.S.P.; 22.40 — L.C.I.; 22.50 — P.C.P.; 23.00 — P.P.M.; 23.10 — M.E.S.; 23.20 — P. S.; 23.40 — M.D.P.; 23.50 — L.C.I.

R.C.P.

Hoje

22.30 — F.E.C.; 22.40 — F.E.C.; 22.50 — L.C.I.; 23.00 — C.D.S.; 23.10 — F.S.P.; 23.20 — P.U.P.; 23.30 — P.P.D.; 23.40 — F.S.P.; 23.50 — L.C.I.

TELEVISÃO

Hoje

Depois da 2.ª edição do Telejornal: Temas e Candidatos. M.E.S. — Jerónimo Franco (Leiria), Marcolino Abrantes (Lisboa), António Guedes (Lisboa), José Almeida (Lisboa), Francisco Vieira (Porto) e António Almendra (Aveiro).

F.E.C.

P.P.D. — Pedro Roseta (Lisboa); Helena Roseta (Lisboa).

EMISSORA NACIONAL

Hoje

19.00 às 20.00 — M.D.P.; P.C.P.; U.D.P.; P.C.P.; F.E.C.; C.D.S.; M.D.P.; C.D.S.; P.S..

EMISSORES ASSOCIADOS

22.15 às 23.45 — P.P.D.; C.D.S.; P.S.; M.E.S.; P.P.M.; P.U.P.; F.E.C.; P.C.P.; U.D.P.

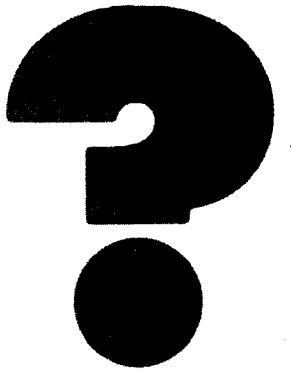
Diário de Lisboa

PONTO ELEITORAL

Lisboa, segunda-feira, 21 de Abril de 1975

Que vamos nós eleger — um partido, um Governo, um chefe de Estado?

Sabe o que é uma Constituinte?



MANUEL LOPES RODRIGUES, 23 anos, oficial miliciano, residente em Lisboa.

1.ª Vamos eleger a Assembleia Constituinte

2.ª A primeira missão será a formação da Constituição. Isto é, vão fazer as leis pelas quais o País se irá reger no futuro.

JOSÉ ROLDÃO, 28 anos, publicitário, residente em Lisboa

1.ª Vamos eleger a Constituinte

2.ª São as pessoas mais directamente ligadas, de modo a fazerem a Constituição, ou seja, as bases pelas quais o País se irá reger.

MARIA FRANCISCA; 20 anos, estudante, residente em Lisboa

1.ª Vai-se eleger a Assembleia Constituinte

2.ª É um órgão que irá fazer as leis que irão reger os portugueses

ADELINO RIBEIRO, 33 anos, empregado de escritório, residente em Lisboa

1.ª Vamos precisamente eleger uma Assembleia Constituinte

2.ª Vão fazer as leis pelas quais futuramente se vai reger o País.

GERMANO ALMEIDA COSTA, 49 anos, encarregado de expedição, residente em Odivelas

1.ª Vamos eleger uma Assembleia Constituinte

2.ª Julgo que seja a preparação para a formação de um novo Governo

JOSE BOTELHO, 20 anos, estudante, residente em Paço de Arcos

1.ª Bem, em tenho uma idéia, mas não sei explicar.

2.ª É qualquer coisa que irá fazer as leis do País.

JOSE ANTONIO RUELA, 30 anos, profissional de seguros, residente no Estoril

1.ª Vamos eleger uma Assembleia Constituinte

2.ª É o conjunto de vários indivíduos que irão fazer a Constituição, leis-base para o País.

LUÍS RIBEIRO ROSA, 21 anos, estudante, residente em Lisboa

1.ª Vamos eleger uma Assembleia Constituinte

2.ª É constituída por deputados que irão fazer uma nova Constituicão.

CARLOS FRANÇA, 35 anos empregado de escritório, Almada.

1.º — Vamos eleger uma Assembleia Constituinte.

2.º — Uma Assembleia Constituinte é uma Assembleia formada por deputados incumbidos de fazer uma Constituinte. Posto isto, a Assembleia dissolve-se e cria-se uma nova já constituída por deputados eleitos nos termos da nova Constituição.

MÁRIO LAURINDO GONÇALVES DOS SANTOS, 31 anos, economista, residente em Oeiras.

1.ª Deputados para a Assembleia Constituinte

2.ª Estes deputados têm a função de organizar uma nova Constituição.

DE FORA PARA DENTRO

LA STAMPA

«Perguntam alguns para que serve esta prova eleitoral, que utilidade poderá ter — com os militares assentes no Poder — uma grande afirmação do Partido Socialista. Digo que, se isto suceder, não será inútil. O M. F. A. não é um bloco homogéneo, mas sim uma espécie de nebulosa. E, no interior do Movimento, se a contagem dos votos vier a mostrar que o P. S. é o Partido de maioria relativa, haverá decerto um repensar da linha actual do M. F. A.: um repensar que poderá mesmo levar a profundas rectificações», declarou Mário Soares, secretário-geral do P. S., às três da manhã do dia 14, no Hotel Infante Sagres do Porto, enquanto ia chupando rodelas de limão com açúcar. O entrevistador foi Sandro Viola do jornal italiano «La Stampa».

Sandro Viola fala da grande popularidade do dirigente do P. S., manifestada em aclamações demoradas e em assistências numerosas que gritam: «Soares amigo, o povo está contigo.» A campanha — diz o jornalista — tem sido centrada à volta da personalidade do secretário-geral e é a mais viva, a mais «americana» de todos os partidos, com «majorettes», botas altas e bandas de música.

«O importante», diz Mário Soares, «é mostrar a nossa força. Havia no Partido quem não quisesse assinar o pacto com os militares, sustentando que não faz sentido aceder a desempenhar um papel secundário ante o Conselho da Revolução.» Mas a assinatura fez-se por três motivos: «Não se podia oferecer aos comunistas numa bandeja de prata a oportunidade de ficarem a ser os únicos interlocutores do M. F. A. A segunda é que, se tivéssemos recusado a assinatura, ver-nos-íamos rodeados do consenso, da simpatia, dos elogios da direita, o que teria sido politicamente perigoso. E a terceira é que não devemos dar pretextos àqueles, que, no seio do M. F. A., nutrem talvez a tentação de passarem desta forma de regime misto para uma forma mais propriamente militar.»

«Os comunistas», diz, «estão muito nervosos. As eleições preocupam-nos porque se sentem premiados à direita por nós e à esquerda pelos grupos extremistas.» E mais adiante: «Mas não é no plano eleitoral que eles constituem problema. O ponto é o contínuo reforço das posições deles no aparelho de Estado.» O jornalista diz que isto é mau, «entre outras razões, porque o P. C. P. tem falta de quadros e, por isso, pode levar para postos muito importantes pessoas de qualidade e preparação bastante modestas».

Mário Soares achou que o quadro da economia do nosso país «não podia ser mais alarmante» e daqui só havia duas soluções: ou o M. F. A. se torna mais realista e rectifica as suas posições ou o País acabará por cair «numa espécie de Albânia, um enclave rico num contexto pobre, um País com o qual nem sequer o Terceiro Mundo (esse Terceiro Mundo de que tanto falam os oficiais do M. F. A.) teria vontade de manter relações».

INFORMACIONES

O enviado especial do jornal espanhol «Informaciones», Eduardo Barrenechea, tece algumas considerações sobre o processo político português e sobre os jornais do nosso país. Eis o que ele escreve: «Qualquer observador político atento à realidade lusitana e que tenha seguido a vida política de Portugal desde antes do 25 de Abril de 1974, conhecedor, portanto, da estrutura social, política e económica vigente e herdada do regime anterior, tem, por força da honestidade, que se dar conta de que só o M. F. A. — neste momento — está em condições de garantir um processo que tenda a uma efectiva democratização pluralista neste País.»

«Já disse muitas vezes que um país pobre, de abismais diferenças económicas e sociais e quase sem classes médias, analfabeto em quase 40 por cento e recém-saído de um período de meio século de feudalismo só pode desembocar em extremos. É preciso um período de transição, politização, culturização no mais amplo sentido da palavra para criar as mínimas condições que garantam uma via democrática e pluralista.»

O jornalista aponta três perigos deste período de transição: «Que certos militares tomem gosto excessivo ao Poder, que o P. C. consiga influenciar decisivamente nesse sentido e que as Forças Armadas continuem a ter excessiva desconfiança em relação aos civis.»

O jornalista entende que a crítica é a «melhor garantia do processo revolucionário em curso». A esse respeito entende que «os jornais portugueses não são críticos, salvo muito escassas excepções». «Não são críticos», acrescenta, «nem autocríticos e não gostam que nós, estrangeiros, façamos crítica. É certo que alguma Imprensa estrangeira não tem sido objectiva na análise da Revolução portuguesa, mas outra tem-no sido e muita Imprensa portuguesa confunde a crítica honesta e de boa-fé com os «ataques» de má-fé.»

«Criticar», diz, por fim, «não é fazer sobressair o que está mal, mas sim dizer o mais objectivamente possível, o que está bem, mal, ou regular. Exercer essa crítica não é apenas justo, não é apenas cumprir a missão de todo o jornalista, é também um elemento que muito pode auxiliar o processo português.»

l'Unità

ORGANO DEL PARTITO COMUNISTA ITALIANO

«É conhecido que durante décadas o episcopado português se distinguiu — salvo raras excepções — pelas suas posições declaradamente reaccionárias. A hierarquia eclesiástica foi um dos pilares da ditadura salazarista», escreve o órgão do P. C. Italiano, «L'Unita» num artigo intitulado «Os Bispos Portugueses e a DC». O artigo, assinado pelas iniciais F. I., afirma que «se Salazar acalcou durante meio século todas as liberdades democráticas, se afogou no sangue a rebelião nas colónias de Angola, Moçambique e Guiné, pôde fazê-lo com o apoio incondicional do cardeal Cerejeira». O jornal recorda que o antigo patriarca de Lisboa exprimiu numa carta apostólica, o seu pleno apoio ao regime, «pela sua obra de paz, de liberdade religiosa, de valorização dos princípios cristãos».

De seguida o jornal mostra por dois exemplos como a «liberdade religiosa» referida pelo cardeal Cerejeira era «garantida» no Portugal salazarista: as encíclicas do Papa João XXIII, «Mater et Magistra» e «Pacem in Terris» foram, na altura, publicadas em traduções deformadas e truncadas — só depois do 25 de Abril é que os leitores portugueses tiveram o direito de ler na íntegra esses textos fundamentais da Igreja renovada pelo Vaticano II. Outro exemplo: a viagem de Paulo VI a Bombaim na Índia foi ignorada pela Imprensa portuguesa só porque o Vaticano não aceitou reclamar junto do Governo indiano pela «restituição» a Portugal de Goa, Damão e Diu.

Depois de referir a autocrítica feita pelo Conselho Prebisterial do Patriarcado de Lisboa (o qual declarou que «a Igreja Católica Portuguesa reconhece unilateralmente os graves erros cometidos no passado e dispõe-se a repará-los agora»), o jornal salienta que essa autocrítica «veio apenas do novo cardeal», mas que a ela se subtraíu a conferência episcopal.

«Os bispos», diz, «decidiram intervir pesadamente na campanha eleitoral, no estilo italiano de 1948», recordando aos cristãos que não devem dar a sua adesão a «organizações incompatíveis com a concepção cristã do homem e da vida em sociedade.»

Para «L'Unita» este «não é o caminho que pode favorecer a consolidação da democracia em Portugal. Este é apenas o caminho que leva ao recontro frontal e que não liberta a Igreja portuguesa dos compromissos passados».

Partos em estabelecimentos de saúde com internamento (1973):		
Número	762	84 055
Percentagem do total de partos	26,6	51,7%
Partos sem qualquer assistência	1197	33 348
Percentagem do número total	41,9	39,7%

Saúde

N.º total de estabelecimentos de saúde incluindo farmácias e postos (1973)	186	5 423
N.º de estabelecimentos de saúde com internamento (1973)	17	544
N.º de camas existentes	1185	49 590
N.º de médicos	66	6 254
N.º de maternidades	0	22
N.º de habitantes por estabelecimento	11 424	14 790

Educação

Estabelecimentos de ensino:		
De ensino infantil	2	317
De ensino primário	745	15 386
De ciclo preparatório	33	822
Do ensino liceal	16	440
No ensino técnico	8	150 469
No ensino superior	1	53 918
Em outros tipos de ensino	4	15 162
Total	809	1 497 083
Alunos matriculados (1973):		
No ensino infantil	3	17 139
No ensino primário	906	895 978
No ensino preparatório	344	193 603
No ensino liceal	218	170 814
Do ensino técnico	140	225
Do ensino superior	13	57
De outros tipos de ensino	39	191
Total	1663	17 438
Pessoal docente (1973):		
Do ensino infantil	59	709
Do ensino primário	23 124	129 210
Do ensino preparatório	4879	12 386
Do ensino liceal	4230	8 788
Do ensino técnico	1650	9 718
Do ensino superior	25	3 396
De outros tipos de ensino	487	1 705
Total	34 454	65 912
Cantinas escolares (1973):		
Total	81	1 585
N.º de alunos beneficiados	3415	118 412

Actividades culturais

N.º de bibliotecas existentes (1973)	2	249
Museus existentes	2	114
N.º de receptores existentes	8164	605 112

Construção de habitações

N.º de fogos construídos para habitação (1973)	509	19 600

Energia eléctrica

N.º de consumidores (1973)	51 017	2 232 097
Consumo total de energia eléctrica em 1000 kw/h (1973)	72 230	8 192 378
Consumo total por habitante em Kw/h (1973)	372	1 018

Comércio

Estabelecimentos comerciais por grosso e a retalho (1968):		
Total	4005	
Com de uma a três pessoas ao serviço	3765	

Impostos

Imposto profissional:		
N.º de contribuintes (1973)	4379	468 993
Rendimentos tributados (em milhares de contos - 1973)	260,5	38 886.0
Imposto complementar:		
N.º de contribuintes (1973)	1224	168 192
Rendimentos colectáveis (em milhares de contos - 1973)	227,6	44 152,4

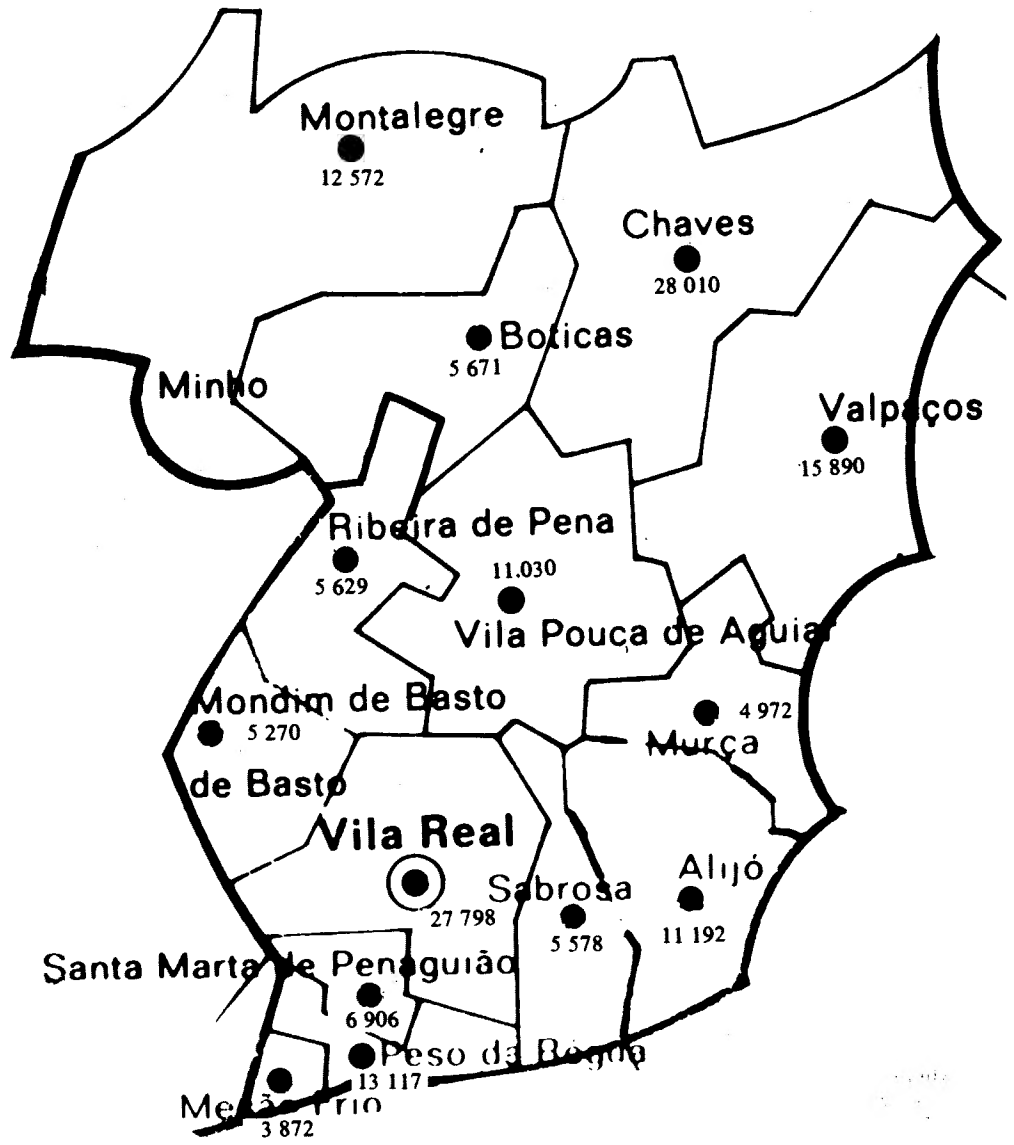
Divisão de propriedades

Explorações agrícolas:		
Com menos de 0,5 ha	6048	249 915
Entre 0,5 e 5 ha	27 237	442 526
Entre 5 e 20 ha	8343	67 518
Entre 20 e 50 ha	896	10 008
Entre 50 e 200 ha	135	3 935
Entre 200 e 1000 ha	18	1 570
Entre 1000 e 2500 ha	0	260
Com mais de 2500 ha	0	62
Total	42 677	775 794
Percentagem das explorações por conta própria	61	63%

Produção, poupança e remessas de emigrantes

Produto interno bruto do distrito em percentagem do valor total do continente (1970)	1,5	100%

VILA REAL



NOTA: Estes números correspondem a dados enviados ao S. T. A. P. em 8 de Janeiro findo, não sofrendo, porém, os números definitivos alterações.

ELEMENTOS ESTATÍSTICOS

População

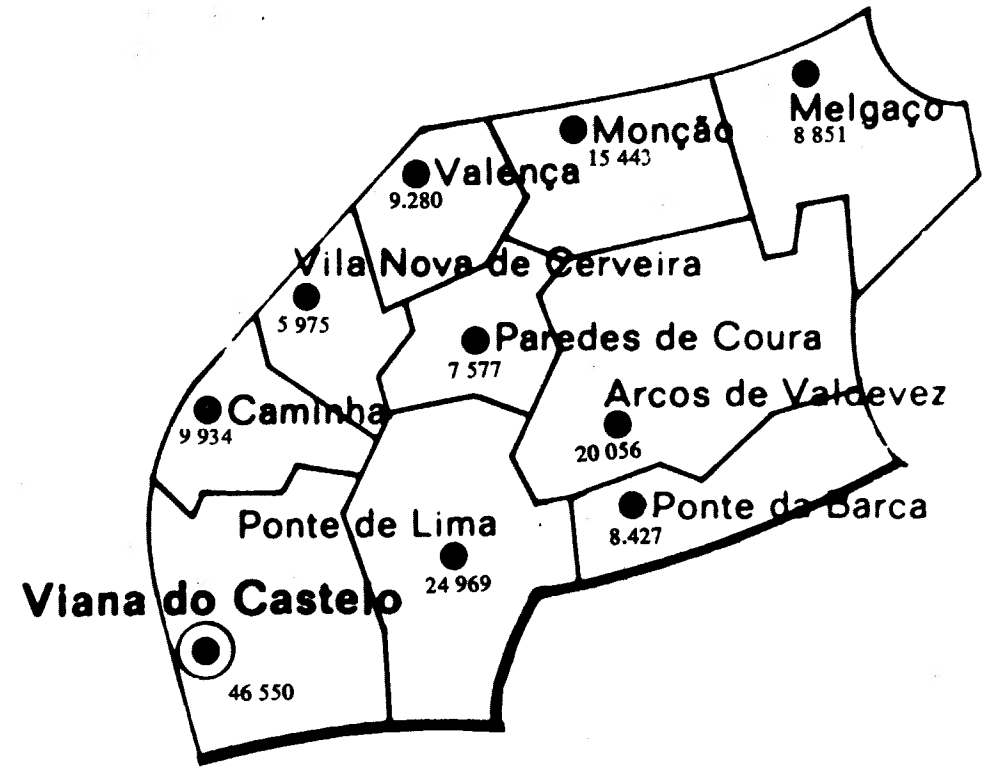
	VILA REAL	NACIONAL
Nível:		
População residente no meio do ano de 1973 (em milhares)		
Homens	90,1	3 803,4
Mulheres	104,1	4 242,4
Total	194,2	8 045.8
População activa em 1970 (em milhares)	69,3	2 988.2
Percentagem da população residente	32.9	37.0%
Evolução:		
Evolução entre 1960 e 1970	DIMINIU EM 4 CONC.	
Densidade:		
N.º médio de habitantes por km2	40	91
Emigração:		
N.º de habitantes que emigraram oficialmente entre 1960 e 1970	43 208	740 037
Mortalidade:		
N.º médio de óbitos por mil habitantes (1973)	13,7	11.1
Mortalidade infantil, por mil nados-vivos (1973)	58,4	43.6
Percentagem de óbitos de crianças com menos de um ano de idade	6.1	7.9%
N.º total de óbitos	2.656	89 079
Óbitos tendo por causa tuberculose do aparelho respiratório e pneumonias (1973):		
Número	105	6 081
Percentagem do total dos óbitos	4,0	6.8%
Óbitos tendo por causa enteritis e outras doenças diarreicas (1973):		
Número	39	2 130
Percentagem do total dos obitos	1,0	2,4 %
Natalidade:		
N.º médio de nascimentos por mil habitantes (1973)	14,4	19,9
N.º total de partos (1973)	2860	162 492

PORTUGAL 75

Como tínhamos anunciado, o número de hoje de Ponto Eleitoral contem elementos relativos aos distritos de Viana do Castelo e de Vila Real. Só desta forma poderemos publicar estes elementos em relação a todos os distritos do País até ao dia 23.

O nosso número de amanhã, que terá, como é hábito, 16 páginas, retomará a sua feião habitual.

VIANA DO CASTELO



NOTA: Estes números correspondem a dados enviados ao S. T. A. P. em 8 de Janeiro findo, não sofrendo, porém, os números definitivos alterações substanciais.

ELEMENTOS ESTATÍSTICOS

População

	VIANA DO CASTELO	NACIONAL
Nível:		
População residente no meio do ano de 1973 (em milhares)		
Homens	105,8	3 803,4
Mulheres	137,3	4 242,4
Total	242,8	8 045.8
População activa em 1970 (em milhares)	97,9	2 988.2
Percentagem da população residente	40,3%	37.0%
Evolução:		
Evolução entre 1960 e 1970	Estagnou em um Diminuiu em 9 concelhos	
Densidade:		
N.º médio de habitantes por km2	120	91
Emigração:		
N.º de habitantes que emigraram oficialmente entre 1960 e 1970	44 018	740 037
Mortalidade:		
N.º médio de óbitos por mil habitantes (1973)	11,7	11.1
Mortalidade infantil, por mil nados-vivos (1973)	38,7	43.6
Percentagem de óbitos de crianças com menos de um ano de idade	6,4%	7.9%
N.º total de óbitos	2 848	89 079
Óbitos tendo por causa tuberculose do aparelho respiratório e pneumonias (1973):		
Número	196	6 081
Percentagem do total dos óbitos	6,9%	6.8%
Óbitos tendo por causa enteritis e outras doenças diarreicas (1973):		
Número	60	2 130
Percentagem do total dos obitos	2,1%	2,4 %
Natalidade:		
N.º médio de nascimentos por mil habitantes (1973)	19,4	19,9
N.º total de partos (1973)	4 759	162 492

Partos em estabelecimentos de saúde com internamento (1973):		
Número	1 342	84 055
Percentagem do total de partos	28,2%	51.7%
Partos sem qualquer assistência	2 624	33 348
Percentagem do número total	55,1%	39.7%

Saúde

N.º total de estabelecimentos de saúde incluindo farmácias e postos (1973)	136	5 423
N.º de estabelecimentos de saúde com internamento (1973)	14	544
N.º de camas existentes	904	49 590
N.º de médicos	67	6 254
N.º de maternidades	0	22
N.º de habitantes por estabecimento	17 343	14 790

Educação

Estabelecimentos de ensino:		
De ensino infantil	1	317
De ensino primário	689	15 386
De ciclo preparatório	24	822
Do ensino liceal	15	440
Do ensino técnico	5	225
Do ensino superior	0	57
De outros tipos de ensino	4	191
Total	738	17 438
Pessoal docente (1973):		
Do ensino infantil	1	709
Do ensino primário	1 012	129 210
Do ensino preparatório	295	12 386
Do ensino liceal	159	8 788
Do ensino técnico	115	9 718
Do ensino superior	0	3 396
De outros tipos de ensino	37	1 705
Total	1 619	5 912
Alunos matriculados (1973):		
No ensino infantil	44	17 139
No ensino primário	32 015	895 978
No ensino preparatório	4 299	193 603
No ensino liceal	2 892	170 814
No ensino técnico	2 290	150 469
No ensino superior	0	53 918
Em outros tipos de ensino	384	15 162
Total	41 924	1 497 083
Cantinas escolares (1973):		
Total	44	1 585
N.º de alunos beneficiados	3 747	118 412

Actividades culturais

N.º de bibliotecas existentes (1973)	2	249
Museus existentes	1	114
N.º de receptores existentes	7 795	605 112

Construção de habitações

N.º de fogos construídos para habitação (1973)	708	19 600

Energia eléctrica

N.º de consumidores (1973)	45 467	2 232 097
Consumo total de energia eléctrica em 1000 kw/h (1973)	51 313	8 192 378
Consumo total por habitante em Kw/h (1973)	211	1 018

Comércio

Estabelecimentos comerciais por grosso e a retalho (1968):		
Total	4 342	
Com de uma a três pessoas ao serviço	4 031	

Impostos

Imposto profissional:		
N.º de contribuintes (1973)	4 858	468 993
Rendimentos tributados (em milhares de contos - 1973)	251,0	38 886.0
Imposto complementar:		
N.º de contribuintes (1973)	1 454	168 192
Rendimentos colectáveis (em milhares de contos - 1973)	270,8	44 152.4

Divisão de propriedades

Explorações agrícolas:		
Com menos de 0.5 ha	21 338	249 915
Entre 0,5 e 5 ha	21 635	442 526
Entre 5 e 20 ha	504	67 518
Entre 20 e 50 ha	41	10 008
Entre 50 e 200 ha	1	3 935
Entre 200 e 1000 ha	1	1 570
Entre 1000 e 2500 ha	0	260
Com mais de 2500 ha	0	62
Total	43 520	775 794
Percentagem das explorações por conta própria	59%	63%

Produção, poupança e remessas de emigrantes

Produto interno bruto do distrito em percentagem do valor total do continente (1970)	1,5%	100%
Produto interno bruto por habitante em contos (1970)	9,3	19.8
Poupança total por habitante em contos	3,0	5.8
Poupança dos particulares por habitante em contos (1970)	1,5	2,9
Remessas de emigrantes recebidas no distrito, em milhões de contos	1,1	19.2

O DISTRITO DE VIANA DO CASTELO PERANTE AS CONSTITUINTES

Previsão da população com 18 ou mais anos em 31 de dezembro	161 200
Número definitivo	156 884
Número de deputados	6
Número de assembleias e secções de voto	337.

«VIANA DO CASTELO» PARTIDOS E CANDIDATOS

C.D.S.

1 António Pereira de Castro Norton de Matos, 40 anos, eng.
2 João Henrique Ferreira Alves, 55 anos, advogado
3 António Júlio Queirós, 27 anos, empregado de escritório
4 Francisco João da Cunha, 35 anos, professor primário
5 Luís Gil Serveira de Morais, 45, anos, comerciante
6 Fernando Augusto de Vasconcelos Calheiros de Barros, 38 anos, desenhador da construção civil

F.E.C.

1 Aníbal M. da Silva, 41 anos, operário
2 Abel Castro, 24 anos, operário da construção civil
3 Manuel Marques, 27 anos, operário
4 Elias da Silva, 26 anos, operário electricista
5 Cidália Lopes, 24 anos, dactilógrafa
6 José Luís Marinhas Ribeiro, 22 anos, operário electricista

F.S.P.

1 José Luís Miranda de Faria, funcionário
2 Daniel Alcino Pereira Barreto, empregado de escritório
3 Aleixo Albano Teixeira Bastos Torres, bancário
4 Vitorino Mártires Ferreira, empregado de escritório
5 Daniel Sampaio do Rego, operário construção civil
6 José Oliveira de Matos, operário cartonageiro.

M.D.P.

1 António Fero Ribeiro da Silva, 68 anos, advogado
2 Romeu Fernandes Martins de Sousa, 38 anos, advogado
3 Orlando de Sá Vieira Mendes, 39 anos, advogado
4 Amadeu Antunes Carvalho, 45 anos, técnico de desenho
5 Alexandre Horácio da Silva Rodrigues, 68 anos, prof. do ensino secundário
6 Ana Maria Ribeiro da Silva, 42 anos, professora ensino básico

M.E.S.

1 José Cândido de Araújo Rodrigues, 33 anos, prof. ens. técnico
2 Joaquim da Silva Lopes, 34 anos, empregado de escritório
3 José Barbosa Braga, 39 anos, operário metalúrgico
4 Fernando Neiva da Silva, 21 anos, prof. ensino básico.
5 João Alberto de castro Gonçalves da Rocha, 34 anos, operário electricista

P.C.P.

1 José Gil Alves, 53 anos, agricultor
2 Maria Luísa da Costa Dias, 58 anos, médica
3 Gonçalo Fagundes Meira, 27 anos, operário metalúrgico
4 Francisco José Sá Lopes, 36 anos, advogado
5 Ângelo Cerqueira da Rocha, 46 anos, empregado comercial
6 Maria Júlia Pereira da Silva, 35 anos, prof. ensino secundário

P.P.D.

1 António Leite de Castro, eng. técnico industrial
2 Abel Augusto de Almeida Carneiro, 48 anos, advogado
3 António Roleira marinho, 32 anos, emp. bancário
4 António Barbosa Gonçalves, 31 anos, estudante
5 Américo Sequeira, 43 anos, prof. ensino secundário
6 Manuel Rodrigues de Freitas, 34 anos, comerciante.

P.P.M.

1 Manuel António Torres Gomes
2 Manuel Maria Ferreira Vieira
3 Maria Filomena Abreu Coutinho
4 José Augusto Carmo de Araújo
5 António Rodrigues Fernandes de Sousa
6 José Adolfo Costa Azevedo

P.S.

1 Alberto Oliveira e Silva, advogado
2 Manuel Tito de Morais, eng.
3 Damião da Cunha, médico
4 Manuel Araújo Pimenta, farmacêutico
5 José Gomes Moreira, advogado
6 António Paltar Terra, emp. escritório.

COMISSÃO NACIONAL DAS ELEIÇÕES

PORTUGUÊS

A lei **proibe-te** de, dentro da Assembleia ou Secção de Voto e até uma distância de 500 metros da mesma dizeres, seja a quem for, em que partido vais votar ou em que partido já votaste.

O VOTO é secreto e «Ninguém pode ser, sob qualquer pretexto, obrigado a revelar o seu voto»; assim o diz o artigo 85.º da Lei Eleitoral, o Decreto-Lei n.º 621-C/74 de 15 de Novembro.

A lei **protege-te** pois, de todas e quaisquer pressões que alguém porventura tente fazer sobre ti no sentido de te levar a votar contra tua vontade.

O teu voto apenas tem que obedecer à tua consciência e à tua honra.

COMISSÃO NACIONAL DAS ELEIÇÕES

O eleitor inscreveu-se no recenseamento da sua freguesia e só nesssa freguesia poderá ir votar. Contudo, e como nas freguesias mais populosas irão funcionar várias secções de voto, deve, desde já, ir procurar nos editais afixados na sede da junta e outros lugares públicos, qual a secção de voto em que está inscrito, bem como qual o local onde a mesma irá funcionar.

Para lá se deve dirigir no dia 25 de Abril, entre as 8 horas da manhã e as 7 horas da tarde, e aí:

— Aguarda na fila.
— Chegada a sua vez, identifica-se perante o presidente da mesa, dizendo o nome e apresentando um documento de identificação.
— Após confirmação de que o seu nome está no caderno eleitoral, recebe um boletim de voto.
— Dirige-se a uma das câmaras de voto.
— Verifica-se que o boletim não tem qualquer rasura ou sinal.
— Marca com uma cruz, no quadro respectivo, o partido que conscientemente tiver escolhido.
— Dobra o boletim ao meio deixando a parte branca para fora e depois novamente ao meio (cruzando o vinco da primeira volta).
— Sai da câmara de voto e regressa para junto da mesa.
— Entrega o boletim dobrado ao presidente, que o introduzirá na urna que ali se encontra.
— Retira-se do local.

Oeleitor deve seguir exactamente o que atrás fica descrito; se, por acaso, se enganar, deve voltar ao presidente da mesa e pedir novo boletim de voto, entregando o inutilizado.

— Em caso algum quem quer que seja pode ser obrigado a revelar o partido em que votou ou vai votar.
— Por sua iniciativa só pode dizer em que partido votou, se se encontrar a mais de 500 metros de distância da assembleia ou secção de voto.

VOTO UMA ARMA DO POVO